



Lisa Alves Dequech

*Os Estudantes Estrangeiros na Universidade do Porto:
A Aprendizagem numa Perspetiva Intercultural*

**Relatório de Estágio realizado no Serviço de Relações
Internacionais da Reitoria da Universidade do Porto**

Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Orientador: Prof. Doutor Manuel Loff

Orientador Externo: Dr.^a Cristina Ferreira

PORTO, SETEMBRO DE 2011

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História, Relações Internacionais e Cooperação, realizada sob a orientação científica do Prof. Doutor Manuel Loff, Departamento de História e Estudos Políticos e Internacionais e Cooperação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar devo dirigir um especial agradecimento ao meu avô por me inspirar sempre, e a toda a minha família por me apoiar incondicionalmente e por acreditar em mim mais do que eu. Tenho a impressão que veem sempre uma versão melhorada de mim.

Gostaria de agradecer também a todos que estiveram presentes nesta fase da minha vida. Aos meus queridos amigos agradeço o apoio, amizade e carinho, por me ajudarem a concretizar os meus objetivos. Estou certa de que sem estas pessoas extraordinárias tudo seria impossível.

Ao meu Orientador, Prof. Doutor Manuel Loff, agradeço pela paciência e trabalho de orientação, mas sobretudo pelas aulas mais dinâmicas que frequentei ao longo do meu percurso académico, e pelo entusiasmo que transmite aos seus alunos e que nos acompanha depois de todas as aulas e sessões de orientação. A partir do terceiro ano da licenciatura passei a olhar a História de maneira diferente, e descobri que o entusiasmo em torno das Relações Internacionais se prendia afinal também com a História da Europa do século XX. Devo agradecer-lhe também por transmitir aos alunos o prazer de aprender e a vontade de trabalhar para corresponder à sua exigência e expectativas, e por fornecer sempre os instrumentos para chegar lá.

Não posso deixar de agradecer igualmente à Prof^a. Doutora Amélia Polónia, que merece um lugar de destaque pela orientação durante a fase inicial do meu trabalho. A sua pronta ajuda durante a elaboração do projeto de estágio foi fundamental, bem como os contributos ao nível da metodologia de investigação. Os conteúdos programáticos do seminário de Metodologia de Investigação, durante o ano curricular do mestrado, revelaram-se sem dúvida fundamentais para os mestrandos durante a elaboração das Dissertações e Relatórios de Estágio.

Devo também um forte agradecimento a toda a equipa do Serviço de Relações Internacionais e do Serviço de Cooperação com Países Lusófonos e Latino-Americanos da Reitoria da Universidade do Porto, pelo apoio, ensinamentos e pelo acolhimento que superou completamente as minhas expectativas. Dirijo em especial as minhas palavras de agradecimento à minha Orientadora Externa, Dra. Cristina Ferreira e igualmente à Dra. Teresa Medeiros, à Dra. Elisabeth Ribeiro, e à Dra. Luísa Capitão, que acompanharam de perto o trabalho que pude desenvolver enquanto estagiária. Agradeço-lhes o carinho, compreensão e a aprendizagem que me proporcionaram. Finalmente, um agradecimento especial a Jernej Povoden e a todos os outros colegas estagiários que me acompanharam durante o estágio pela experiência que também nós vivemos: uma aventura e uma aprendizagem intercultural.

Agradeço aos colegas de mestrado, em especial, a Ana Regina Pinho, Maria João Pinto e Leonor Cunha, pelo companheirismo e apoio nos momentos de angústia e nervosismo, ninguém obviamente me compreenderia melhor.

Por último gostaria de expressar a minha gratidão a todos os estudantes e investigadores estrangeiros, que passaram pelo SRI durante o ano académico de 2010/2011, por tudo que aprendi graças a eles e, sobretudo, por terem partilhado comigo as suas experiências e histórias de vida.

RESUMO

Os Estudantes Estrangeiros na Universidade do Porto: A Aprendizagem numa Perspetiva Intercultural

Lisa Dequech

PALAVRAS-CHAVE: Cooperação Internacional; Educação; Ensino Superior; Universidade; Mobilidade Estudantil Internacional; Migração Estudantil; Integração; Comunicação Intercultural

Este trabalho tem como objeto um estágio no âmbito do mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Este estágio teve lugar no Serviço de Relações Internacionais da Reitoria da Universidade do Porto. As minhas atividades foram especialmente direcionadas para a mobilidade de estudantes estrangeiros na Universidade do Porto, particularmente ao abrigo de programas de mobilidade no âmbito de programas comunitários no âmbito do *Life Learning Programme* (*Erasmus* e *Leonardo da Vinci*), ou do programa *Erasmus Mundus*, bem como de programas não-comunitários como o programa *Fulbright*, e de acordos de cooperação com instituições parceiras.

Neste sentido, participei activamente nas atividades decorrentes do funcionamento habitual do Serviço e da Unidade da Mobilidade *Incoming*, prestando igualmente contributos originais de acordo com os objectivos gerais e específicos atribuídos no meu projeto de estágio. Foi partir daqui que toda a análise crítica de mobilidade e migração estudantil despoletou. Através de um contacto direto com os estudantes de mobilidade e ainda por via de inquérito e de entrevistas exploratórias a este universo de intervenção (estudantes estrangeiros que realizaram um período de mobilidade na U.Porto), conjugado com a análise de documentação e revisão de literatura e contributos teóricos sobre o assunto, foi-me possível produzir esta reflexão e chegar às conclusões descritas neste trabalho.

Ao longo do trabalho desenvolvido, pude adquirir a experiência desejada na área da Cooperação Internacional ao nível do ensino superior e constatar o papel relevante da Universidade do Porto no que à mobilidade estudantil internacional diz respeito. Também o facto de trabalhar num ambiente multicultural, e o contacto privilegiado com os estudantes e investigadores estrangeiros, me proporcionou o desenvolvimento de competências interculturais e linguísticas, bem como aptidões técnicas, pessoais e humanas. Esta experiência foi muito positiva para mim tanto no contexto profissional como pessoal. Assim, espero que também o trabalho por mim desenvolvido tenha sido relevante para a instituição, e para os estudantes estrangeiros recebidos na Universidade do Porto que participaram neste projeto.

ABSTRACT

Foreign Students in the University of Porto: Learning from an Intercultural Perspective

Lisa Dequech

KEYWORDS: International Cooperation; Tertiary Education; University; International Student Mobility; Student Migration; Integration; Cross Cultural Communication.

This paper is the result of an internship in the framework of the Master in History, International Relations and Cooperation of the Faculty of Arts of the University of Porto. This internship was held in the International Office of the Rectory of the University of Porto. My activities were specially related with the international student mobility in the University of Porto, in particular within the scope of communitarian mobility programmes such as the Long Life Learning Programme (*Erasmus* and *Leonardo da Vinci*) and the Erasmus Mundus programme; of non-communitarian programmes, as the Fulbright programme and of Cooperation Agreements with partner institutions.

Therefore, I took part in the activities related with the regular functioning of the International Office and the Incoming Mobility Unit, and also gave original contributes according to the general and specific objectives defined in my preliminary research project. From this point, I have started a critical analysis on international student mobility and student migration. Through a direct contact with the mobility students; empirical data from questionnaire surveys and exploratory interviews to a sample of this universe (international students who have spent a mobility period at the U.Porto); added to the analysis of documentation, scant literature and theoretical contributes on the matter; it was possible for me to formulate this reflection and come to the conclusions described in this paper.

During the development of this internship I was able to acquire the advantageous experience I was looking for in the field of International Cooperation, at the level of tertiary education and realize the relevant role of the University of Porto in what concerns international student mobility. Moreover, the fact that I have worked in a multicultural environment and have a privileged contact with foreign students and researchers, has allowed me to develop intercultural and linguistic skills, and also technical, personal and human abilities. This experience has been very beneficial to me in a professional context as in a personal one, and I also expect that the research I have developed has been relevant to the institution and to the mobility students and researchers that were received at the University of Porto and participated on this project.

Índice

Introdução	10
Parte I.....	12
Estágio no SRI da U.Porto.....	12
Caracterização da Instituição de Acolhimento	13
Descrição e Missão.....	13
Unidade de Gestão de Mobilidade IN.....	15
Programas de Ensino, Formação e Investigação.....	16
Descrição das Atividades e Funções Realizadas na Instituição	25
1.Acolhimento e Orientação dos Estudantes estrangeiros na U.Porto	26
1.1.Reuniões de Registo e Informação	26
A. Apresentação e desenvolvimento da atividade.....	26
B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida.....	28
1.2.Atendimento Personalizado e Acompanhamento dos Estudantes	30
A. Apresentação e desenvolvimento da atividade.....	30
B. Apreciação crítica à atividade desenvolvida.....	30
2.Promoção da Integração dos Estudantes e Investigadores	32
2.1.Iniciativas Institucionais	32
2.1.1. Tradicional Jantar de Natal.....	32
A.Apresentação e desenvolvimento da atividade	32
B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida.....	33
2.1.2. Sessão de Boas Vindas.....	34
A.Apresentação e desenvolvimento da atividade.....	34
B.Apreciação crítica da atividade desenvolvida.....	36
2.1.3. Sessão de Divulgação <i>Euraxess</i>	38
A.Apresentação e desenvolvimento da atividade.....	38
B.Apreciação crítica da atividade desenvolvida.....	40
2.2.Cooperação com Entidades Externas.....	42
2.2.1.Protocolo com Câmara Municipal do Porto	42
A. Apresentação e desenvolvimento da atividade.....	42
B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida.....	42
2.2.2.Colaboração com a <i>Erasmus Student Network</i>	44
A. Apresentação e desenvolvimento da atividade.....	44

B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida.....	45
2.3.Promoção dos cursos de Português para estrangeiros	47
A. Apresentação e desenvolvimento da atividade	47
B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida.....	48
3.Desenvolvimento e gestão de procedimentos para a Mobilidade IN.....	51
3.1. Grupo de Trabalho Erasmus.....	51
A. Apresentação e desenvolvimento da atividade	51
B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida.....	52
3.2.Sigarra - Módulo IN.....	54
A. Apresentação e desenvolvimento da atividade	54
B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida.....	58
4. Atividades Institucionais	59
4.1. Portal da Cooperação Internacional	59
A. Apresentação e desenvolvimento da atividade	59
B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida.....	59
4.2.Divulgação e Promoção da U.Porto.....	60
A. Apresentação e desenvolvimento da atividade	60
B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida.....	60
Parte II.....	62
Mobilidade Estudantil na U.Porto: Comportamentos e Perceções	62
5. Justificação e Pertinência	63
6.Universo de Intervenção e Conceptualização.....	69
7. Enquadramento Teórico da Investigação e Abordagens Relevantes.....	72
7.1. A Mobilidade Estudantil Internacional	72
7.2. Os Estudantes Estrangeiros são “Migrantes como os Outros?”	75
8. Metodologia.....	78
8.1.Objetivos	78
8.2.Exploração.	80
8.3.Observação.....	82
8.4.Apresentação e Análise dos Resultados.....	83
9.Síntese.....	104
10. Conclusão.....	110
11. Referências Bibliográficas	117
Lista de Abreviaturas e Siglas	121

Lista de Gráficos e Figuras.....	123
Lista de Tabelas	124
Anexos	A-01
Anexo I- Projeto de Estágio	A-05
Anexo II- Sessão de Boas Vindas nos Meios de Comunicação Social.....	A-16
Anexo III- Protocolo entre a U.Porto e a CMP.....	A-35
Anexo IV- Programa da Jornada Portuguesa do <i>Festlatin</i>	A-39
Anexo V- Manuais de Apoio na Candidatura à U.Porto	A-41
Anexo VI- Procedimentos de Candidatura a um Período de Estudos na U.Porto.....	A-57
Anexo VII- Programa das Comemorações do Centenário da U.Porto (1911-2011)....	A-61
Anexo VIII - Inquérito aos Estudantes de Mobilidade Internacional U.Porto	A-69
Anexo IX - Testemunhos dos Estudantes de Mobilidade Internacional na U.Porto	A-87
Anexo X – Acordos Erasmus e de Cooperação Geral entre a U.Porto e Universidades Parceiras	A-98

Introdução

O Relatório que aqui se apresenta tem como objeto um estágio, no âmbito do Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Este estágio teve lugar no Serviço de Relações Internacionais (SRI) da Reitoria da Universidade do Porto (U.Porto), nomeadamente na Unidade de Mobilidade *Incoming* (IN), e foi especialmente direcionado para a mobilidade de estudantes estrangeiros que efetuaram durante o ano letivo 2010/2011, ou pretendiam efetuar posteriormente, um período de estudos na Universidade do Porto, ao abrigo de programas de mobilidade e de acordos de cooperação, excepto estudantes de mobilidade provenientes de países lusófonos e latino-americanos, uma vez que, estes são recebidos na Unidade de Mobilidade *Incoming* do Serviço de Cooperação com Países Lusófonos e Latino-americanos (SCPLLA) da Reitoria da Universidade do Porto cuja organização e funcionamento se opera analogamente ao SRI. O estágio desenvolvido visou também, a presença de investigadores estrangeiros na Universidade recebidos no âmbito do Centro *Euraxess*, ponto de apoio e informação para investigação na Universidade do Porto e/ou Unidades de Investigação e Desenvolvimento (I&D).

A duração total do estágio, para efeitos de Mestrado, foi de 400 horas, conforme estipulado no plano de estudos do Curso de Mestrado, prestadas entre Dezembro de 2010 e Abril de 2011¹.

Tomando este estágio como ponto de partida para uma análise crítica concentrada na cooperação universitária e na mobilidade estudantil, no caso específico da Universidade do Porto, o presente relatório encontra-se dividido em duas partes na primeira parte foca-se na componente prática, expondo o estágio propriamente dito; e a segunda parte consiste num enquadramento teórico (do estágio e das ações realizadas) sobre globalização e cooperação internacional na área da educação ao nível do ensino superior, sobre migração e mobilidade estudantil, e na exposição da investigação.

¹ Cf. Projeto de Estágio, Anexo I deste relatório, onde se apresenta um cronograma detalhado.

Na primeira parte, de cariz manifestamente prático, contextualizo o SRI, enquanto instituição de acolhimento, e o departamento que integrei na qualidade de estagiária – a Unidade de Gestão de Mobilidade IN, bem como os programas de mobilidade promovidos pela Universidade do Porto, especificando aqueles nos quais esta unidade está ativamente envolvida, e que expressividade e relevância tiveram no ano académico em que o estágio se realizou. Após esta contextualização, detenho-me na apresentação das atividades levadas a cabo ao longo do estágio, analisando o desenvolvimento e concretização de cada uma.

O que se pretende na segunda parte é uma reflexão acerca da mobilidade internacional estudantil e, em particular desta mobilidade na Universidade do Porto. Propõe-se a concretização dos objetivos formulados no projeto de estágio², nomeadamente compreender o apoio prestado a estes estudantes, definindo este universo, no sentido de não o considerar apenas enquanto objeto de estudos estatísticos³, mas de determinar quais são as características destes estudantes, os motivos que os movem na escolha do destino de mobilidade, e quais as expectativas relativamente à U. Porto. Finalmente, apresento uma síntese dos resultados do trabalho.

Concluo com uma reflexão final sobre a investigação desenvolvida em torno dos estudantes estrangeiros, sobre o estágio e a importância das funções por mim desempenhadas, e sobre a atuação da U.Porto ao nível da Cooperação Internacional e da mobilidade de estudantes estrangeiros, traçando algumas perspetivas para o futuro.

Alguns documentos dos vários produzidos ao longo do estágio, nomeadamente aqueles que considero mais relevantes, e outros, por serem ilustradores de atividades consideradas neste relatório, são apresentados, em anexo a este relatório.

² Cf. Ponto 4 do projeto de estágio, que se encontra como anexo I deste relatório.

³ Numa pesquisa de dados e estudos disponíveis a nível institucional, apenas se encontram (abundantemente) dados estatísticos (principalmente relativos ao programa LLP e subprograma Erasmus, uma vez que estes são fornecidos pela Agência Nacional (LLP) de cada país e agregados por ano académico pela Comissão Europeia) relacionados com fluxos de mobilidade, aspetos demográficos e relacionados com a atribuição de bolsas de estudos.

Parte I

Estágio no Serviço de Relações Internacionais da U.Porto

Este capítulo dedica-se ao estágio realizado no Serviço de Relações Internacionais (SRI) da Universidade do Porto, nomeadamente à sua componente prática. O Serviço de Relações Internacionais tem como missão promover a política de cooperação com Universidades estrangeiras e desenvolver o projeto de internacionalização da U.Porto.

A ação deste Serviço divide-se em: implementação de acordos e parcerias; processamento da mobilidade *outgoing* (para o exterior da U.Porto); processamento da mobilidade *incoming* (do exterior para a U.Porto); apoio a candidaturas a programas nacionais e europeus de financiamento; gestão de projetos de educação e formação; promoção da imagem da Universidade e captação de novos públicos, e tratamento da informação e divulgação de oportunidades de cooperação e de financiamento.

Ao longo do estágio participei em diversas atividades como: o acolhimento e orientação dos estudantes que realizaram um período de estudos durante o ano letivo de 2010/2011, colectiva e individualmente; a promoção da integração dos estudantes e investigadores através da promoção de iniciativas institucionais, como o tradicional Jantar de Natal, a Sessão de Boas Vindas, a Sessão de Divulgação do Centro Euraxess; da cooperação com entidades externas como a Câmara Municipal do Porto e a *Erasmus Student Network* (ESN), e através da divulgação dos cursos de Língua promovidos pela U.Porto; o desenvolvimento e gestão de procedimentos para a Mobilidade IN, através da articulação com as Unidades Orgânicas, do Grupo de Trabalho Erasmus, e da participação no desenvolvimento do Sigarra –Módulo de Cooperação IN; a divulgação e promoção da U.Porto, junto das Instituições de Ensino Superior (IES) parceiras e dos estudantes; e através da participação e colaboração na organização da IX Mostra de Ensino e Inovação da U.Porto e das Comemorações do Centenário da U.Porto (1911-2011).

Algumas destas atividades não estavam previstas no projeto de estágio, sendo-me atribuídas pelos responsáveis, ou por minha iniciativa, já no decorrer do estágio realizado, como por exemplo a colaboração na disponibilização de informação no portal da Cooperação Internacional no página da U.Porto e a participação nas atividades institucionais incluídas na IX Mostra da U.Porto e nas comemorações do Centenário da U.Porto.

Caracterização da Instituição de Acolhimento

Descrição e Missão

Como para tantas outras Instituições de Ensino Superior, “a internacionalização é um objetivo estratégico para a Universidade do Porto”⁴.

O Serviço de Relações Internacionais (SRI) da Universidade do Porto é um dos instrumentos principais da estratégia de Internacionalização na Universidade, coordenando e desenvolvendo as ações de cooperação internacional. Tem como principal missão coordenar e apoiar as variadas atividades de cooperação internacional da U.Porto, funcionando como centro de informação e ligação da U.Porto nas redes internacionais, em articulação permanente com as diferentes Unidades Orgânicas, e Universidades Parceiras.

Especificamente, compete-lhe responder às necessidades da comunidade académica no seu relacionamento internacional, nomeadamente:

- (i) Promover, organizar e processar ações de mobilidade estudantil, de docentes e de investigadores - *Outgoing* (OUT) e *Incoming* (IN). Na vertente OUT, proporcionando informação atualizada sobre programas de educação e condições para a mobilidade de estudantes, docentes e investigadores da Universidade do Porto, orientando os que pretendam realizar um período de estudos no estrangeiro⁵; e, na vertente IN, promovendo ações para captar estudantes estrangeiros, acolhendo e orientando os estudantes estrangeiros que realizam ou pretendem realizar um período de estudos na Universidade do Porto⁶;
- (ii) Apoiar o envolvimento em programas internacionais de educação e formação; coordenar institucionalmente a participação no *Life Learning Programme* (LLP)⁷ –

⁴ Universidade do Porto, (2009).

⁵ Excepto em instituições de ensino superior de Países Lusófonos e Latino-Americanos, o relacionamento com estas regiões cabe ao Serviço de Cooperação com Países Lusófonos e Latino-Americanos (SCPLLA).

⁶ Excepto aqueles cuja instituição de origem/envio sejam instituições de ensino superior de Países Lusófonos e Latino-Americanos, o relacionamento com estas regiões cabe ao Serviço de Cooperação com Países Lusófonos e Latino-Americanos (SCPLLA).

⁷ Em Português, Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida (PALV) da Comissão Europeia, do qual fazem parte integrante os subprogramas Leonardo da Vinci e Erasmus (desde 2007 até 2013, substituindo o programa Socrates/Erasmus de 2000-2006), Cf. Comissão Europeia (2007).

Erasmus e Leonardo da Vinci e gerir o financiamento concedido pela Agência Nacional, organizando os processos de bolsas de mobilidade; coordenar igualmente a participação no Programa Erasmus Mundus - Ação 2, gerindo o financiamento concedido pela Comissão Europeia para os consórcios internacionais com instituições europeias e instituições de países terceiros, com vista à implementação de programas de mobilidade de estudantes, docentes e investigadores; promover e apoiar a concretização de acordos e protocolos de cooperação com entidades estrangeiras; promover, em articulação com o Serviço de Comunicação e Imagem, a captação e a realização de grandes eventos internacionais na U.Porto e participar em mostras e feiras internacionais de educação⁸.

Cabe ainda a este Serviço, a identificação das “oportunidades e acompanhamento da formalização de candidaturas aos programas em desenvolvimento, com o objetivo de desenvolver e fortalecer a cooperação da Universidade com um conjunto cada vez mais alargado de instituições internacionais (...)”. Por último, o Serviço de Relações Internacionais da Universidade funciona também como Centro Regional de Informação *Fulbright*, disponibilizando “a todos os estudantes da U.Porto e da região, informações sobre as oportunidades de bolsa no âmbito do programa *Fulbright*, sobre o sistema de ensino norte-americano e sobre o processo de candidatura às universidades americanas”. Assegurando igualmente o funcionamento do Centro *Euraxess* da Universidade do Porto⁹, enquanto ponto de apoio e informação dos investigadores que efetuam ou pretendem efetuar um período de investigação na Universidade¹⁰.

O Serviço de Relações Internacionais é superintendido pelo vice-reitor para a Comunicação, Imagem e Relações Internacionais, cargo assumido à data por António Teixeira Marques. A direção do Serviço está a cargo de Cristina Ferreira, também Coordenadora Institucional do intercâmbio de estudantes ao abrigo de Programas de Mobilidade e de Acordos de Cooperação, que assumiu a Orientação Externa do projeto de estágio aqui apresentado.

⁸ Reitoria da Universidade do Porto, (2010)

⁹ *O Local Contact Point Euraxess* funciona na Unidade de Gestão da Mobilidade IN, onde os investigadores estrangeiros são recebidos, paralelamente aos estudantes de mobilidade internacional (Cf. ponto 2.1.3. acerca das atividades deste centro).

¹⁰ Universidade do Porto (2010).

A Unidade de Mobilidade *Incoming* deste Serviço, cuja equipa integrei, é constituída pela Teresa Medeiros, responsável pela Unidade IN, e Jernej Povoden, estagiário ao abrigo do programa Erasmus (Estágios).

Unidade de Gestão da Mobilidade IN

À unidade de gestão da Mobilidade IN no Serviço de Relações Internacionais cabe:

- a) Acompanhar os processos de candidatura dos estudantes estrangeiros de mobilidade, apoiar e acompanhar os estudantes estrangeiros durante o seu período na U.Porto;
- b) Interagir com os Serviços de Ação Social (SASUP) no que diz respeito à atribuição e gestão das vagas de alojamento universitário aos estudantes internacionais na U.Porto;
- c) Organizar as reuniões de receção, informação e registo de todos os estudantes o SRI;
- d) Organizar as Sessões de Boas Vindas aos estudantes e investigadores estrangeiros, no primeiro e segundo semestre de cada ano académico (em conjunto com o SCPLLA);
- e) Organizar o tradicional jantar de Natal oferecido aos estudantes estrangeiros de mobilidade na U.Porto (em conjunto com o SCPLLA);
- f) Receber e prestar apoio a investigadores estrangeiros na U.Porto, no campo de ação do Centro Europeu *Euraxess* na U.Porto;
- g) Divulgar os Cursos de Língua; Gerir o correio eletrónico da mobilidade IN;
- h) Promover a integração dos estudantes, em estreita ligação com a *Erasmus Student Network* Porto;
- i) Divulgar as condições de candidatura a um período de estudos na U.Porto junto das Instituições Parceiras;
- j) Produzir dados estatísticos e elaborar relatórios periodicamente;
- k) Divulgar a U. Porto junto dos estudantes estrangeiros e Universidades Parceiras;
- l) Promover e Representar a Universidade do Porto em Feiras Internacionais;
- m) Gerir as atividades suportadas por Protocolos e iniciativas com várias entidades, nomeadamente com a Câmara Municipal do Porto;
- n) Participar e organizar atividades, visitas e eventos Internacionais na U.Porto;
- o) Interagir com entidades externas no que respeita à Mobilidade IN na U.Porto;

- p) Gerir a oferta e disponibilização de material promocional e informativo sobre a Universidade;
- q) Apoiar a organização e divulgação dos Cursos Intensivos de Português.

Programas de ensino, formação e investigação

Como se pode ler no Portal da Cooperação Internacional, na página da Universidade do Porto¹¹, os programas que promove e nos quais participa são:

“Com o objetivo de oferecer uma gama cada vez mais alargada de oportunidades de mobilidade, a Universidade do Porto participa ativamente em diversos programas comunitários e não comunitários de ensino, formação e investigação, disponíveis para a participação da comunidade académica da U.Porto.

A U.Porto participa ativamente no programa comunitário Aprendizagem ao Longo da Vida (PALV), o qual envolve 4 subprogramas centrados em diferentes etapas da educação e da formação: Erasmus (educação superior), Leonardo da Vinci (formação e estágios profissionais), Comenius (escolas) e Gruntvig (educação de adultos).

Outros programas comunitários nos quais a U.Porto também está envolvida são o Erasmus Mundus, Tempus, Edulink etc..

Outros programas não comunitários são Atlantis, UE-CANADA, Fulbright, etc...”

Sendo que alguns programas funcionam apenas num sentido, isto é da U.Porto para o exterior, e que outros não têm, ou não tiveram no ano académico de 2010/2011 representatividade na mobilidade recebida pela U.Porto, os programas ao abrigo dos quais os estudantes realizaram um período de estudos na U.Porto, durante o estágio que aqui se apresenta, são: Erasmus Estudos, Erasmus Estágios e *Freemovers*¹² e Programa Leonardo da

¹¹ www.up.pt/internacional

¹² *Freemover* é o termo utilizado para enquadrar as mobilidades espontâneas de alunos visitantes, que não se realizam ao abrigo de um programa específico ou acordo entre as Universidades, pressupondo sempre a aceitação por parte da instituição de envio e da de acolhimento (normalmente esta mobilidade exclui a possibilidade de usufruir uma bolsa de estudos, e pode implicar o pagamento de propinas/taxas na Universidade de Acolhimento, ao contrário do que acontece nas mobilidades realizadas ao abrigo de programas específicos).

Vinci¹³; Erasmus Mundus¹⁴; Acordos de Cooperação¹⁵. Como se pode constatar, através dos dados apresentados na tabela 2, o programa ao abrigo do qual a maioria dos estudantes realizou um período de estudos ou estágio na U.Porto (estudos:694; estágios: 46), é o programa LLP-Erasmus, no total são 740 estudantes, o que representa 91% da mobilidade recebida pelo SRI. Embora, este trabalho não se centre na apresentação e análise de dados estatísticos evolutivos da mobilidade, na instituição¹⁶, tentar-se-á apresentar uma pequena exposição da evolução da mobilidade na U.Porto, com o objetivo de contextualizar os dados relativos ao Ano Académico de 2010/2011, e os resultados do inquérito aplicado. A Universidade do Porto participa no programa Erasmus desde a sua criação, em 1987, embora não existam registos sobre essa participação, uma vez que esta mobilidade ao abrigo do programa Erasmus não era tratada a um nível centralizado, mas diretamente pelos professores envolvidos. Os primeiros registos estatísticos de mobilidades realizadas, de e para a U.Porto, datam do ano académico de 1990/1991 (ano em que a U.Porto recebeu 31 estudantes de mobilidade internacional), sendo que a evolução desta mobilidade conduziu à criação do Serviço de Relações Internacionais em 1997¹⁷. Desde então, conforme representado na tabela 1, a Universidade do Porto recebeu 6636 estudantes ao abrigo do programa Erasmus¹⁸, tendo aumentado esta mobilidade em quase 24 vezes no espaço de uma década. No ano académico de 2010/2011, a mobilidade na U.Porto ao abrigo do programa

¹³ Subprograma do *Life Learning Programme* (LLP), ao abrigo do qual recém-licenciados realizam estágios profissionais integrados num ambiente internacional. No sentido *outgoing* são geridas todas as mobilidades; na U.Porto, são recebidos os estagiários Leonardo da Vinci cuja instituição de acolhimento faz parte ou está ligada à Universidade.

¹⁴ O programa *Erasmus Mundus* é também um programa comunitário com o objetivo de promover a qualidade no ensino superior através de financiamento para bolsas de estudo e cooperação académica entre a Europa e o resto do mundo.

¹⁵ Ver Tabela 1, distribuição de estudantes por programa/enquadramento.

¹⁶ Uma vez que este fim é cumprido através da divulgação periódica de relatórios institucionais estatísticos, impondo-se a necessidade de interpretação dos dados e tentativa da sua explicação, que este trabalho pretende colmatar e incentivar.

¹⁷ Dados recolhidos através da consulta de documentação e registos estatísticos do SRI.

¹⁸ O programa Erasmus foi incorporado no programa Sócrates em 1995. Este foi substituído pelo programa Sócrates Fase II, em Janeiro de 2000, que por sua vez foi substituído pelo *Lifelong Learning Programme* (2007-2013) desde 2007 (Comissão Europeia:2007).

LLP-Erasmus cresceu 8,03% face ao ano letivo anterior¹⁹. Em termos absolutos do total de estudantes recebidos no SRI²⁰, a mobilidade IN cresceu 13,72% face a 2009/2010²¹.

Tabela 1.Evolução da mobilidade de estudantes ao abrigo do programa Erasmus na U.Porto desde 1990.

<i>Mobilidade de Estudantes ERASMUS Estudos e Estágios (a partir de 90/91)</i>		
Ano Letivo	OUT	IN
90/91	38	31
91/92	76	57
92/93	126	121
93/94	155	109
94/95	194	139
95/96	191	118
96/97	224	116
97/98	239	120
98/99	253	205
99/00	304	188
00/01	374	274
01/02	409	303
02/03	432	359
03/04	490	434
04/05	547	474
05/06	525	521
06/07	503	511
07/08	604	542
08/09	664	589
09/10	727	685
2010/2011	750	740
Total	7825	6636

Fonte: SRI

Importa ainda salientar que, embora a maioria da mobilidade ao abrigo do programa LLP-Erasmus se faça ao nível dos estudos, 46 estudantes realizaram um estágio na U.Porto. Para além desta mobilidade, destaca-se a mobilidade de 31 estudantes ao abrigo do programa Erasmus Mundus (31), de estudantes visitantes (28), e ao abrigo de Acordos de Cooperação (11)²². No âmbito das atividades do Centro *Euraxess* da U.Porto, verifica-se o

¹⁹ Cf. tabela 1.

²⁰ Cf. tabela 2.

²¹ No ano letivo o SRI recebeu 714 estudantes.

²² Cf. tabela 2.

registo de 79 investigadores²³. Ainda no sentido de caracterizar a mobilidade estudantil na U.Porto em termos absolutos, face aos dados que se apresentam mais adiante, na análise dos resultados do inquérito, é importante apresentar por um lado a distribuição dos estudantes pelas Unidades Orgânicas e outras Instituições de Acolhimento da U.Porto²⁴, e por outro a origem dos estudantes que as frequentam²⁵. As Faculdades da U.Porto que mais estudantes de mobilidade recebem são por ordem: a Faculdade de Letras, a Faculdade de Engenharia e a Faculdade de Belas Artes da U.Porto. E as que menos estudantes recebem são a Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação e a Faculdade de Medicina Dentária da U.Porto.

Tabela 2. Número de estudantes recebidos no SRI no ano académico de 2010/2011, por programa/enquadramento da mobilidade.

<i>Enquadramento da mobilidade</i>	<i>Nº de estudantes recebidos no SRI</i>
Erasmus estudos	694
Erasmus estágios	46
Acordos de cooperação	11
Freemovers/visitantes	28
Leonardo da Vinci	2
Erasmus Mundus (<i>Erasmus Mundus ação 1</i>) 30 (<i>Erasmus Mundus ação 2</i>) 1	31
<i>TOTAL</i>	812
<i>Investigadores recebidos no centro Euraxess</i>	79
<i>TOTAL</i>	891

Fonte: SRI

²³ Registados no Centro *Euraxess* da U.Porto, uma vez que, o total de investigadores que exerceram a sua atividade na U.Porto pode superar este número, se tivermos em consideração a possibilidade de nem todos os investigadores terem conhecimento da existência do Centro.

²⁴ Cf. Tabela 3.

²⁵ Cf. Tabelas 4 e 5.

Tabela 3. Distribuição dos estudantes de mobilidade IN por Faculdade/Instituição de Acolhimento na U.Porto

<i>Faculdade/Instituição de Acolhimento</i>	<i>Estudantes IN</i>
FAUP	64
FBAUP	80
FADEUP	49
FCNAUP	4
FCUP	39
FDUP	9
FEP	67
FEUP	90
FFUP	44
FLUP	176
FMDUP	4
FMUP	53
FPCEUP	62
ICBAS	60
SRI	9
SCPLLA	1
Biblioteca Central FLUP	1
TOTAL	812

Fonte: SRI

Em termos do envio do maior número de estudantes para a U.Porto destacam-se a Espanha, a Itália, a Polónia, a República Checa, a Turquia, a Alemanha e a França. Esta distinção entre país de nacionalidade e o país da instituição de envio, justifica-se por ilustrar casos de estudantes cuja Universidade de origem já não se localiza no país de origem conforme confirmam as tabelas 4 e 5²⁶.

²⁶ Cf. ponto 8.4 e ponto 9, onde se apresentam, analisam e sintetizam os resultados da investigação.

Tabela 4. Mobilidade IN 2010/2011, por país²⁷

País	Nº de estudantes recebidos no SRI
Alemanha	46
Argélia	1
EUA	8
<i>Argentina</i>	1
Austrália	1
Áustria	2
Bélgica	16
<i>Brasil</i>	2
Reino Unido	23
Bulgária	8
<i>Cabo-verde</i>	1
Camarões	1
Canadá	1
República Checa	52
<i>Chile</i>	1
China	3
<i>Colômbia</i>	1
Costa do Marfim	1
Croácia	5
<i>Cuba</i>	1
Eslováquia	22
Eslovénia	7
Espanha	197
Estónia	2
Finlândia	7
França	40
Geórgia	1
Grécia	14
Holanda	4
Hungria	11
Índia	3
Irlanda	6
Israel	2
Itália	126
Japão	1
Letónia	9
Lituânia	13
<i>México</i>	2
<i>Moçambique</i>	1
Mongólia	1
Montenegro	1
Noruega	2
Polónia	70
Portugal ²⁸	10
Roménia	19
Rússia	3
Suécia	5
Tailândia	5
Togo	2
Tunísia	1
Turquia	46

²⁷ Por país de nacionalidade.

²⁸ Excluídos os estudantes Portugueses que realizaram um período de estudos ao abrigo do programa de mobilidade nacional Almeida Garrett (7).

Ucrânia	1
Venezuela	2
Vietname	1
TOTAL	812

Tabela 5. Mobilidade IN 2010/2011, por país²⁹

País	Nº de estudantes recebidos no SRI
Alemanha	36
Áustria	6
Bélgica	16
Bulgária	6
Canadá	1
Croácia	5
Dinamarca	3
Eslováquia	14
Eslovénia	7
Espanha	225
Estónia	2
EUA	8
Finlândia	7
França	41
Grécia	14
Hungria	13
Índia	1
Irlanda	5
Israel	2
Itália	124
Japão	1

²⁹ Por país da Instituição de Origem

Letónia	11
Lituânia	12
Luxemburgo	1
Noruega	1
Países Baixos	9
Polónia	70
Portugal ³⁰	14
Reino Unido	28
República Checa	60
Roménia	19
Suécia	4
Suíça	4
Tailândia	5
Taiwan	1
Turquia	45
TOTAL	821

³⁰ No caso do programa Erasmus Mundus, a Universidade de Origem é a Instituição Coordenadora do projeto. No caso do projeto *German Literature in the European Middle Ages* - GLITEMA, a instituição coordenadora é a Universidade do Porto (Faculdade de Letras), o que faz com que esta seja a Universidade de Origem de 14 dos estudantes recebidos no SRI, por serem estudantes de mobilidade que realizam um período de estudos ao abrigo do programa Erasmus Mundus.

REITORIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Serviços

- | | |
|--|---|
| -Administração Financeira e Patrimonial | -Planeamento Estratégico, Relações e Participações Empresariais |
| -Antigos Estudantes | -Higiene, Segurança e Ambiente |
| -Apoio Administrativo à Inovação e Desenvolvimento (I&D) | -Integração Escolar e Apoio Social |
| -Apoio Jurídico | -Investigação Desenvolvimento e Inovação |
| -Auditoria e Controlo Interno | -Melhoria Contínua |
| -Biblioteca Virtual | -Património Edificado e Contratação Pública |
| -Comunicação e Imagem | -Recursos Humanos e Expediente |
| -Cooperação com Países Lusófonos e Latino-Americanos | -Relações Internacionais |
| -Cultura, Desporto e Lazer | -Serviços de Ação Social |
| -Editora UP | -Secretariado e Órgãos de Governo |
| -Financiamento Complementar | -Universidade Digital |
| --Formação e Organização Académica | -Universidade do Porto Inovação |

Serviço de Relações Internacionais

- Implementação de Acordos e Parcerias
- Processamento da Mobilidade OUTgoing (para o exterior da U.Porto)
- **Processamento da Mobilidade INcoming (do exterior para a U.Porto)**
- Apoio a Candidaturas a Programas Nacionais e Europeus de Financiamento
- Gestão de Projetos de Educação e Formação
- Promoção da Imagem da Universidade e captação de novos públicos
- Tratamento da Informação e Divulgação de Oportunidades de Cooperação e de Financiamento

Fig.1. Esquema descritivo da instituição e, dentro dela, do serviço e departamento no qual o estágio vai ser prestado³¹.

³¹ Fonte: Elaboração Própria

Cf. Reitoria da Universidade do Porto (2010), e Universidade do Porto (2010)

Descrição das Atividades e Funções Realizadas na Instituição

Antes do início do estágio aqui apresentado, foi necessário elaborar um projeto de estágio (apresentado como anexo I a este relatório) juntamente com os orientadores interno e externo, onde consta a apresentação do projeto; a caracterização da instituição; a descrição das competências e funções a realizar na instituição e a distribuição dessas tarefas ao longo das quatrocentas horas de estágio. Neste projeto constam ainda os objetivos que me propus a atingir e a sua metodologia de implementação.

Este capítulo encontra-se organizado em torno dessas atividades previamente propostas, com o acréscimo de atividades institucionais e de outras tarefas que não se encontravam previstas no referido projeto.

Deste modo, as atividades incluídas no projeto, bem como todas as outras realizadas ao longo do estágio, são apresentadas neste capítulo e estão organizadas em função das áreas de atuação do SRI e, mais precisamente, da Unidade de Gestão de Mobilidade IN. Assim, nesta fase, apresento cada atividade concluída, o seu desenvolvimento e as funções que realizei, finalizando com uma análise crítica à atividade e à forma como esta foi concretizada. As atividades realizadas³² foram:

(i) o acolhimento e orientação dos estudantes estrangeiros na U.Porto, em reuniões de registo e informação, e através do atendimento personalizado e acompanhamento ao longo do período de mobilidade dos estudantes; (ii) a promoção da integração dos estudantes e investigadores através de iniciativas institucionais, como o Tradicional Jantar de Natal e a Sessão de Boas Vindas aos estudantes, a Sessão de Divulgação do Centro *Euraxess*, e ainda iniciativas e atividades culturais promovidas por entidades externas como a Câmara Municipal do Porto (no âmbito do protocolo com o Município) e a *Erasmus Student Network*, e através da divulgação dos cursos de Língua promovidos pela U.Porto; (iii) O desenvolvimento e gestão de procedimentos para Mobilidade IN, através da articulação de informação com as Unidades Orgânicas, Grupo de Trabalho Erasmus e *Workshop* de boas práticas, atualização do Módulo de Cooperação - vertente de Mobilidade IN do SIGARRA; (iv) atividades institucionais, como a disponibilização de conteúdos para o portal da Cooperação Internacional na página da U.Porto, a divulgação e promoção da U.Porto junto das Instituições Parceiras e divulgação das condições de candidatura a um período de

³² Cf. Ponto 3 do anexo I.

estudos na U.Porto, a participação na IX Mostra de Ensino e Inovação da U.Porto e na organização das atividades comemorativas do Centenário da U.Porto (1911-2011).

1.Acolhimento e orientação dos Estudantes de mobilidade na U.Porto

1.1.Reuniões de Registo e Informação

A. Apresentação e desenvolvimento da atividade

As reuniões de registo e informação dos estudantes de mobilidade na Reitoria da Universidade do Porto constituem uma das mais importantes atividades da Unidade de Gestão da Mobilidade IN, aquando da chegada dos estudantes de mobilidade à Universidade. Estas reuniões de registo representam também o primeiro contacto dos estudantes com a equipa da Mobilidade IN, com a Universidade e com restantes estudantes de mobilidade. Estas sessões são marcadas antes da chegada para que todos estudantes possam escolher a sessão mais próxima da data precisa da sua chegada. A presença nestas sessões é obrigatória a todos os estudantes, uma vez que, antes de se registarem nas respectivas Unidades Orgânicas da U.Porto, devem registar-se na Unidade Central, isto é, no SRI. Na maior parte destas reuniões os estudantes são recebidos em grupos com o objectivo de promover a interacção entre os mesmos.

Como referido no projeto de estágio, uma das atividades previstas - decorrente do normal funcionamento da instituição de acolhimento, consistia em receber os estudantes que realizaram um período de estudos durante o segundo semestre do ano letivo de 2010/2011 em reuniões de informação e registo, ao longo do mês de Fevereiro de 2011³³ e início do mês de Março do mesmo ano. A sua preparação começou no final do mês de Janeiro de 2011, nomeadamente através da gestão do agendamento das reuniões e da distribuição de cerca de 250 estudantes pelas várias sessões, da composição do material fornecido aos estudantes distribuído no *Kit* de boas vindas, durante as sessões³⁴, e da preparação dos documentos que

³³ As Reuniões de Registo realizaram-se em duas sessões diárias, de 8 de Fevereiro a 3 de Março.

³⁴ O *Kit* de Boas Vindas aos estudantes de mobilidade inclui: Informação sobre a cidade (mapas; polícia municipal; brochura de informação útil CMP;); material U.Porto (informação genérica e institucional, T-shirt; material escolar- lápis, caneta, pasta de elásticos); Informação sobre entidades parceiras (CMP; Fundação Serralves; ESN; Cartão telemóvel); Informação sobre transportes públicos (guia de bolso, desconto de estudante) etc..

fazem parte de procedimentos administrativos quer da U.Porto quer das Instituições de origem dos estudantes, obrigatórios e específicos a determinados programas de mobilidade³⁵. Esta marcação foi realizada *online*, através do envio de um *e-mail* para todos os estudantes que chegariam à Universidade entre os meses de fevereiro e março, que contém uma ligação para um formulário *online* onde consta a calendarização de todas as reuniões³⁶. Abrindo esta ligação, os estudantes podem escolher o dia e a hora da reunião mais conveniente³³, com o objectivo de fazer coincidir sensivelmente esta data com a sua chegada à cidade, minimizando o possível isolamento e confronto com dúvidas ou barreiras administrativas que a presença na sessão pode esclarecer. É ainda enviada informação aos estudantes sobre os documentos necessários para o registo na Universidade e sobre a sessão em si: são informados que a sua presença é obrigatória, que vão ser recebidos em grupos e que as apresentações decorrem em língua inglesa. Excepcionalmente, algumas das sessões por mim levadas a cabo foram bilingues, variando entre Inglês e Português (a segunda muitas vezes a pedido de estudantes de nacionalidade Espanhola; Portuguesa ou Italiana), e Inglês e Francês. Uma vez que as sessões se realizaram duas vezes por dia no Auditório Ruy Luís Gomes, a primeira por volta das 14h45 e a segunda por volta das 16h15, estas eram conduzidas por Teresa Medeiros e por mim, alternadamente, recorrendo a uma apresentação em suporte *Microsoft PowerPoint*, no sentido de expor a informação de modo mais eficaz e apelativo. Este modelo de apresentação da Universidade e da Cidade do Porto, combinado com o registo de todos os estudantes de mobilidade distribuídos em grupos em várias reuniões, tem sido levado a cabo pela equipa de mobilidade IN desde o ano académico de 2007/2008 repetindo-se desde então todos os anos letivos entre os meses de Setembro e Outubro³⁷, e de Fevereiro e Março³⁸. A sessão é dividida em várias partes:

(i) registo na U.Porto, uma vez registado na base de dados da mobilidade IN³⁹ o estudante recebe um Formulário de Registo, para efeitos de registo ao nível local, nas relações internacionais de cada Unidade Orgânica, juntamente com um cartão de estudante de

³⁵ Documentos como o Cartão de estudante U.Porto; Formulário de Registo Académico para efeitos de registo na UO.

³⁶ Através de *e-mail* datado de 14/01/2011.

³⁷ Para efeitos de receção e registo dos estudantes que frequentam o 1º semestre e Ano Académico completo.

³⁸ Para efeitos de receção e registo dos estudantes que frequentam o 2º semestre na Universidade do Porto.

³⁹ *Software* utilizado para armazenamento dos dados: *FileMaker™* (até ao ano académico de 2010/2011).

mobilidade⁴⁰; (ii) orientação e informação acerca da Universidade, informação genérica sobre a Universidade e apresentação das suas Unidades Orgânicas e dos três pólos universitários, Cantinas e alimentação U.Porto, Gabinete de Apoio ao Desporto e instalações desportivas U.Porto, Serviços de Apoio Médico e Psicológico U.Porto, Alojamento U.Porto e alojamentos privados na cidade, informação sobre Cursos de Língua, sistema *wireless*, *e-learning*, e SIGARRA (iii) orientação e informação acerca da Cidade, Serviço Nacional de Saúde, Segurança Social e seguros, transportes públicos, serviços bancários, telecomunicações); apresentação do SRI e equipa Mobilidade IN; Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (informação sobre vistos); (iv) atividades realizadas ao abrigo do acordo com a Câmara Municipal do Porto, acesso às instalações desportivas municipais, aos museus municipais, oferta de visitas guiadas, entradas para os concertos promenade, entradas para sessões no Planetário do Porto; informação sobre a Fundação Serralves; informação sobre a Sessão de Boas Vindas aos estudantes de mobilidade; (v) informação sobre a *Erasmus Student Network* (ESN) seguida de apresentação pelos voluntários da associação. Finalmente, a parte final da sessão é reservada a exposição de dúvidas e questões por parte da audiência.

B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida

Esta atividade, desenvolvida em reuniões diárias com grandes grupos de estudantes, num período prolongado por mais de um mês, foi um dos momentos mais intensos e extenuantes ao longo do estágio, trabalho acrescido à acumulação de outras atividades (processamento das últimas candidaturas para o segundo semestre de 2010/2011, organização da sessão oficial de boas vindas aos estudantes e preparação dos novos procedimentos e novo sistema de candidatura online do ano académico de 2011/2012), no entanto, considero a realização da mesma uma das componentes mais importantes do trabalho que realizei enquanto estagiária, bem como do trabalho da unidade.

Este tipo de “programas de boas vindas” promovidos pelas instituições ou entidades de acolhimento de qualquer tipo de migrantes constitui, paralelamente à aquisição de competências linguísticas⁴¹, um fator crítico para a integração, contribuindo neste caso em

⁴⁰ Até ao académico de 2010/2011, este cartão era temporário, produzido no Serviço de Relações Internacionais. Com um novo sistema de gestão das candidaturas através de um “submódulo” do SIGARRA, os estudantes que realizarem um período de estudos na U.Porto passarão a receber o Cartão U.Porto, possuído por toda a comunidade académica da Universidade, definitivo na data de registo.

⁴¹ Aspeto aprofundado mais adiante no ponto 2.3.

grande parte para o sucesso do período de mobilidade de um estudante. Saliento, ainda, que o facto de esta atividade propiciar um primeiro contato entre um grupo de estudantes pode favorecer a interação entre os mesmos, ao mesmo tempo que se disponibiliza a informação necessária, tentando evitar as dificuldades trazidas pelos procedimentos obrigatórios, e burocracia que continua a constituir um problema para os estudantes de mobilidade. Neste aspeto, embora exista ainda muito a fazer, é necessário promover a transparência da informação necessária logo à chegada facilitando os procedimentos a realizar ao longo da mobilidade bem como o acesso aos serviços. Como nota, importa mencionar que a avaliação média dos respondentes no inquérito aplicado⁴² relativamente à reunião de registo no SRI da U.Porto (acolhimento;apresentação;orientação;*Kit* de boas vindas) é positiva, sendo que numa escala de 1 a 4, a pontuação mais baixa é 2,9.

⁴² Cf, Anexo VIII

1.2. Atendimento personalizado e acompanhamento dos estudantes

A. Apresentação e desenvolvimento da atividade

Cabe à Unidade de Gestão de Mobilidade IN proporcionar aos estudantes, ao longo do seu período de mobilidade na cidade do Porto, um atendimento personalizado diário (de Segunda a Sexta feira das 14:30h às 17h) e ainda acompanhamento durante o seu período de estudos. Durante o meu período de estágio, foram vários os estudantes que se dirigiram ao SRI para colocar todo o tipo de dúvidas e expor variados tipos de problemas. De todas as solicitações recebidas, as mais comuns são relacionadas com a saúde (apoio médico e psicológico); alojamento; procedimentos associados às universidades de origem; questões legais de permanência no país; segurança social; locais de culto para a sua religião; cursos de línguas; possibilidade de trabalho; ingresso na U.Porto como estudantes regulares; prolongamentos dos períodos de estudos; dúvidas sobre vários tipos de eventos promovidos pela Universidade entre outros. Para responder a estes aspetos o SRI está preparado com dossiês temáticos de suporte, informações e legislação atual. Na extensão desta atividade, coube-me também orientar estudantes, docentes e investigadores estrangeiros que pretendessem futuramente realizar um período de estudos, de docência ou investigação na U. Porto e acompanhar todo o processo com vista à sua aceitação na U.Porto.

B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida

É da responsabilidade da equipa da mobilidade IN, responder às solicitações dos estudantes, fornecendo orientação e informação, uma vez que esta Unidade é o contacto central dos estudantes com a Universidade, ainda que estes tenham também nas unidades orgânicas apoio relativamente a questões académicas e curriculares. Foi também parte do meu trabalho aconselhar e responder às solicitações dos estudantes que se dirigiram ao SRI quer fosse para questões rotineiras quer para assuntos mais problemáticos. Coube-me, ao longo do estágio, ser o primeiro contacto no atendimento, tentando responder às necessidades que foram sendo colocadas ou fazendo uma triagem dos assuntos que fossem mais urgentes para comunicar aos responsáveis. Embora estas tarefas não tenham sido de difícil execução, o contacto com os estudantes constituiu uma atividade dinâmica que considero de grande importância pelo apoio prestado e pelo papel assumido no processo da sua integração. Para realizar esta atividade necessitei de procurar informação sobre assuntos

com os quais não estava familiarizada no sentido de poder responder às solicitações, e aconselhar adequadamente os estudantes para que estes pudessem encontrar soluções para os problemas enfrentados de acordo com suas possibilidades e expectativas individuais.

O reconhecimento pela ajuda mesmo nos assuntos mais simples fez com que, em muitos momentos desta atividade, me sentisse realizada pelo trabalho desenvolvido. Importa ainda referir que este tipo de trabalho me proporcionou a oportunidade de observação e exploração para formular algumas hipóteses e possibilidades de explicação provisória do fenómeno em estudo.

2. Promoção da Integração dos Estudantes e Investigadores

2.1. Iniciativas Institucionais

2.1.1. Tradicional Jantar de Natal

A. Apresentação e desenvolvimento da atividade

Uma das tarefas que já estava prevista no projeto de estágio consistia na organização do tradicional Jantar de Natal, atividade que o SRI promove em conjunto com o SCPLLA. Esta atividade foi a segunda iniciativa exclusivamente promovida pelos Serviços da Cooperação Internacional da Reitoria da U.Porto durante o ano letivo destinada a todos os estudantes de mobilidade e investigadores estrangeiros.

Com o objetivo de promover o convívio e a interação entre estudantes e investigadores que passam as férias de Natal no Porto, e igualmente para os que regressam aos países de origem durante estes períodos, a data escolhida para realização da atividade foi o dia 9 de Dezembro, e o local a Cantina SASUP Par cauto, à Faculdade de Direito. Foi solicitado um orçamento por parte das diretoras dos dois serviços aos Serviços de Ação Social da Universidade do Porto (SASUP), e, uma vez que fomos alertados para o facto de a capacidade máxima do local ser de 132 lugares sentados, optou-se por uma refeição volante, sendo que o limite máximo que nos foi imposto, por razões de segurança, foi de 300 pessoas. Por esta razão adotamos um sistema de inscrições, limitando a atividade à participação de 300 estudantes, embora o total de estudantes e investigadores, recebidos pelo SRI e SCPLLA até esta data fosse de 1021. Foi também necessário escolher a refeição a oferecer nesta atividade, e, como tem vindo a ser habitual nas edições anteriores, optou-se por oferecer um prato tradicional português e outro vegetariano. Também é tradição nesta atividade convidar os participantes a realizar uma troca de presentes entre estes, pelo que, no convite, pedimos aos estudantes e investigadores para trazerem algo simbólico para oferecer a outro estudante. A decoração do espaço ficou a cargo da associação *Erasmus Student Network* (ESN). Antes do encerramento da atividade os estudantes que participaram em aulas de dança de salão, promovidas pela ESN, protagonizaram uma pequena performance de dança.

B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida

No meu entender, a atividade realizada é uma iniciativa extremamente interessante para os participantes, tanto do ponto de vista cultural quanto integracional, uma vez que permite que estudantes de diferentes contextos religiosos, políticos e educacionais participem numa atividade que envolve o contacto com tradições da cultura de acolhimento. Mais uma vez sublinho a importância da realização deste tipo de atividades, que não envolvem na sua concretização muitos meios logísticos, pelo que se poderiam repetir mais vezes ao longo do ano académico (reduzindo, obviamente, os custos financeiros ligados a esta atividade em específico).

A realização anual do tradicional jantar de Natal é ainda uma atividade fundamental na promoção da integração de estudantes e investigadores, por se realizar num momento que constitui, por um lado, uma atividade intermédia ou inicial para a grande maioria dos estudantes, realizando-se no período de 2 a 3 meses após a chegada dos mesmos, e, por outro, para o grupo de estudantes que frequentam apenas o primeiro semestre na U.Porto pode constituir uma das, senão a última, atividade que precede o regresso às suas universidades de origem, após a realização dos exames finais em Janeiro ou Fevereiro.

Iniciativas como esta revestem-se de grande potencial, no que toca ao estabelecimento de laços entre estudantes, bem como com o país, a cidade e a Universidade. Estas atividades consideradas isoladamente são claramente insuficientes, já, em conjunto, desempenham um papel fundamental - uma vez que, excluindo fatores relacionados especificamente com questões académicas, o nível de integração está intimamente relacionado com o sucesso do período de mobilidade⁴³. A integração tem, portanto, um papel decisivo no sucesso académico de todos os estudantes, isto é, se os estudantes se sentirem integrados na comunidade académica poderão lidar mais eficazmente com os requisitos académicos, com menos propensão para desistir dos estudos, durante o período de mobilidade. Quanto mais integrados se sentirem os estudantes, mais positiva será a relação com a experiência de mobilidade e, conseqüentemente, com o país, a cidade e a Universidade, assim como o balanço final e a correspondência com as expectativas⁴³. Estas últimas considerações não se aplicam apenas a esta atividade especificamente, mas, conforme mencionado anteriormente, a um conjunto de estratégias de promoção da integração.

⁴³ Cf. Ponto 9

2.1.2. Sessão de Boas Vindas

A. Apresentação e desenvolvimento da atividade

O SRI e o SCPLLA organizam, em conjunto, anualmente duas Sessões de Boas Vindas aos estudantes de mobilidade. A primeira realiza-se aquando da chegada dos estudantes que frequentam o primeiro semestre e ano académico completo, e a segunda para receber aqueles que frequentam apenas o segundo semestre do ano letivo na Universidade do Porto. Após as reuniões de informação e registo em Setembro/Outubro e Fevereiro/Março, esta atividade é uma sessão formal de receção, destinada a dar oficialmente as boas-vindas aos estudantes estrangeiros de mobilidade recebidos pelos dois Serviços de cooperação internacional. É a primeira atividade em se reúnem todos os estudantes de mobilidade da U.Porto desse ano letivo ou semestre, com o objetivo de promover a integração dos mesmos, apresentando formalmente⁴⁴ o país, a cidade e a U.Porto aos recém-chegados. Conforme previsto no projeto de estágio, uma das minhas tarefas foi participar na organização da Sessão de Boas Vindas aos estudantes de mobilidade que frequentaram o segundo semestre do ano letivo de 2010/2011. Assim, toda a organização desta cerimónia e de todas as questões logísticas a ela associadas foram da minha responsabilidade, e das Responsáveis pelos sectores de mobilidade IN do SRI e do SCPLLA. Esta é uma das atividades que mais visibilidade tem entre as iniciativas levadas a cabo pelo SRI e SCPLLA para os estudantes estrangeiros, uma vez que envolve a participação de várias entidades da comunidade académica da U.Porto, bem como de membros da autarquia, dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e a presença de órgãos de comunicação Social.

Esta atividade realizou-se no dia 4 de Março de 2011 no Salão Nobre da Reitoria da Universidade do Porto, onde para além dos cerca de 500 estudantes, estiveram presentes alguns dos diretores das várias Faculdades da U.Porto, bem como os coordenadores locais de mobilidade e os técnicos responsáveis pela mobilidade nas Unidades Orgânicas, a coordenadora do Núcleo de Vistos da Direção Geral do Norte do SEF, representantes da Câmara Municipal do Porto (CMP), e alguns membros da Equipa reitoral da U.Porto que haviam sido convidados pelas diretoras dos Serviços.

⁴⁴ Formalmente, porque, conforme apresentado anteriormente no ponto 1.1, durante as reuniões de informação e registo, são já disponibilizadas aos estudantes informações e orientações práticas sobre as condições gerais de vida na cidade e no país.

O alinhamento desta Sessão está já definido previamente, repetindo-se ao longo das últimas edições, com o objetivo de assim, apresentar a cidade e o país. A sessão começa com a exibição de um filme turístico que promove as atrações culturais e paisagísticas do país e da cidade do Porto, incitando os estudantes e investigadores a utilizar o seu tempo livre visitando a cidade e o país. Seguidamente a sessão conta com a participação do vice-reitor responsável pelo pelouro das Relações Internacionais, que no seu discurso dá as boas vindas a todos os estudantes e investigadores, abrindo oficialmente a sessão e apresentando institucionalmente a Universidade: as suas origens; o número de estudantes inscritos, de pessoal docente e não docente, ciclos de estudo e oferta formativa; produção científica, unidades de I&D, posicionamento nos *rankings* internacionais; cooperação internacional, número de estudantes estrangeiros na U.Porto tendo como referência os números do ano letivo de 2009/2010. Segue-se a apresentação dos serviços de apoio aos estudantes de mobilidade, pelas diretoras do SRI e SCPLLA, as suas palavras de boas vindas e apresentação da equipa da mobilidade IN de cada um dos Serviços. Após os discursos de abertura, apresentam-se os países representados pelos estudantes em mobilidade em 2010/2011, momento que constitui, na minha opinião, o ponto alto desta sessão, já que é o momento de maior entusiasmo para os estudantes que gritam pelo seu país enquanto procuram a respetiva bandeira que faz parte da decoração do Salão. Este entusiasmo é partilhado por todos, quer seja um grupo numeroso que venha do mesmo país ou mesmo por um só estudante com quem os outros se manifestam solidariamente ao ouvir o nome do seu país⁴⁵. A sessão de boas vindas marca também o início das atividades promovidas pela ESN e pela Comunidade de Estudantes Brasileiros no Porto (BRASUP), pelo que estas duas associações são também convidadas a apresentar-se aos estudantes, e fazem-no resumindo as atividades realizadas no ano anterior, apresentando fotos, vídeos e testemunhos de outros estudantes, ao passo que apresentam as atividades previstas para o programa de receção de sete dias, e para o resto do ano letivo. Entre as atividades promovidas contam-se um passeio pelo centro da cidade, uma passagem pelas Caves do Vinho do Porto, um cruzeiro pelo Rio Douro e visitas ao Estádio do Dragão e Fundação Serralves. Ao longo do ano letivo, são ainda realizadas várias atividades de convívio, atividades radicais e visitas de âmbito cultural a várias cidades e regiões de Portugal: Guimarães, Coimbra, Óbidos, Lisboa, Alentejo e Algarve (Férias Desportivas em colaboração com a Federação Académica do Porto).

⁴⁵ Estima-se que participaram estudantes provenientes de IES de 57 países diferentes.

No final da sessão, no átrio principal os estudantes assistiram a uma atuação da Tuna da Faculdade de Direito, e, finalmente, nos pórticos do edifício histórico, ofereceu-se o tradicional Porto de Honra (no final da Sessão no Salão Nobre)⁴⁶.

B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida

A análise que faço desta atividade no que respeita à promoção da integração dos estudantes e investigadores é muito positiva, uma vez que esta constitui, na minha opinião, uma iniciativa de elevada importância, cumprindo a sua função. De certa forma porque marca, para estes estudantes, o início da experiência no estrangeiro, e porque a participação nesta atividade pode ser determinante no sucesso da mobilidade⁴⁷. Por ser a primeira atividade com o objectivo de promover a integração dos estudantes (uma vez que as reuniões tinham um carácter mais prático e informativo), esta permite o contacto e desenvolvimento de laços entre os estudantes, e destes com a Universidade, o país e a cidade. Apresentando aspetos/elementos particulares e tradicionais da cidade e do país, bem como atividades e serviços especialmente concebidos e direccionados para este universo, torna-se possível captar a sua atenção, potenciando um olhar e sentimentos positivos sobre a experiência. Estes aspetos, aliados ao facto de estarem presentes todos os estudantes e investigadores, sem divisões por região, país, faculdade, cursos ou ciclos de estudo, promove uma interação mais espontânea e positiva.

Sobre este aspeto, importa mencionar que, incluindo os estudantes que não fizeram parte do universo de intervenção/público-alvo do trabalho desenvolvido enquanto estagiária⁴⁸, a Universidade recebeu em 2010/2011, mais de 1552 estudantes estrangeiros de mobilidade, onde se inclui o expressivo número de 681 estudantes provenientes de Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Este valor torna-se ainda mais expressivo se tivermos em conta os 1229 estudantes estrangeiros que frequentam um curso completo na U.Porto (dados relativos a 2009/2010), e que também não foram recebidos nem contabilizados pelos serviços de cooperação internacional da U.Porto. Relativamente ao total

⁴⁶ O vinho do Porto foi um patrocínio conseguido pela primeira vez na organização desta atividade, junto do *Grupo Fladgate*.

⁴⁷ Aqui refiro-me ao sucesso de um período de estudos, na medida da correspondência com as expectativas individuais e de uma avaliação individual positiva da experiência.

⁴⁸ Apresento aqui número total que inclui estudantes provenientes de IES de países lusófonos e latino-americanos, que estavam por defeito, excluídos no universo de estudantes recebido no departamento/unidade onde desenvolvi funções durante o estágio.

de estudantes estrangeiros (1390) recebidos ao abrigo de programas de mobilidade internacional e protocolos de cooperação com IES estrangeiras no ano letivo anterior, assistiu-se em 2010/2011 a um aumento de cerca de 12 %.

Termino esta apreciação salientando que participar e realizar esta atividade foi para mim muito gratificante, tal como a possibilidade de partilhar a responsabilidade pelo sucesso desta atividade e o sentimento de missão cumprida, pelo menos no que respeita a esta primeira fase de receção na universidade e na cidade.

No anexo III podem ser encontrados artigos de imprensa relativos a esta atividade .

2.1.3. Sessão Divulgação *Euraxess*

A. Apresentação e desenvolvimento da atividade

Conforme mencionado na contextualização da entidade de acolhimento, o SRI funciona também como ponto de contacto local *Euraxess*⁴⁹, de apoio e informação dos investigadores que efetuam ou pretendem efetuar um período de investigação na Universidade⁵⁰. Este centro pode igualmente fornecer apoio aos investigadores da U.Porto que pretendam desenvolver atividade de investigação no estrangeiro, contactando os congéneres centros europeus da rede *Euraxess*, e remetendo para o portal europeu. O *Euraxess* “*Researchers in Motion*” foi criado pela Comissão Europeia no âmbito da *Estratégia de Mobilidade de Investigadores*, inserida no *Espaço Europeu de Investigação*, com o objetivo de incentivar e apoiar a mobilidade internacional dos investigadores, dentro e fora da Europa. Esta rede de serviços compreende cerca de 200 centros localizados em 38 países europeus. Em Portugal, o portal *Euraxess* é gerido pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), instituição responsável pela coordenação da rede nacional *Euraxess*⁵¹. A coordenação do Centro *Euraxess* na U.Porto cabe à responsável pela Unidade de Gestão da Mobilidade IN, Teresa Medeiros. Durante o período de estágio, as atividades realizadas no âmbito do Centro *Euraxess* relacionaram-se com a receção dos investigadores⁵² e com a realização da Sessão de Divulgação do Centro *Euraxess* e de Apresentação do Portal *Euraxess* Português.

A receção dos investigadores na U.Porto compreende uma reunião de registo no Centro *Euraxess* e o acompanhamento ao longo do período de investigação, à semelhança do que acontece com os estudantes de mobilidade, apresentando informação útil sobre a cidade e a Universidade, e prestando informações mais específicas e relacionadas com estadias

⁴⁹ *Euraxess Services Centre*, apoia investigadores numa região, o *Local Contact Point*, apoia investigadores numa instituição

⁵⁰ Refere-se a um período de investigação numa das faculdades da U.Porto, ou Unidade de I&D ligada à Universidade.

⁵¹ A rede nacional é composta por 11 centros distribuídos pelo País (Aveiro, Braga, Coimbra, Covilhã, Faro, Funchal, Lisboa, Oeiras, Ponta Delgada, Porto, Vila Real).

⁵² Ao contrário dos estudantes, os investigadores são recebidos individualmente, ou em, pequenos grupos. Durante o meu período de estágio, os investigadores foram orientados, na sua maioria, pela Teresa Medeiros, e também por mim em algumas situações.

prolongadas no país como: alojamento⁵³; saúde; cursos de língua; vida em Portugal; escolas; segurança social; fiscalidade; direitos⁵⁴; formalidades de vistos (autorizações de residência e reagrupamento familiar).

A Sessão de Divulgação, realizada a 1 de Março de 2011⁵⁵ no Salão Nobre da Reitoria da U.Porto⁵⁶, teve como objetivo promover o Centro *Euraxess* da U.Porto e apresentar a sua ação ao nível da Universidade, e também apresentar o Portal *Euraxess* Portugal⁵⁷, que tem como missão apoiar a mobilidade internacional de investigadores de e para Portugal, através dos centros de mobilidades portuguesas que oferecem assistência personalizada relacionada com a estadia em Portugal. Para esta atividade foram convidados todos os investigadores estrangeiros na U.Porto (registados no Centro *Euraxess*), bem como todos os investigadores da Universidade através de *e-mail* dinâmico para toda a Comunidade Académica da U.Porto. Apesar deste convite alargado, a sessão contou com a presença de poucos investigadores. A abertura da sessão esteve a cargo do vice-reitor Jorge Gonçalves, responsável pela Investigação, Desenvolvimento e Inovação; a apresentação do Portal Nacional e a disponibilização de informação generalizada acerca da rede nacional *Euraxess* foi assegurada pela *Bridgehead Euraxess* Portugal – FCT, Ana Margarida Santos. O Centro *Euraxess* U.Porto foi apresentado pela Diretora do SRI, Cristina Ferreira e pela Coordenadora do Centro *Euraxess* U.Porto, Teresa Medeiros, ao nível da contextualização da ação do Centro *Euraxess* e da exposição do tipo de apoio prestado aos investigadores estrangeiros pela Universidade. Esta atividade contou ainda com a participação do Gabinete de Transferência e Tecnologia da Universidade do Porto – Universidade do Porto Inovação (UPIN), através da sua apresentação por Sónia Pereira, no âmbito da ação deste gabinete na procura de programas de financiamento nacionais e europeus que possam beneficiar a investigação científica e

⁵³ Nestes casos envolve aconselhamento no que respeita a compra ou aluguer de imóveis.

⁵⁴ Disponibilização de informação sobre a Carta Europeia dos Investigadores e sobre o *Código de Conduta para o recrutamento dos investigadores*.

⁵⁵ A iniciativa de realizar esta sessão em Março de 2011 partiu da representante da FCT, talvez pela disponibilidade e calendarização destas sessões noutros centros *Euraxess* do País.

⁵⁶ A sessão decorreu ao longo do dia, uma vez que envolveu a apresentação de vários Serviços (SRI – Centro *Euraxess*; Universidade do Porto Inovação - UPIN), e do Portal Nacional, testemunhos de investigadores estrangeiros, espaço para questões, debate e reflexão final.

⁵⁷ <http://www.euraxess.pt/index.phtml.pt>

aumentar a visibilidade das atividades de investigação científica, aumentando a capacidade da U.Porto na obtenção de financiamento para projetos de I&D.

B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida

A participação da UPIN foi extremamente relevante para esta atividade, uma vez que este gabinete promove atividades concertadas com os gabinetes de I&D das Unidades Orgânicas da U.Porto e com a FCT, relacionando-se também com o público-alvo do centro *Euraxess*, e atuando no aumento da participação dos investigadores da U.Porto em Programas de financiamento nacionais e europeus. A cooperação com a UPIN ao longo desta atividade e durante a organização e preparação da mesma demonstra a importância da colaboração com os outros Serviços da Reitoria da Universidade do Porto⁵⁸ e entre entidades envolvidas na atuação no âmbito das Relações Internacionais, esfera de competência que, obviamente, não é exclusiva do SRI e SCPLLA. Embora esta atividade não estivesse prevista no relatório de estágio, havia sido referido que o estágio visaria também a presença de investigadores na U.Porto, não estando ainda definidas atividades concretas. Considero a realização desta atividade, uma iniciativa muito importante, que não deveria ser isolada, uma vez que seria muito positivo desenvolver mais ações ligadas à atividade dos investigadores na Universidade, bem como das suas oportunidades de financiamento. O desenvolvimento desta atividade foi também para mim uma oportunidade de observação, através do contacto exploratório na recolha dos testemunhos dos investigadores, possibilitando a averiguação dos motivos que conduziram à escolha da U.Porto para exercer a sua atividade de investigação. As motivações apuradas, junto de 6 investigadores (provenientes do Brasil, da Colômbia, da Tailândia, do Irão, e da República Checa), prendem-se com recomendações de um professor; fatores relacionados com o país e com a cidade, como por exemplo a qualidade de vida em Portugal (*“É muito fácil viver em Portugal, podes ter uma vida plena aqui!”*); e a Cultura Portuguesa (*“Gosto da Cultura Portuguesa, poderia ter ido para a Espanha, porque falo Espanhol...”*); com o reconhecimento da qualidade de ensino da U.Porto, no estrangeiro, (*“A Universidade do Porto é muito bem cotada”*), sendo de realçar o facto de todos mencionarem a reputação da U.Porto. Os comentários que fazem são por um lado positivos, destacam-se: o apoio prestado pela U.Porto, a receptividade imediata por parte do centro de investigação, e a simpatia das pessoas em geral; e por outro, negativos, sendo que se destacam as seguintes dificuldades: a

⁵⁸ Cooperação para além da colaboração em eventos/ações Internacionais.

página da U.Porto tem muita informação em Português, o que torna os seus conteúdos de difícil acesso, o que é de certa forma contraditório uma vez que a página da Universidade deve “*apresentar a Universidade ao mundo*”; o processo para conseguir obter a autorização de residência é difícil e muito longo; os funcionários das bibliotecas não falam inglês. Finalmente todos concordam com a afirmação de um dos investigadores: “*as Universidades mais prestigiadas tendem a fazer menos esforços*”⁵⁹.

⁵⁹ Não tendo obtido o consentimento formal dos investigadores, para divulgar os seus testemunhos, preservar-se-á a identidade dos mesmos.

2.2.Cooperação com Entidades Externas

2.2.1.Protocolo com a Câmara Municipal do Porto

A. Apresentação e desenvolvimento da atividade

Ainda anteriormente ao início do estágio para efeitos de mestrado⁶⁰, o SRI foi contactado pelo Departamento Municipal da Juventude do Município do Porto, apresentando uma proposta que visava a assinatura de um protocolo entre esse Município e a U.Porto.

Este Protocolo⁶¹ celebrado entre a Câmara Municipal do Porto (CMP) e a U.Porto, visa promover a cooperação entre as instituições, no âmbito do acolhimento dos estudantes de mobilidade internacional na U.Porto, sendo o principal objetivo manifestado, o interesse do município em “afirmar o Porto internacionalmente como Cidade que valoriza o potencial dos jovens no processo de desenvolvimento local, regional e nacional”⁶². Este Protocolo de Cooperação foi assinado numa cerimónia oficial na Câmara Municipal do Porto a 21 de Outubro de 2010 (antes do início do estágio para efeitos de Mestrado), sendo que as atividades previstas, a realizar em cooperação entre a CMP e a U.Porto e subjacentes mesmo, se iniciaram em Janeiro (coincidindo com o estágio, por mim realizado). Importa salientar, que este Protocolo⁶³ foi igualmente firmado pela CMP com o Instituto Politécnico do Porto (IPP) e com a Universidade Católica Portuguesa (UCP).

B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida

Uma vez que este protocolo se enquadra na promoção da integração dos estudantes de mobilidade na U.Porto, a gestão das atividades realizadas ao abrigo deste protocolo, cabe à equipa da mobilidade IN. Assim, este protocolo entre a U.Porto e a CMP, através das ações específicas dele decorrem, funciona como estratégia na integração dos estudantes de mobilidade na vida da cidade.

⁶⁰ Proposta recebida através de *e-mail* em Setembro de 2010.

⁶¹ Cf. Anexo IV.

⁶² Protocolo celebrado entre o Município do Porto e a U.Porto em Outubro 2011 (anexo IV, pag.2).

⁶³ Não podendo, no entanto, precisar se contém as mesmas disposições e cláusulas.

A concretização dos objetivos deste protocolo - a promoção do bem-estar e da integração dos estudantes de mobilidade internacional da Universidade do Porto compreende as seguintes ações/atividades realizadas ao abrigo desta cooperação: (i) acesso privilegiado a equipamentos culturais e desportivos municipais, através “de uma redução de preço (para os estudantes de mobilidade), cujo valor será publicitado anualmente no Boletim Informativo”⁶⁴; (ii) acesso gratuito à rede de Museus Municipais, e atribuição de entradas gratuitas (aos estudantes de mobilidade)⁶⁵, para três espetáculos culturais promovidos pela CMP⁶⁶; (iii) atribuição de entradas gratuitas⁶⁷ (aos estudantes de mobilidade), para uma sessão, por semestre, subordinada ao tema "Visões do Cosmos", apresentada em Inglês, e organizada pelo Planetário do Porto com a colaboração do Centro de Astrofísica da Universidade do Porto; (iv) atribuição de entradas gratuitas em visitas guiadas a promover ao longo do mês. A realização desta atividade é fundamental na integração dos estudantes de mobilidade, uma vez que a sua contribuição sócio cultural e sócioeconómica na cidade, enquanto sociedade recetora, a sua participação na vida da cidade, que começa mesmo a ser marcante, não pode ser ignorada nem pela Universidade nem pelo Município. No entanto, considero que as oportunidades de participação nestas atividades deveria ser alargada⁶⁸, para que todos os estudantes pudessem participar nas atividades realizadas ao abrigo deste protocolo de cooperação. Seria ainda importante que esta cooperação empreendida entre a Universidade e outras entidades na Cidade, visando a presença dos estudantes e investigadores estrangeiros, não se limitasse ao protocolo com a CMP, estabelecendo cooperação com outras entidades da cidade⁶⁹.

⁶⁴ Protocolo celebrado entre o Município do Porto e a U.Porto em Outubro 2011 (anexo IV, pag.3).

⁶⁵ Geridos pelo SRI/SCPLLA.

⁶⁶ Os espetáculos culturais para os quais os estudantes beneficiaram de entradas gratuitas foram os Concertos Promenade no Coliseu do Porto (realizados mensalmente no primeiro domingo de cada mês).

⁶⁷ Geridos pelo SRI/SCPLLA.

⁶⁸ Face à atual limitação da participação dos estudantes (na atribuição de entradas/lugares) em cada atividade, que compreende apenas cerca de 3.7% do total de estudantes (tendo em conta a média de 30 entradas/lugares atribuídas pelo município em cada atividade).

⁶⁹ Importa mencionar que, no final do estágio aqui apresentado, estava em marcha a possibilidade de cooperação com o Oceanário do Porto – *Sealife*, através de estabelecimento de protocolo com esta entidade, não estando, no entanto, concluído à data de redação deste relatório.

2.2.2. Colaboração com a *Erasmus Student Network*

A. Apresentação e desenvolvimento da atividade

A *Erasmus Student Network* (ESN), é uma organização internacional de estudantes sem fins lucrativos. Trata-se de uma rede internacional e interdisciplinar de estudantes do ensino superior. Nasceu em Outubro de 1989, tendo sido legalmente registada em 1990 para apoiar e desenvolver a mobilidade de estudantes. Esta associação opera ao nível internacional (com sede em Bruxelas), nacional (presente em 35 países) e local (presente em 374 IES Europeias)⁷⁰. Assim, esta rede está constante desenvolvimento e expansão, oferecendo serviços aos estudantes de mobilidade e dependendo principalmente de trabalho voluntário de outros estudantes.

Os objetivos desta organização são: servir o interesse dos estudantes de mobilidade; melhorar a integração social e prática dos estudantes internacionais; representar os direitos e deveres dos estudantes internacionais, a nível local, nacional e internacional; disponibilizar informação sobre programas de mobilidade; motivar os estudantes a estudar no estrangeiro; reintegrar os estudantes que regressam de um período de mobilidade; contribuir para a melhoria e a acessibilidade da mobilidade estudantil; valorizar os seus membros, o trabalho voluntário e a cidadania ativa. Em Portugal, esta associação está presente em várias secções locais em Lisboa, no Porto, em Évora, em Aveiro e em Coimbra.

No Porto a ESN está representada desde 1990, sediada na Universidade do Porto, tendo organizado em 1995, uma *Annual General Meeting* da ESN internacional, representado a ESN Portugal na Direção Internacional, e na sua Presidência⁷¹. Esta secção local da ESN composta por estudantes da U.Porto, e de outras IES da Cidade, disponibiliza apoio a todos os estudantes internacionais que realizam mobilidade numa IES da região, e atua em estreita cooperação com o SRI e o SCPLLA, não fazendo, apesar da designação, distinção entre estudantes de mobilidade que realizam um período de estudos ao abrigo do programa LLP-Erasmus e os que o fazem ao abrigo de outros programas. A cooperação com esta organização opera-se a vários níveis. A U.Porto disponibiliza apoios financeiros e logísticos a esta

⁷⁰ Ver www.esn.org

⁷¹ Universidade do Porto (2009b)

associação, e a divulgação dos serviços prestados faz-se nos dois sentidos a U.Porto fornece informação sobre a atividade da ESN a todos os estudantes e esta encaminha também os estudantes para os Serviços de apoio da Reitoria da U.Porto. Esta associação participa nas Reuniões de Registo dos estudantes na Universidade, nas Sessões de Boas Vindas, no Jantar de Natal e restantes atividades promovidas pela instituição. A Universidade do Porto, através das Unidades de Gestão da Mobilidade IN do SRI e do SCPLLA, também apoia as iniciativas promovidas pela ESN como a organização de atividades culturais, turísticas e de socialização (por exemplo, convívios, passeios e visitas guiadas), e igualmente o estabelecimento de protocolos entre a ESN e outras entidades. A Universidade apoia e divulga o projeto *Buddy* desta organização, que pressupõe a atribuição de um estudante da U.Porto aos estudantes de mobilidade interessados em obter uma assistência mais personalizada, à chegada. A ajuda prestada passa por exemplo por recolher os estudantes ao aeroporto e prestar apoio na procura de alojamento. Existem também projetos semelhantes, desenvolvidos por estudantes da U.Porto ao nível da Faculdade, através de iniciativas de algumas associações de estudantes, em que um estudante da U.Porto assume o papel de tutor de outro estudante de mobilidade da mesma Faculdade.

B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida

Se considerarmos este conjunto de atividades promovidas pela instituição e a colaboração com entidades externas como elementos de uma estratégia de promoção da integração, a ação desta organização junto dos estudantes de mobilidade internacional da U.Porto constitui um dos elementos mais importantes dessa estratégia. O trabalho destes estudantes, assente no voluntariado, funciona como principal, senão único fator de interação entre os estudantes da Universidade e os de mobilidade internacional. O facto de serem estudantes a ajudar estudantes, princípio que estabelece uma comunicação entre pares, faz com que ajuda prestada atinja mais eficácia relativamente a algumas questões de integração que o SRI pode não alcançar (18% dos estudantes inquiridos indica a ESN como recurso face aos problemas enfrentados). Importa salientar ainda o facto de a maioria destes estudantes voluntários, terem sido, na sua maioria, já anteriormente, eles próprios, estudantes de mobilidade noutras Universidades. Assim, essa característica faz com que estejam já familiarizados com muitos problemas e obstáculos que os colegas que frequentam a U.Porto poderão enfrentar. Tendo em conta a avaliação geral dos estudantes inquiridos,⁷² esta

⁷² Cf. ponto 8.4.

associação promove eficazmente a integração pessoal, social e cultural dos estudantes que escolhem a U.Porto para um período de estudos, embora nos testemunhos, embora nos testemunhos recolhidos se encontre frequentemente a sugestão de mais atividades culturais entre as oferecidas pela ESN.

2.2.3. Promoção dos Cursos de Língua

A. Apresentação e desenvolvimento da atividade

Apesar de a Universidade não colocar aos estudantes pré-requisitos relacionados com o nível de língua, os estudantes são vivamente aconselhados a obter, antes da chegada conhecimentos de língua Portuguesa na preparação do período de estudos. O estudante é encorajado a frequentar cursos de Português, uma vez que, na U.Porto, a maioria das unidades curriculares são lecionadas em Português, ao mesmo tempo que se apresenta a aprendizagem linguística como uma das vantagens da mobilidade internacional: *aprender a terceira língua europeia mais falada no mundo, com cerca de 200 milhões de falantes.*

Esta promoção dos cursos de língua passa não só pelo encorajamento da frequência dos cursos de português para estrangeiros organizados pela U.Porto, mas igualmente de outros como o *Erasmus Intensive Language Courses* (EILC), permitindo uma preparação mínima antes do período de estudos em Portugal. A U.Porto promove, através da Faculdade de Letras (FLUP), vários cursos de Português, em diferentes modalidades. Divulgar esta informação acerca das oportunidades de frequentar estes cursos faz parte da atividade da Unidade de gestão da Mobilidade IN. Os estudantes e investigadores podem frequentar um curso intensivo de iniciação à Língua Portuguesa, (início em Setembro, Outubro e em Fevereiro), cuja carga horária é de 60 horas semanais, recebendo um certificado final no caso de aprovação. Existe ainda um Curso de Cultura e Língua Portuguesa para Estrangeiros, organizado pela Faculdade de Letras, que se realiza em duas edições: em Julho (Curso de Verão), e entre Outubro e Junho, sendo o primeiro lecionado em quatro níveis (iniciação, elementar, intermédio e avançado), e o segundo em cinco (iniciação, elementar, intermédio, avançado e superior). Estes cursos incluem também a participação em algumas visitas guiadas, como atividades complementares ao trabalho desenvolvido nas aulas e que visam “proporcionar aos estudantes um contacto com aspetos socioculturais”. Apesar dos cursos oferecidos pela U.Porto apresentarem um valor inferior ao “custo real” (comparativamente a cursos de língua promovidos por entidades particulares), e de os estudantes que realizam um período de estudos ao abrigo do programa LLP-ERASMUS, beneficiarem de um desconto na inscrição, estes cursos são pagos pelos estudantes, o que constitui por vezes um impedimento à participação do mesmo (37% dos estudantes inquiridos que não frequentaram curso de Português alegam dificuldades financeiras para

frequentar os cursos disponíveis⁷³. Por outro lado 48% dos estudantes frequentou um curso de português promovido pela U.Porto. Estes dados serão comentados detalhadamente, mais adiante, neste trabalho.

B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida

O desenvolvimento desta atividade é fundamental enquanto instrumento institucional e estratégia de promoção da integração, uma vez que aquisição de competências linguísticas constitui um fator crítico para a integração. O desenvolvimento de competências linguísticas pode conduzir a melhores oportunidades de trabalho ou ao alargamento das mesmas, à independência dos estudantes, e de todos os migrantes, e à participação mais ativa no mercado de trabalho internacional cada vez mais competitivo. É também importante oferecer diferentes níveis de cursos de língua baseados nos conhecimentos dos participantes e nas condições de aprendizagem, refletindo as diferentes necessidades dos migrantes nas diferentes fases do processo de integração. No âmbito desta atividade, tive oportunidade de assistir ao seminário “As Línguas Neolatinas e a internacionalização da Língua Portuguesa”, realizado a 1 de Abril no Salão Nobre da Reitoria da U.Porto, inserido na Jornada portuguesa do *Festlatino* -Festival Internacional de Culturas, Línguas e Literaturas Neolatinas⁷⁴. Esta jornada propunha o debate sobre o papel das línguas neolatinas, “num mundo cada vez mais uniforme linguisticamente ao nível da comunicação global”, e sobre as estratégias a utilizar na sua promoção.

Assim, para além do tema me interessar a nível pessoal, considerei que a participação neste seminário poderia ser importante, no âmbito desta atividade, no sentido de averiguar a pertinência de uma análise do potencial papel que poderia desempenhar a U.Porto na internacionalização da Língua Portuguesa através da sua promoção junto dos estudantes estrangeiros de mobilidade, e da disponibilização da maior parte das disciplinas em Língua Portuguesa, a este público-alvo⁷⁵.

⁷³ Cf. Ponto 9

⁷⁴ A proposta de inscrição no seminário foi apresentada à orientadora externa, e aprovada, sendo que a própria, também esteve presente no Seminário.

⁷⁵ Cf. Anexo IV – programa da Jornada do *Festlatino* - Conferência “Internacionalização da Língua Portuguesa”: “Português, língua global: estratégias e desafios” (Ana Paula Laborinho, U.Lisboa); “O ensino do

Seria também interessante analisar qual a situação do estudo da Língua Portuguesa no estrangeiro, uma vez que 17% dos estudantes inquiridos, cuja língua mãe não é a Língua Portuguesa afirma ter, antes do período de estudos, conhecimento suficiente da língua para frequentar aulas. Seria importante averiguar qual é o ponto de situação da aprendizagem da língua portuguesa no estrangeiro, e possível relação com a existência de departamentos de língua portuguesa nas Universidades parceiras [*Masarykova Univerzita* (República Checa); *Eötvös Loránd* (Hungria); *Universidade de Santiago de Compostela* (Espanha); *Universitat de València* (Espanha); *Otto-von-Guericke-Universität Magdeburg* (Alemanha); *Universitetet i Oslo* (Noruega)]. Embora não se possa nesta apreciação aprofundar este aspeto, pela falta de elementos e por não ser esse o objetivo deste trabalho, para uma análise da imagem e projeção da língua Portuguesa no exterior, os protocolos entre universidades, e nomeadamente com estes departamentos têm relevância fundamental.

É fundamental reconhecer na Língua Portuguesa uma vantagem competitiva importante, e, neste sentido, será pertinente afirmar que a Universidade, através da promoção dos Cursos de Português para estrangeiros, pode ter um papel importante no estímulo da aprendizagem da Língua Portuguesa, isto é na criação de espaços linguísticos e culturais, e na valorização das línguas neolatinas, e não apenas do inglês.

Em suma para além do levantamento de algumas questões pertinentes para a questão da internacionalização e promoção da língua portuguesa, esta atividade forneceu alguns elementos importantes, aspetos a ter em conta para poder analisar a questão do ensino em língua portuguesa, nas suas vantagens e desvantagens, para o público de mobilidade internacional. Esta é uma apreciação que se impõe, no que diz respeito à oferta formativa em Língua Portuguesa: se, por um lado, deve ser considerado o papel relevante na promoção da língua portuguesa, por outro, este facto pode, ao mesmo tempo, constituir impedimento ou obstáculo à aprendizagem dos estudantes estrangeiros. É evidente que a promoção dos cursos de língua portuguesa e o encorajamento da preparação linguística antes e durante o período de estudos constitui uma estratégia favorável à integração e ao êxito académico durante o período de mobilidade, ainda que as disciplinas frequentadas sejam lecionadas em português. Todavia, deve existir um equilíbrio entre a oferta formativa em português e

Português Língua Estrangeira e a Faculdade de Letras da U.Porto” (Isabel Duarte, FLUP); “O Português no âmbito das línguas neolatinas: contributos para um diálogo intercontinental e intercultural” (Helena Carreira, U.Paris VII).

inglês para os estudantes de mobilidade. Os professores devem estar sensibilizados e alerta para as dificuldades relacionadas com a língua, que os estudantes estrangeiros podem enfrentar, ainda que estes consigam acompanhar as aulas ministradas em português, a possibilidade de realizar a avaliação (incluindo trabalhos académicos, exames finais ou intermédios) noutras línguas, nomeadamente em Inglês. O mesmo se deve aplicar ao acompanhamento destes estudantes. Neste aspeto, é importante salientar que a estratégia de internacionalização de uma Universidade não se pode concretizar apenas através da cooperação entre instituições, tal como, os serviços de relações internacionais não podem ser os seus únicos ou os principais instrumentos. Trata-se de uma transformação que se deve operar igualmente ao nível estrutural/interno da Universidade, abrangendo a oferta formativa da instituição, bem como a consciencialização do corpo docente para a diversidade do corpo estudantil, estabelecendo uma abertura da instituição no panorama internacional. Apresentados todos estes aspetos podemos concluir que a internacionalização da cultura e ciência através da língua inglesa não é incompatível com a promoção da nossa língua trata-se de um “projeto de intercompreensão”⁷⁶.

Para finalizar esta apreciação, importa referir que, o balanço no final do período de estudos é positivo, apenas 11% dos estudantes inquiridos considera o seu nível de conhecimento da Língua Portuguesa insuficiente, ao passo que 31 % avaliam o seu nível de português como razoável, e os restantes 58% avaliam o seu como bom ou muito bom no final do período de estudos⁷⁷. No entanto esta avaliação seria francamente mais positiva se os custos à frequência do curso de Português não fossem suportados pelos estudantes, uma vez que este fator desmotiva claramente essa aprendizagem.

⁷⁶ Cf. Anexo IV – programa da Jornada do *Festlatino* - Conferência “Internacionalização da Língua Portuguesa”: “O Português no âmbito das línguas neolatinas - contributos para um diálogo intercontinental e intercultural” (Helena Carreira, U.Paris VII).

⁷⁷ Cf, ponto 9

3.Criação e gestão de procedimentos para a Mobilidade IN

3.1. Grupo de trabalho Erasmus

A. Apresentação e desenvolvimento da atividade

O Grupo de trabalho Erasmus é coordenado pela Coordenadora Institucional Erasmus, sob a supervisão do Vice-Reitor para as Relações Internacionais. Este é constituído por um professor, o Coordenador Local Erasmus de cada Unidade Orgânica; um ou mais técnicos adstritos aos programas de mobilidade de cada Unidade Orgânica, e pelos técnicos do SRI.

Este grupo foi criado com objetivo de constituir um grupo de reflexão e acompanhamento que reúne várias vezes por ano no sentido de definir e acordar princípios, abordagens e procedimentos para a implementação e processamento das mobilidades, dos acordos e parcerias bem como para a definição da utilização do financiamento obtido com vista à concretização das atividades propostas. É importante também ter em conta o importante grau de autonomia nas catorze faculdades, a descentralização dos Serviços e a divisão do campus da U.Porto em três polos geograficamente afastados. Neste sentido, o grupo de trabalho deve aproximar as Unidades Orgânicas e a Unidade Central servindo como um espaço para definir estratégias e procedimentos, e para articular informação sobre as mobilidades em curso com as respetivas com as diferentes Unidades Orgânicas. A primeira Reunião do Grupo de Trabalho Erasmus realizou-se a 12/01/2011, onde se discutiram os objetivos e atividades para 2011: o Centenário da U.Porto; Sessão *Euraxess* e apresentação do Portal Nacional e divulgação do Centro; sessão de boas vindas aos estudantes de mobilidade IN, segundo semestre; IX mostra da U.Porto; auditoria ERASMUS relativamente ao ano académico de 2008/2009, a realizar pela Agência Nacional (AN) PROALV em Janeiro de 2011; Atualização do Módulo de Cooperação no SIGARRA, na vertente IN; reconhecimento académico e transferência de créditos e classificações, tentativa de constituição de um grupo de reflexão sobre transferência de créditos e classificações; mobilidade de estudantes e diplomados OUT e IN registados no SRI 2009/2010; relatório da evolução da mobilidade de estudantes, e Relatório evolutivo Erasmus; dificuldades e incumprimentos relativamente ao ano académico de 2009/2010; sistemas de gestão de alunos; nomeação de estudantes e novos procedimentos de candidatura 2011/2012 para a mobilidade IN; histórias de sucesso de mobilidade IN/OUT recolhidas anualmente;

disponibilização de dados para o relatório intercalar da Agência Nacional. A par desta reunião de lançamento realizaram-se ainda outras atividades que reuniram o grupo de trabalho, como os *workshops* de boas práticas “mobilidade às quartas-feiras”, realizados mensalmente na Reitoria da U.Porto. Nestas sessões, cada Unidade Orgânica apresentava uma formação direcionada para um tema em específico com o objetivo de promover “boas práticas” entre o grupo de trabalho: Mobilidade docente (FLUP e FADEUP a 9 de Fevereiro 2011); Receção de estudantes de mobilidade IN (FPCEUP 16 de Março); Mobilidade Estágios; Participação mobilidade Erasmus Mundus⁷⁸.

B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida

A importância desta atividade prende-se essencialmente com a necessidade óbvia de articulação de informação entre a Unidade Central (SRI) e as Unidades Orgânicas que operam a gestão do envio e receção das mobilidades. Esta articulação requer obviamente a discussão e a criação de procedimentos, estratégias e mecanismos para a concretização dos objectivos estabelecidos para a gestão de mobilidade IN e OUT. A realização de reuniões é essencial para o bom processamento das mobilidades, não só pela discussão e desenvolvimento de procedimentos mas também porque a representação de todas as Unidades Orgânicas permite a criação de uma rede de contacto e troca de informação ao longo do trabalho desenvolvido. Por esta razão, e para assegurar a constante atualização e discussão de procedimentos e resolução de problemas, seria importante que as reuniões do Grupo de Trabalho se realizassem mais frequentemente. A realização dos *workshop* de boas práticas é uma ideia muito interessante, pelo menos, no que respeita àquele que foi subordinado ao tema da recepção de estudantes de Mobilidade IN ao nível da Faculdade, apresentado pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da U.Porto (FPCEUP). Esta sessão consistiu na discussão e apresentação de procedimentos e problemas levantados na Faculdade. Esta Faculdade, por exemplo, promove o recrutamento de *buddies* junto da associação de estudantes. Estes voluntariam-se para o acolhimento e integração dos estudantes de mobilidade IN, recebendo como incentivo um certificado de participação no projeto e uma carta de recomendação. Esta Unidade Orgânica organiza adicionalmente uma pequena sessão de boas vindas ao grupo de estudantes de mobilidade, em conjunto com a associação de estudantes; no âmbito da apresentação do projeto *Buddy*, os estudantes de mobilidade recebem um cartão de visita dos buddies e

⁷⁸ Estas últimas não se realizaram durante o período de estágio.

efectuam a inscrição nas unidades curriculares com o apoio dos voluntários. Os problemas enfrentados [por esta faculdade] prendem-se com o limite de vagas para estudantes de mobilidade nas turmas das unidades curriculares lecionadas (limitação de 5 estudantes de mobilidade IN por turma)⁷⁹. Neste sentido, podemos concluir que organização de programas de boas vindas ao nível da faculdade constitui uma prática positiva, assim como o recrutamento de tutores, uma vez que representa o envolvimento dos restantes estudantes da U.Porto⁸⁰. Já a exposição do limite imposto de cinco estudantes de mobilidade por turma constituiu uma surpresa, sendo necessário averiguar a razão deste impedimento. Em conclusão, é necessário salientar que a rede que este grupo de trabalho compõe, se reveste de importância especial, se tivermos em consideração o elevado grau de autonomia das Unidades Orgânicas. Neste sentido estas linhas de orientação que se traçam em conjunto são fundamentais na promoção de boas práticas no que toca não só a gestão da mobilidade de estudantes, mas também o desempenho da Universidade do Porto no seu relacionamento internacional. Estas práticas beneficiam ainda a integração de novos técnicos da equipa⁸¹, e asseguram o envolvimento dos técnicos e professores, potenciando a resolução de problemas e obstáculos. Este envolvimento por parte dos professores, quer dos coordenadores internacionais locais, quer dos professores responsáveis pelas mobilidades realizadas, é essencial, pelo papel que desempenham enquanto atores fundamentais nesta cooperação, uma vez que, os professores da U.Porto operam, nas suas relações de investigação e, juntamente com professores de outras universidades, importantes ações de internacionalização e cooperação ao nível individual que transferem para o nível institucional.

⁷⁹ Será imperativo para o SRI compreender esta limitação, percebendo se esta se estende às restantes Unidades Orgânicas, e atuar no sentido de ultrapassar este obstáculo à mobilidade de estudantes internacionais.

⁸⁰ A Faculdade de Letras (FLUP), bem como a de Economia (FEP) e Engenharia (FEUP) da U.Porto, participam igualmente num esquema de voluntários/tutores ao nível da faculdade, visando o acompanhamento dos estudantes de mobilidade.

⁸¹ Enquanto estagiária, a presença nestas sessões contribuiu largamente para assimilação da dinâmica do relacionamento com as Unidades Orgânicas, e os procedimentos relativos à mobilidade IN, facilitando igualmente a comunicação entre todos os agentes intervenientes, ao nível da U.Porto, e das Universidades Parceiras

3.2. SIGARRA - Módulo IN

A. Apresentação e desenvolvimento da atividade

O Sistema de Informação para a Gestão Agregada dos Recursos e Registos Académicos (SIGARRA), é a plataforma base para a gestão de informação na U.PORTO, dialoga com outras aplicações e sistemas existentes na Universidade, como sistemas de gestão de bibliotecas, sistemas de gestão de aprendizagem, sistemas de gestão financeira, sistemas de controlo de assiduidade, sistemas de controlo de acesso a instalações, entre outros. Este projeto tem vindo a ser desenvolvido desde 2003 pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) e pela Reitoria da U.Porto (Universidade Digital).

Este sistema visa facilitar o acesso à informação relevante para a instituição, de carácter pedagógico, científico, técnico ou administrativo, bem como promover e dinamizar a colaboração interna, com as comunidades académica e empresarial.

Neste sistema encontram-se registados dados e processos relativos a estudantes, docentes, investigadores, funcionários não docentes e utilizadores externos. Para além dos registos académicos dos estudantes, inclui planos de estudo dos cursos, horários e disponibilidade de salas, localização de pessoas, autores de publicações e projetos. Adicionalmente funciona como veículo de informação externo acerca de cursos oferecidos, e genericamente acerca das atividades gerais da instituição. Este projeto deve ainda estar em constante inovação e atualização, promovendo a criação de novas a novas funcionalidades e incorporando alterações induzidas pela dinâmica de trabalho da instituição, pelas críticas e sugestões, e métodos de avaliação do sistema.

“O SIGARRA integra três componentes. Duas componentes de *backoffice* - a Gestão Académica (GA) e a Gestão de Recursos Humanos (GRH) - e uma componente de *frontoffice* - Sistema de Informação (SI) ” Cada um destes componentes é constituído por um número significativo de módulos, “que se interrelacionam e compõem o SIGARRA”⁸².

No SIGARRA da U.Porto⁸³ existe a componente do módulo Cooperação ligada ao SRI. Este módulo permite, aos técnicos do SRI, a gestão e validação dos acordos bilaterais e de cooperação que a UP mantém com as instituições parceiras, Permitindo a gestão da

⁸² Ver www.tic.up.pt/

⁸³ Através de autenticação em www.up.pt

informação, acordos, definição de vagas, os prazos para abertura de candidaturas, as informações das instituições parceiros e os perfis dos técnicos da cooperação em cada UO, entre outros.

O objetivo deste sistema é suportar estes processos, formalizando os passos necessários para a submissão e validação dos acordos (bilaterais e de cooperação), e para a submissão e validação das candidaturas (de alunos e docentes) a programas de mobilidade.

Este sistema foi implementado em 2008/2009 permitindo gestão de acordos de cooperação e acordos bilaterais que a Universidade do Porto mantém com Instituições Parceiras, assim como a gestão de candidaturas a programas de mobilidade na vertente da U.Porto para o exterior - *Outgoing* (OUT). Estas candidaturas são feitas pelos estudantes e pelos docentes das Unidades Orgânicas da U.Porto ao SRI (Serviço de Relações Internacionais) da Reitoria. O processo de gestão de acordos de cooperação e de acordos bilaterais baseia-se no preenchimento das informações essenciais num formulário *Web*. Esse preenchimento é feito nas faculdades e a validação dos mesmos é feita no SRI.

Do mesmo modo, o processo de candidaturas a programas de mobilidade de alunos e docentes é realizada carregando a informação em formulários *Web*.

Na vertente IN, este sistema foi implementado em 2011, com o objetivo de entrar em funcionamento no ano letivo 2011/2012, com o objetivo de suportar também os procedimentos e gestão de candidaturas dos estudantes de mobilidade IN. Para garantir a entrada em funcionamento deste sistema em tempo útil⁸⁴, o projeto de atualização do módulo de cooperação do SIGARRA ,na vertente de Mobilidade-IN, este compreendeu um período de reuniões e como tal a formação de uma equipa destacada para esta articulação⁸⁵, (equipa de mobilidade IN do SRI e SCPLLA, juntamente com a equipa de desenvolvimento de *software* da Universidade Digital da Reitoria U.Porto)no sentido de perceber as necessidades⁸⁶, e de

⁸⁴ A meta estabelecida para este sistema era suportar as candidaturas, de estudantes provenientes de universidades estrangeiras, a um período de estudos na U.Porto, já no ano académico de 2011/2012 (divulgação das novas condições de candidatura prevista para Março de 2011).

⁸⁵ Que integrei juntamente com as responsáveis pelas unidades de mobilidade IN Teresa Medeiros e Luísa Capitão.

⁸⁶ Necessidades dos estudantes, de ambos os serviços de cooperação Internacional, e das Unidades Orgânicas (técnicos, e professores coordenadores).

fazer corresponder corresponder esses requisitos e pedidos com as funcionalidades a disponibilizar através do novo sistema. Este período de reuniões⁸⁷ de articulação e discussão das funcionalidades a disponibilizar pela equipa de desenvolvimento do SIGARRA, compreendeu a disponibilização de uma versão em pré-produção para aperfeiçoamento e de testes finais a realizar pelo SRI e SCPLLA, com o objetivo de afinar os critérios de pesquisa e segmentação⁸⁸, e prever todas as situações e possibilidades de candidatura dos estudantes que se candidatam à U.Porto (até então, faziam-no usando um formulário de candidatura em papel, que circulava por correio entre: o estudante > a sua Universidade de Origem > SRI/SCPLLA U.Porto⁸⁹ > a UO na U.Porto⁹⁰), conciliando todos estes aspetos com as necessidades dos Serviços centrais e das Unidades Orgânicas. A participação desta equipa no processo de implementação deste módulo compreendeu também a produção de quatro manuais utilização, e guias de candidatura a um período de estudos na U.Porto, (perspetiva do estudante, disponibilizado em Português e Inglês⁹¹; na perspetiva do técnico da Unidade Orgânica disponibilizado para familiarizar os técnicos antes da implementação do novo sistema de candidaturas; e um outro manual para utilização interna, da Unidade Central – Reitoria). Esta atividade culminou com uma Sessão de Apresentação e Formação acerca do Módulo de Cooperação, destinada aos técnicos das diferentes Unidades Orgânicas.

⁸⁷ Entre o final do mês Janeiro e final do mês de Fevereiro.

⁸⁸ Uma vez que a implementação deste módulo pressupunha a extinção da base de dados utilizada até então com recurso a um o programa de armazenamento de dados - *FileMaker*.

⁸⁹ Nesta fase o formulário era inserido manualmente, alimentando a base de dados do SRI/SCPLLA (em *FileMaker*).

⁹⁰ Muito frequentemente entre mais do que uma Faculdade da U.Porto. Após aceitação pela Coordenação local na U.Orgânica os formulários regressavam à Unidade Central-Reitoria, que emitia os documentos necessários à aceitação dos estudantes, fazendo-os circular novamente por correio com destino à Universidade de Origem e ao estudante de mobilidade.

⁹¹ Ver anexo V

Etapas do desenvolvimento de um submódulo:

1. Elaboração de especificações.
2. Análise e Desenho:
 - Definição de requisitos e elaboração de documentação de âmbito funcional;
 - Conceção de modelos de dados e elaboração de documentação técnica;
 - Especificação da interoperabilidade com outros sistemas, quando aplicável;
 - Desenho de interfaces.
3. Desenvolvimento de código (localização em duas línguas):
 - Desenvolvimentos de ferramentas de produtividade;
 - Prototipagem;
 - Implementação dos modelos de dados, API e interfaces.
4. Manutenção:
 - Correção de falhas (*bugs*) ou inconformidades do código;
 - Novas versões de módulos ou funcionalidades.
5. Controlo de qualidade de *software*:
 - Definição de plano de testes;
 - Realização de testes;
 - Conformidade com normas de acessibilidade e usabilidade;
 - Produção de relatório de controlo de qualidade.
6. Instalação em produção.
7. Gestão de documentação:
 - Ajuda *online*;
 - Manuais de instalação e utilização;
 - Documentação de *releases*.
8. Formação de formadores:
 - Formação de equipas técnicas de consultadoria e/ou suporte.

A equipa da Unidade de mobilidade IN (do SRI em conjunto com SCPLLA), enquanto produtores de informação junto da equipa de desenvolvimento do SIGARRA, participou em algumas destas etapas, realizando as seguintes tarefas: definição de requisitos a que este submódulo deveria corresponder e definição de campos e critérios de pesquisa; realização de testes e levantamento de falhas (*bugs*); e desenvolvimento de guias de candidatura e manuais de utilização. A organização da informação a constar nos guias fez-se na forma de tutoriais, explicando a utilização deste sistema passo a passo.

B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida

Face ao pouco tempo de que dispúnhamos até à abertura de candidaturas e a formação e apresentação aos técnicos das Unidades Orgânicas, não foi possível recorrer a um *designer*, como seria habitual, noutra situação, antes da disponibilização dos guias aos estudantes e técnicos, pelo que nos coube a conceção dos guias na sua elaboração integral, nas suas quatro diferentes versões⁹². Apesar destes constrangimentos causados pela urgência de disponibilização de um novo sistema de candidatura, esta atividade constituiu, na minha opinião, um desafio positivo, para mim, visto que adquiri conhecimentos relevantes ao nível da produção e desenvolvimento de *software*, e do funcionamento, gestão e manutenção de bases de dados. Hoje em dia, cada vez mais, o conhecimento e domínio de competências informáticas, especialmente as relacionadas com a utilização da *internet* no desenvolvimento de instrumentos e estratégias por parte das instituições, desempenha um papel fundamental na formação de profissionais, de todas as áreas e neste caso, nomeadamente na área da Cooperação Internacional.

Adicionalmente, convém salientar que esta atividade constituiu um grande avanço face ao anterior procedimento de candidatura (em papel) e gestão das mobilidades em curso. Considero que este tipo de obstáculos administrativos constituem reticências à abertura internacional, e um recuo na atratividade das Universidades, ao passo que a facilidade deste procedimento que pressupõe a utilização da *Internet*, apresenta-se (na maior parte dos casos) como uma vantagem (também competitiva, visto que muitas outras Universidades utilizam já sistemas de candidatura e gestão *online*). Apesar da entrada em produção deste sistema de gestão das mobilidades, e da sua utilização por parte, dos estudantes, Unidade Central e Unidades Orgânicas, desde Março de 2011, trata-se de um processo em constante desenvolvimento e atualização.

⁹² Estas tarefas foram levadas a cabo por mim, em conjunto com as responsáveis da mobilidade IN do SRI e SCPLLA, Teresa Medeiros e Luísa Capitão, sendo os guias da autoria conjunta, porém, a organização dos conteúdos em forma de tutoriais e concepção gráfica, ficou a meu cargo, sempre sujeita à revisão por parte das responsáveis pela Mobilidade IN e Diretoras, dos Serviços de Cooperação Internacional.

4. Atividades Institucionais

4.1. Portal Cooperação Internacional

A. Apresentação e desenvolvimento da atividade

Conforme já foi mencionado, hoje em dia, a produção e disponibilização de informação e atualização da mesma através da *internet* desempenha um papel fundamental no relacionamento das entidades, e instituições, com o seu público-alvo. No caso da U.Porto este público é muito diversificado, sendo que o seu *website* funciona como instrumento de comunicação e relacionamento com a comunidade académica da U.Porto e potenciais estudantes; com a sociedade em geral. No caso do Portal da Cooperação Internacional, esta situação reveste-se de importância, uma vez que este é fundamental para a apresentação da instituição ao público-alvo da Cooperação internacional, e no seu relacionamento com o mesmo. Neste sentido é essencial disponibilizar cada vez mais conteúdos no Portal da Cooperação, e ter em conta a necessidade da sua atualização constante. Assim, durante o estágio que realizei foi-me solicitado que produzisse novos conteúdos, e atualizasse os existentes, relacionados com a Mobilidade IN, para disponibilização no Portal da Cooperação Internacional, para cada secção de informação deveria produzir duas versões, uma em Português e outra em Inglês.

B. Apreciação crítica da atividade desenvolvida

Esta atividade exigiu, a redefinição de muita informação que se encontrava desatualizada, face à criação de novos procedimentos de candidatura e novo sistema de gestão dos dados das mobilidades, pelo que foi necessário disponibilizar informação, acerca dos novos procedimentos de candidatura, de forma clara e facilitando o acesso por estudantes e coordenadores das Universidades Parceiras⁹³. Adicionalmente, às mudanças implicadas pela implementação deste novo sistema (foi igualmente necessário disponibilizar os guias de apoio à candidatura online, no Portal da Cooperação da Internacional da U.Porto⁹⁴), foi-me solicitada a atualização do guia de apoio do estudante estrangeiro, disponível no Portal, bem como a

⁹³ Ver anexo VII

⁹⁴ Ver anexo V

criação de um novo guia a disponibilizar em quatro línguas, coube-me ainda a disponibilização dos testemunhos, recolhidos durante o estágio no Portal da Cooperação Internacional⁹⁵. O facto de me serem atribuídas estas tarefas constitui para mim um desafio interessante e dinâmico, pelo trabalho de levantamento da informação, conceção e organização da informação a disponibilizar *online*. Embora estes projetos fossem sempre sujeitos à revisão e aprovação superior, usufruí de autonomia na criação e desenvolvimento de material informativo, que devia ser graficamente apelativo, a disponibilizar ao público internacional da U.Porto.

4.2.Divulgação e promoção da U.Porto

A. Apresentação e desenvolvimento da atividade e apreciação crítica da atividade desenvolvida

As atividades de carácter institucional por mim levadas a cabo, no sentido de divulgar e promover a U.Porto junto dos estudantes e instituições parceiras, consistiram na participação (por parte da U.Porto) em feiras de promoção da mobilidade nas instituições parceiras, como *Study Abroad Fairs*, ou *International Days*, através do envio de material promocional (físico) e na preparação de apresentações institucionais para serem utilizadas nestes eventos. As Instituições Parceiras que solicitaram esta colaboração Universitaet Regensburg (Alemanha); University of Nottingham (Reino Unido); Universidad de Castilla-La Mancha (Espanha); Aarhus University (Dinamarca); Universitat de València (Espanha); Universidad de Alcalá (Espanha); Universidad de Cantabria (Espanha); Universität zu Köln (Alemanha); Dalarna University (Suécia); Universität Greifswald (Alemanha); University of Geneva (Suiça); University of Lausanne (Suiça); Université Lille 2 (França); Norwich University College of the Arts (Reino Unido); Ludwig-Maximilians-Universität (Alemanha); Johannes Gutenberg Universität (Alemanha); National Taiwan University (Taiwan); Tilburg University (Holanda); Vilnius Gediminas Technical University (Lituânia); Università degli Studi di Torino (Itália); Universidad Carlos III Madrid (Espanha); University of Konstanz (Alemanha); Université Libre de Bruxelles (Belgica); Université de Versailles - Saint-Quentin-en-Yvelines (França). Ainda no que toca à divulgação e promoção da U.Porto destaco a minha participação na IX Mostra de Ensino e

⁹⁵ Ver anexo IX

Inovação da U.Porto e nas comemorações do Centenário da U.Porto (1911-2011). Estas divulgações junto das instituições parceiras revestem-se de especial importância por constituírem ações de promoção e captação de estudantes. A participação na IX Mostra de ensino e inovação da U.Porto e nas Comemorações do Centenário (1911-2011) em Março, não constituiu uma atividade de muita relevância comparativamente às restantes desenvolvidas ao longo do estágio, no entanto destaco esta participação aqui, por ter contribuído para uma melhor compreensão e entendimento do funcionamento da instituição, na extensão das atividades do SRI e não apenas do funcionamento regular da Unidade de Mobilidade IN. A participação na Mostra da U.Porto consistiu na divulgação da Cooperação Internacional da U.Porto e das oportunidades de estudo no estrangeiro, dentro das oportunidades de estudo na U.Porto, junto de estudantes do ensino secundário. Esta divulgação, ainda que, de pouco impacto junto dos jovens que pretendem ingressar na Universidade, não deixa de promover a mobilidade como um todo, contribuindo para a consciencialização, junto deste público mais jovem, ainda com pouco conhecimento acerca das vantagens e oportunidades da mobilidade de estudos. A participação nas comemorações do Centenário da U.Porto (1911-2011) consistiu no acompanhamento das delegações de reitores e representantes das Instituições parceiras, estrangeiras e nacionais, convidados para a Sessão Solene do Centenário, e dos oradores nacionais e internacionais convidados para a Conferências do Centenário. Estas atividades relacionadas com as comemorações do centenário desenrolaram-se ao longo de uma semana, e foram realizadas em conjunto com Sofia Esteves (SRI), e em articulação com o responsável pela Comunicação e Imagem da U.Porto.

Parte II

Mobilidade Estudantil na U.Porto: Comportamentos e Perceções

Este capítulo é dedicado à investigação despoletada pelas atividades desenvolvidas na instituição de estágio. Com uma tónica mais teórica, consiste num enquadramento do tema de investigação, com especial enfoque na mobilidade e migração estudantil em geral e da mobilidade estudantil internacional no caso da Universidade do Porto em especial. Está organizado partindo de uma apresentação e justificação da pertinência do estudo do tema em análise, passando por uma conceptualização geral e por um levantamento de alguns contributos teóricos relevantes sobre o assunto explorando uma aproximação diversificada ao fenómeno em estudo, ou a outros afins, bem como de outros trabalhos de investigação que envolveram um universo de intervenção e metodologia semelhantes aos utilizados neste trabalho. De seguida, apresento os métodos e técnicas, utilizados para concretizar os objetivos propostos, a exploração e a observação, uma apresentação e análise dos resultados da investigação, tentando depois apresentar uma síntese final.

5. Justificação e Pertinência

Nos últimos trinta e sete anos assistimos a um aumento impressionante no número global de estudantes no ensino superior (UIS, 2009: 10)⁹⁶.

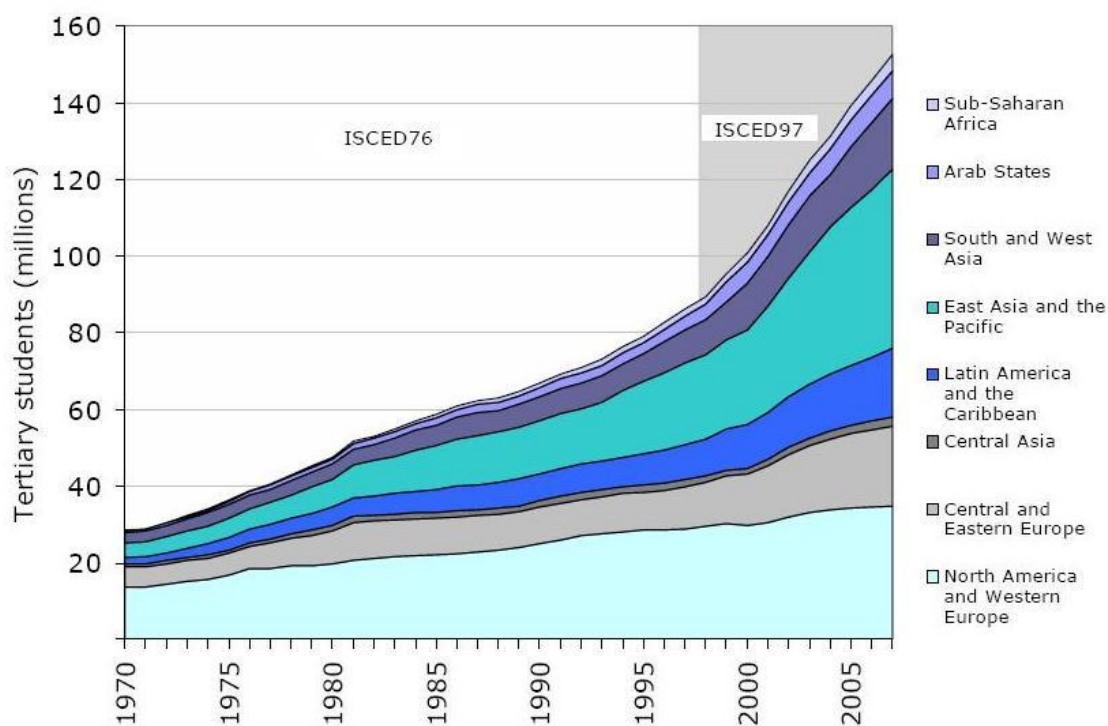


Figura 2. Crescimento do Número de Alunos Inscritos no Ensino Superior Por Região (1970-2007)⁹⁷.

Nesta era global, também o campo da educação se viu rapidamente afetado por mudanças que provavelmente poucos previram, o que lhe confere manifesta ambiguidade ao ser simultaneamente atravessado pelas dimensões internacionais e nacionais, num processo dinâmico. O impacto e as implicações da globalização que vem sendo intensificada, e das rápidas mudanças nas relações geopolíticas acentuam essas transformações, bem como os avanços “dramáticos nas tecnologias de informação e comunicação, os desafios

⁹⁶ Ver Figura 2.

⁹⁷ O número de estudantes a ingressar no ensino superior cresceu cerca de 4 vezes mais entre 1970 e 2007. Fonte: UIS (2009:11)

paradigmáticos e os desenvolvimentos nas ciências sociais, e a relativa facilidade das viagens internacionais que caracterizam os nossos tempos” (Crossley; Watson, 2004:2)⁹⁸.

Assim, podemos afirmar que a internacionalização no ensino superior resulta inevitavelmente da economia globalizada e baseada no conhecimento, do século XXI. Estas tendências que afetam as universidades, como a diversificação, expansão, privatização e outras, trazem implicações no “papel internacional” das instituições académicas. Neste sentido, a lógica da globalização, em conjunto com outras pressões que as Universidades enfrentam, tornam necessária e pertinente uma reconsideração dos programas e estratégias internacionais. Atualmente, a cooperação internacional e regional através de trocas e laços entre Universidades atravessa mudanças (Altbach; Teichler, 2001:5-25).

Nesta medida, os autores que no campo da educação comparada defendem uma “abordagem do sistema mundial” afirmam que se tornou óbvio, e se tem vindo a acentuar o carácter transnacional dos fenómenos, geralmente analisados no plano estritamente nacional. Estes estudiosos sustentam a ideia segundo a qual “a educação não é uma instituição nacional, mas antes uma componente racional de uma tecnologia mundial de progresso e modernização” (Nóvoa, 1998: 73). Para a sua compreensão é necessário relacionar esta abordagem com os processos de globalização, enquanto “intensificação das relações sociais mundiais que unem localidades distantes, de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice-versa” (Giddens, 1992:64) e com as suas consequências, nomeadamente, a internacionalização crescente dos sistemas de investigação e publicação, e consequentemente do mundo universitário; a consolidação de uma economia mundial que se estende ao nível cultural e educativo; a crise do Estado-nação e a consolidação de novos espaços de identidade cultural face à emergência de federações à escala regional (como a União Europeia), no interior das quais se criam novos espaços de identidade cultural e se levam a cabo políticas concertadas. Neste sentido, estes autores propõem uma visão do mundo como um sistema educativo, face a estas novas exigências. Rejeitando o método tradicional de comparação, propõem como unidade de análise o “sistema-mundo” em vez da “sociedade-Estado”, ou seja, os vários sistemas educativos nacionais não devem ser comparados individualmente. Sugerem que se

⁹⁸ Tradução livre da responsabilidade da autora deste trabalho. Subsequentemente, todas as citações de obras de língua original não Portuguesa foram traduzidas pela autora.

opere entre o nível macro (ao nível internacional) e micro (“estudos de caso”) (Nóvoa, 1998:51-84).

Esta integração económica global exige conhecimentos linguísticos e culturais, que podem ser adquiridos como parte da educação, ao mesmo tempo que a mobilidade de estudantes tem sido facilitada pelo desenvolvimento das comunicações e pelos rápidos fluxos de informação. O resultado é a crescente internacionalização dos sistemas de ensino, que se manifesta no conteúdo dos currículos e na evolução das populações estudantis que se tornam cada vez mais cosmopolitas (Tremblay, 2002: 39).

Assim, neste contexto de educação global, a mobilidade internacional dos estudantes apresenta-se como uma característica bastante significativa. Esta não é certamente uma nova tendência, isto é, atravessar fronteiras por razões académicas não é um fenómeno recente, já que os estudantes escolhem estudar fora desde a própria criação de instituições de ensino superior. A importância na última década prende-se com o extraordinário crescimento da procura de “educação internacional” (Cf. Böhm; Meares; Pearce, 2002)⁹⁹. O que significa que a mobilidade internacional de estudantes tem vindo a aumentar exponencialmente. Em 2000 estimavam-se 1.8 milhões de estudantes de mobilidade em instituições de ensino superior em todo o mundo¹⁰⁰. Em 2007, o número de alunos matriculados no ensino superior, fora dos seus países de origem chegou a mais de 2,8 milhões, o que representa um aumento 50% (UIS, 2009:36).

⁹⁹ Ver Figura 3.

¹⁰⁰ Cf. Figura 3.

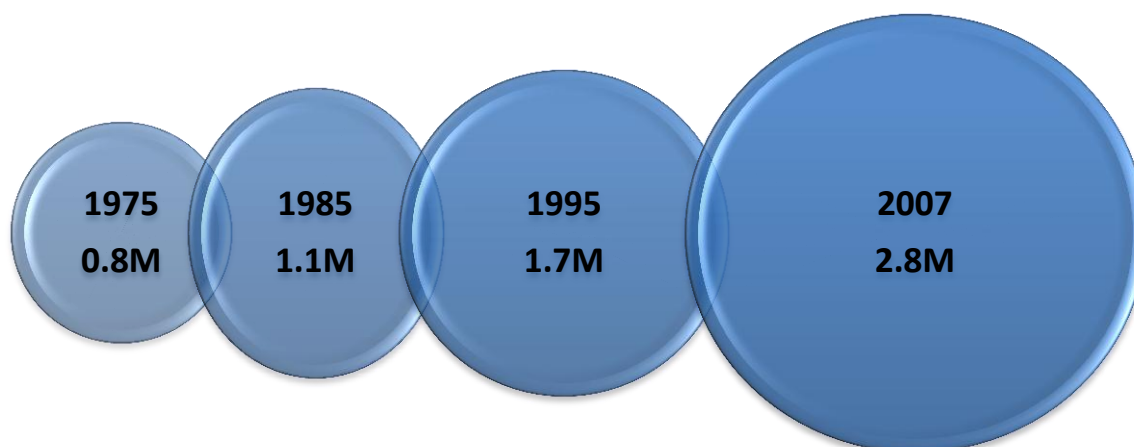


Figura 3. Evolução do Número de Estudantes em Mobilidade (1975-2007)¹⁰¹.

Todavia, as razões por detrás deste fenómeno e o seu impacto não são frequentemente observadas ou compreendidas, talvez por uma carência de dados comparáveis. Há muitas razões para que os estudantes escolham seguir os seus estudos no estrangeiro. Para alguns é uma oportunidade de alargar horizontes culturais e intelectuais, outros pretendem evitar as frustrações causadas pela falta de recursos nas universidades de origem. Muitos não terão outra escolha, senão ir para o estrangeiro para seguir uma particular área de estudo. Estas são algumas razões que podem incitar os estudantes a abraçar oportunidades académicas fora do seu país de origem adiantadas pelo Relatório Global de Educação publicado pelo Instituto de Estatística da Unesco em 2009 (UIS, 2009:36). Ao mesmo tempo é também necessário perceber que graus preferem (primeiro ciclo ou estudos pós-graduados?)¹⁰², e o que estudam (quais as áreas científicas mais populares?). E ainda, identificar quais são os fatores que influenciam as escolhas dos estudantes nos seus destinos. No que toca a este aspeto, o Relatório Global de Educação destaca por exemplo a reputação das Instituições Académicas como tendência para atrair um largo número de estudantes de fora (UIS, 2009:38).

¹⁰¹ Elaboração Própria. Fonte: UIS, 2009: 36

¹⁰² Ver Figura 4.

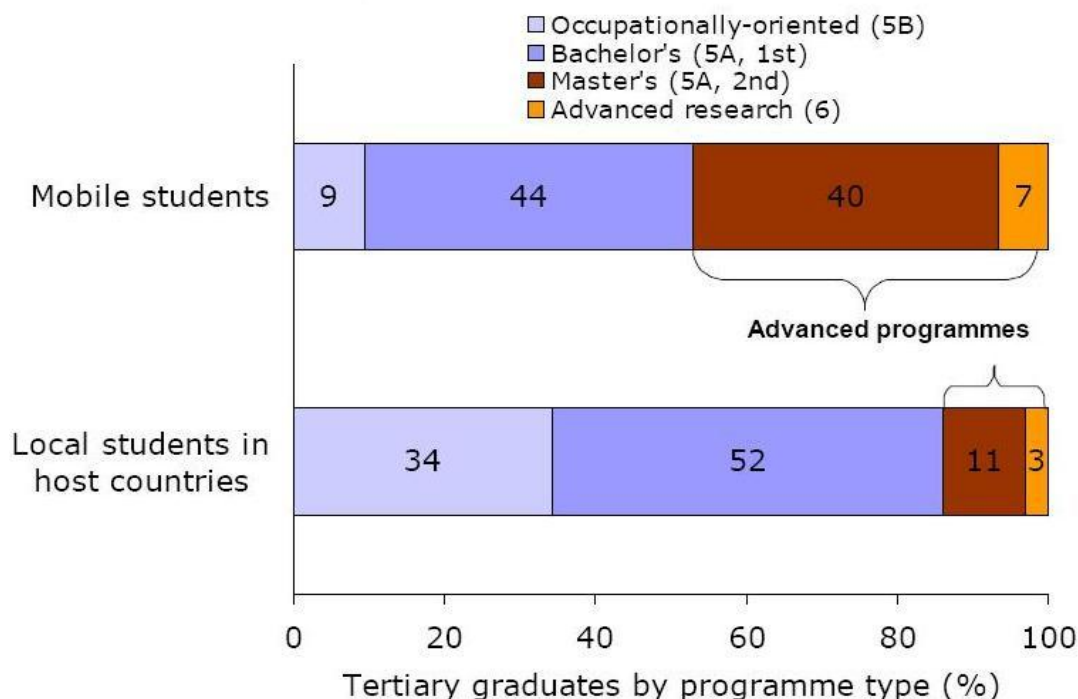


Figura 4. Distribuição de Estudantes por Grau, 2007¹⁰³.

Além disso, não só a procura se tem visto reforçada, mas também a oferta ou o recrutamento ativo de estudantes estrangeiros: atrair estudantes estrangeiros faz parte dos objetivos estratégicos na internacionalização das Universidades.

Generalizadamente, ou pelo menos ao nível regional da União Europeia, defende-se que particularmente em tempos de crise ou de restrições financeiras, enquanto perigo eminente de “estagnação intelectual e profissional” na Europa, é vital para a “saúde” do sistema de ensino superior “europeu” e para a investigação na Europa, que todas as formas de mobilidade, com o objetivo de subir os níveis académicos e a eficiência no ensino e investigação, estejam firmemente estabelecidas e desenvolvidas. Trata-se de encarar a mobilidade enquanto instrumento de cooperação internacional entre universidades e países (Falccuci, 1984: 68).

¹⁰³ Fonte: UIS, 2009:44.

Neste sentido, justifica-se a pertinência do estudo deste assunto, também no âmbito de um Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação. E sendo a Cooperação Internacional ponto de referência na discussão sobre mobilidade, o presente trabalho permitiu potenciar e colocar em prática os conhecimentos e competências, adquiridos durante a Licenciatura em Línguas e Relações Internacionais, e durante o ano curricular deste mestrado, no que às relações internacionais e as políticas de cooperação internacional diz respeito. E, simultaneamente, permitiu transportar as atividades e tarefas desenvolvidas, bem como as estratégias adotadas e levadas a cabo pela instituição, para este trabalho de reflexão. Adicionalmente todas as competências técnicas e científicas adquiridas ao longo do estágio e a possibilidade de observação do objeto de estudo constituem, na minha opinião, uma mais-valia.

6. Universo de Intervenção e Conceptualização

O trabalho apresentado tem como universo de intervenção os estudantes estrangeiros, de mobilidade¹⁰⁴ (estudantes provenientes de países onde se não incluem os lusófonos, os latino-americanos) que escolheram a Universidade do Porto como destino de mobilidade durante o ano letivo de 2010/2011, nos três ciclos de estudos.

Dentro deste fenómeno este universo já terá sido bastante estudado, essencialmente dum ponto de vista mais “europeu” uma vez que o número de estudantes “intra União Europeia” e até mesmo “intraeuropeu” (Falccuci, 1984: 50) tem vindo a aumentar de ano para ano graças ao programa LLP-Erasmus¹⁰⁵, no entanto, considera-se que a atenção relativamente a este tema, deve igualmente ser voltada para a mobilidade e cooperação “extracomunitária”, uma vez que a mobilidade estudantil proveniente destes países tem vindo a tornar-se cada vez mais significativa, bem como o número de acordos feitos com instituições dos mesmos, no caso específico da Universidade do Porto. Neste caso, destacam-se, neste âmbito, a Turquia, a Índia e a Tailândia, em termos de expressividade, no envio de maior número de estudantes¹⁰⁶. Como justificação final, vale a pena referir que, naturalmente, o universo selecionado delimita-se em grande parte através das próprias regiões (exclusão dos países lusófonos ou latino-americanos, cuja contagem, receção e acolhimento não cabe ao Serviço de Relações Internacionais - SRI, uma vez o relacionamento e cooperação com instituições e estudantes provenientes destas regiões cabe Serviço de Cooperação com Países Lusófonos e Latino-americanos da Reitoria da Universidade do Porto - SCPLLA), ou áreas de atuação, (porque o conceito de estudantes de mobilidade não abrange estudantes estrangeiros que frequentam um ciclo de estudos completo na U.Porto (grau completo) por serem contabilizados como estudantes regulares da Universidade, e portanto sujeitos aos mesmos processos de seleção e candidatura, recebidos

¹⁰⁴ Importa fazer esta distinção uma vez que os estudantes que frequentam um curso conferente de grau, na sua totalidade, na Universidade do Porto e que se submetem aos critérios de seleção dos próprios cursos e da Universidade do Porto (estudantes regulares), não são recebidos no Serviço de Relações Internacionais da U.Porto. Exceto se o curso conferente de grau que completam na U.Porto se realiza ao abrigo do programa Erasmus Mundus, e especificamente de um projeto coordenado pela U.Porto, ou em caso de dupla titulação/acordo de co-tutela com Universidades Parceiras. Estão abrangidos, de uma forma geral, apenas os estudantes inscritos noutra IES que realizam um período de estudos entre 3 meses e um ano.

¹⁰⁵ Também este programa comunitário em específico tem vindo a ser alvo de estudos institucionais e académicos.

¹⁰⁶ Ver tabela 2.

com os restantes noutros Serviços e instâncias da Universidade), da instituição de acolhimento, e dentro dela da unidade/departamento onde se realizou o estágio, ao excluir ou selecionar determinados Países e consequentemente as nacionalidades dos estudantes¹⁰⁷.

Pelas razões acima mencionadas, e no sentido caracterizar com rigor o universo de intervenção, será ainda necessário precisar o conceito de mobilidade. O Instituto de Estatística da UNESCO define no relatório global de 2009, um estudante de mobilidade internacional, como aqueles que estudam num país estrangeiro do qual não são residentes permanentes. O que rompe com o entendimento tradicional de estudante estrangeiro genericamente baseado no critério de cidadania, já que se considera que para efeitos de comparação internacional, a definição de “não cidadão” pode conduzir a vários problemas. Neste sentido, um estudante de mobilidade internacional deixa o seu território de origem e muda-se para outro país com o objetivo de estudar. O critério de “não cidadão” é comumente usado como característica de definição, por exemplo, nos dados da União Europeia (UE), e países da OCDE. Deste modo, para uma compreensão mais ampla deste fenómeno, o UIS, em conjunto com a OCDE e EU, está já a testar a introdução de um critério uniformizador para medir os fluxos dos estudantes de mobilidade, adicionalmente ao critério de residência permanente e de cidadania (UIS,2009:39). Neste momento, os países ainda usam diferentes critérios relativamente aos dados sobre estudantes de mobilidade, consequentemente as estatísticas divulgadas periodicamente podem não ser rigorosamente comparáveis. Por exemplo, os dados publicados nos relatórios da UNESCO, não incluem os programas de intercâmbio de curta duração igual ou inferior a um ano escolar, porque se considera que estes estudantes deveriam apenas ser contabilizados no país de origem¹⁰⁸. Por outro lado, para muitas universidades europeias, como é o caso da Universidade do Porto, devido em grande parte aos programas comunitários de intercâmbio de estudantes, a denominação de estudante de mobilidade não engloba todos os estudantes que deixam o seu país de origem para estudar na Universidade, mas apenas aqueles que estando matriculados

¹⁰⁷ Outra razão que explica (ainda que apenas parcialmente), a decisão de não abranger neste universo de intervenção, e consequentemente, na amostra do inquérito aplicado, estudantes provenientes (ao nível da Instituição de Ensino Superior) de países CPLP e Latino-americanos, para além das condicionantes relacionadas com a instituição e com existência de dois serviços de Cooperação Internacional (SRI e SCPLLA), prende-se com o facto de aquando desta delimitação, na fase de elaboração do meu projeto de estágio, existir a possibilidade de este universo ser estudado ou explorado por outra mestranda, Luísa Capitão, também como objeto de uma investigação.

¹⁰⁸ UIS, 2009:36

noutra IES, realizam um período de estudos não superior a um ano letivo na Universidade do Porto. Neste contexto, King e Ruiz-Gelices (2003) definem Migração Estudantil Internacional (MEI)¹⁰⁹, como qualquer forma de mobilidade internacional que ocorra no âmbito de um curso de ensino superior, sendo que o período de “ausência” ou “afastamento” varia entre uma “viagem de curta duração” e a realização de um curso completo, para além de um período de estudos numa IES estrangeira, a mobilidade estudantil pode também envolver um período (de estágio) num local de trabalho ou outro ambiente não Universitário (King e Ruiz-Gelices,2003:233). E, dentro desta, distinguem a mobilidade temporária ao abrigo de programas de intercâmbio, denominando-a “*Year Abroad (YA) Experience*” (King e Ruiz-Gelices,2003:229-252). Pelas razões mencionadas, especialmente as que se relacionam com a instituição de acolhimento, é sobretudo neste deste tipo de mobilidade que se concentra o presente trabalho.

¹⁰⁹ *International Student Migration (ISM)*, no original

7. Enquadramento Teórico da Investigação e Abordagens Relevantes

7.1. A Mobilidade Estudantil Internacional

O Relatório Global de Educação publicado em 2009 pelo Instituto de Estatística da UNESCO dedica um capítulo às tendências globais da mobilidade internacional de estudantes, apresentando uma série de dados dos países que enviam e recebem estudantes de ensino superior, com o objectivo de fornecer uma visão ampla e completa da mobilidade de estudantes além fronteiras. Já em 2006, o Instituto de Estatística da UNESCO introduziu uma série de indicadores para melhor refletir a natureza multifacetada da mobilidade internacional. Considerou, por exemplo, as razões que podem incitar os estudantes a abraçar oportunidades académicas fora do seu país de origem (UIS, 2009:37); os graus preferidos pelos estudantes, primeiro ciclo ou estudos pós-graduados¹¹⁰; as áreas científicas mais populares; e os fatores que influenciam as escolhas dos estudantes nos seus destinos. Para ir além da contagem simples de indivíduos, era necessário comparar o crescimento e a distribuição dos estudantes de mobilidade com as taxas de inscritos no ensino superior, tanto nos países que “enviam” como dos que “recebem”. Assim, este relatório pretende apresentar novos dados e conclusões, para melhor refletir a diversificação crescente dos destinos dos estudantes¹¹¹.

Num estudo que pretende examinar o fluxo de estudantes e de redes sociais que atravessam as fronteiras nacionais, Gargano (2009) explica que, no âmbito destas redes sociais transnacionais, um constante fluxo de ideias e práticas, se começa a “estampar” nas relações, oferecendo uma estrutura que envolve associações além-fronteiras para melhor compreender como os estudantes universitários constroem identidades e negociam em espaços sociais. Empregando o conceito de redes sociais transnacionais na análise da mobilidade estudantil, reconhece uma multiplicidade de identidades, refutando a generalização ou homogeneização das experiências dos estudantes. Este artigo pretende fornecer um entendimento dos “campos sociais transnacionais” e explicar conceitos

¹¹⁰ Ver Figura 4.

¹¹¹ Cf. UIS, 2009: 36-49.

adotados, que atualmente são externos ao discurso da educação internacional e que não são metodologicamente explorados ou compreendidos (cf. Gargano, 2009: 331-346).

A competitividade neste ambiente cada vez mais dinâmico requer um sólido entendimento da procura global em educação internacional, do posicionamento dos países e Universidades neste contexto global. Neste sentido, o Centro para a Economia Internacional Australiano (em cooperação com um instituto equivalente britânico), levou a cabo um estudo que representa um dos mais significativos em educação internacional na última década, o *Global Student Mobility 2025*. Através de dados fornecidos por 130 países, faculta previsões sobre a população, economia e “performance educativa”; uma análise das taxas de acesso ao ensino superior e os seus movimentos; previsões acerca da procura no ensino superior; uma análise da propensão dos estudantes do ensino superior para estudar no estrangeiro e os seus movimentos no tempo e previsões regionais da procura no ensino superior. As previsões apresentadas sobre a procura de educação internacionalmente baseiam-se em 3 fatores: o rendimento *per capita*; a população e a propensão dos estudantes de ensino superior para estudar no estrangeiro (Böhm; Davis, Meares; Peace, 2002:3).

Destaco ainda um estudo sobre um assunto de muita pertinência neste panorama: a relevância da mobilidade internacional de estudantes relativamente ao trabalho e ao emprego. O objetivo é encontrar respostas para questões como a importância de uma experiência internacional durante os estudos no que respeita ao emprego, e se este aspeto tem relevância no que respeita ao recrutamento de recém-licenciados e graduados. Este estudo aborda o assunto a partir da perspetiva dos empregadores (Garrahan, 2005).

Nesta revisão bibliográfica, procurei orientar-me para artigos com reflexões de síntese, e diversas obras que expõem contributos inéditos com propostas de aproximação diferenciada aos fenómenos a estudar, bem como a outros afins. Esta abordagem permitiu-me confrontar pontos de vista adotados e modelos de análise implementados. Neste sentido, entre os trabalhos cujo universo de intervenção, e metodologia adotados são semelhantes aos que já haviam sido delimitados no projeto de estágio, destacam-se dois estudos relevantes sobre a migração internacional estudantil numa instituição de ensino superior em concreto, e em diferentes instituições da mesma cidade: um concentrado na perspetiva dos estudantes que são enviados pela Universidade de Sussex (Reino Unido) para o estrangeiro; e outro na receção dos estudantes estrangeiros em diferentes instituições Parisienses.

Do ponto de vista da geografia da população, King; Ruiz-Gelices (2003) analisam a migração estudantil internacional de curta duração ao abrigo de programas de mobilidade, num contexto intraeuropeu. Os dados empíricos provêm de um questionário distribuído a licenciados da Universidade de Sussex que estudaram num outro país europeu como parte do seu curso na universidade de origem, e a estudantes, da mesma Universidade, que não realizaram um período de mobilidade no estrangeiro. Os estudantes do ensino superior constituem uma “secção altamente móvel da população” cada vez mais numerosa e estratégica (King; Ruiz-Gelices, 2003:229). Todavia o estudo do seu comportamento migratório não tem sido muito significativo. Existem, no entanto, vários aspetos deste tipo de mobilidade que podem ser estudados. Existem outros estudos que se concentram nos fluxos migratórios iniciais resultantes da “decisão de estudar no estrangeiro”, e no retorno ou não retorno dos estudantes ao país de origem. Este porém foca-se na “migração internacional” durante o período de estudo. Os autores colocam um conjunto de questões relacionadas com os efeitos desta experiência nos conhecimentos e opiniões sobre assuntos europeus, para testar a hipótese de possível formação de uma “identidade europeia”, no contexto pós nacional da integração europeia, esta identidade pode ser vista como favorável de “Europa e mais dissociada de perspetivas nacionalistas”.

Esta experiência de viver e estudar no estrangeiro, por se realizar no início da idade adulta, pode ter efeitos importantes na formação da identidade individual. Esta experiência de mobilidade (ainda que de curta duração) pode ter influencia “de longa duração” nos indivíduos, conferindo propensão para serem geograficamente móveis, para estes autores “especialmente na europa” (King; Ruiz-Gelices, 2003:234). Esta relação entre mobilidade como parte do programa de estudos e subsequente mobilidade profissional e pessoal, foi raramente explorada.

7.2. Os Estudantes Estrangeiros são “Migrantes como os Outros?”¹¹²

A literatura académica sobre migração presta pouca atenção aos estudantes como migrantes, e apenas algumas análises abordam a questão de forma breve, nomeadamente no que respeita ao “negócio internacional” da migração estudantil, e a questões relacionadas com a “fuga de cérebros” (King e Ruiz-Gellices, 2003:230). Contudo, não se tem prestado atenção à migração estudantil como um processo sócio cultural, nem aos padrões de migração estudantil dentro da Europa.

Existem no entanto, algumas exceções, que reconhecem a importância da migração internacional estudantil (a mobilidade interna de estudantes dentro do seu país é um fenómeno que tem vindo a ser mais estudado¹¹³), enquadrando-a de diferentes maneiras: por exemplo como os estudantes “foram muitas vezes pioneiros nos fluxos migratórios de países pobres para países ricos” e como estes desempenharam um “papel importante no desenvolvimento e mudança nos países de origem” (Skeldon, 1997:109-111)¹¹⁴. Por outro lado, em alguns países “a educação de estudantes estrangeiros tornou-se uma enorme indústria de serviços global” e uma importante componente do “novo mapa de migração europeia” (King; Ruiz-Gellices, 2003:232). Outra questão que introduzem e que vale a pena explorar: em que medida representam estes estudantes um grupo de elite de estudantes [mais] privilegiados?

No entanto, serão os estudantes estrangeiros “migrantes como os outros”¹¹⁵? Estes autores colocam a migração internacional estudantil no conjunto das “migrações juvenis motivadas menos pelos tradicionais fatores económicos, e mais por uma mistura de objetivos educacionais, de lazer, viagens e experienciais” (King; Ruiz-Gellices, 2003:233). Distinguem-se então das migrações ditas “ordinárias” por estas características, pelos “seus projetos de migração mais ou menos temporários”, pela pertença “institucional no ensino superior”, mas aproximam-se pela mobilidade espacial em que se inscrevem, e “pelos sentimentos frequentes de dominação e inferioridade, pelas dificuldades económicas”, pela

¹¹² Agulhon; Brito, 2009:9.

¹¹³ Dentro do Reino Unido, ver King e Ruiz-Gellices (2003).

¹¹⁴ Skeldon, Ronald, 1997, *Migration and Development: A Global perspective*, Longman: London, In King; Ruiz-Gellices, 2003:231.

¹¹⁵ Agulhon; Brito, 2009:9.

“retração¹¹⁶ identitária sobre a cultura de origem”, e pelos sentimentos de distanciamento cultural. No entanto, no plano cultural podemos estimar que “os estudantes são mais abertos aos saberes, ao lazer, aos valores e aos modos de pensar encontrados, sem no entanto renegar a sua própria cultura” (Agulhon; Brito, 2009:270).

A integração, por sua vez, é um conceito que difere consoante a abordagem “a partir da perspetiva dos nativos do país de acolhimento, ou a partir do ponto de vista dos próprios migrantes”, na medida em que se trata de um “jogo de olhares” (Agulhon; Brito, 2009:270). A integração pode compreender “ritmos diferentes”, a invenção de estratégias próprias de integração, muitas vezes “contra os modelos preconizados, e [contra] os desejos políticos ou os das populações autóctones”, a integração segue ainda estratégias baseadas em diferentes trajetórias, e nos diferentes interesses individuais. Podendo ao longo processo adquirir características identitárias, “preservando a sua identidade cultural (...) que foi já transformada pelos movimentos no espaço e através dos contactos com a sociedade de acolhimento” (Agulhon; Brito, 2009:271). A maior parte das vezes “o abandono de certos aspetos da cultura de origem, não implica nem a negação nem o desenlace afetivo, mas numa espécie de adoção instrumental” da cultura de acolhimento, que permite gerar o processo dito de integração “preservando-se [o sujeito] de uma possível desfragmentação”. Assim, a problemática da questão da integração, “particularmente delicada, uma vez que esta contém estatutos e significados ora atribuídos do exterior, ora autoatribuídos, e até mesmo reivindicados de representações e de estereótipos quer da parte dos migrantes quer dos países de acolhimento” (Agulhon; Brito, 2009:272).

A integração é uma interação que depende tanto do “recém-chegado”, quanto da sociedade de acolhimento, neste caso, dos outros estudantes, uma vez que o que interessa a estes estudantes é a “integração concreta no mundo dos pares (...) no mundo dos estudantes, e mais particularmente, no meio dos estudantes estrangeiros, com quem partilham a cultura estudantil e a experiência no estrangeiro”. “O simples facto de viver no estrangeiro” transforma “códigos, normas e valores em que assentam a identidade dos indivíduos”. Aqui, podem introduzir-se três questões relevantes relacionadas com a familiaridade com o estrangeiro¹¹⁷: (i) familiaridade com a mobilidade espacial, migrações internas, que se inscrevem nos itinerários destes estudantes, experiências de mobilidade prévias, ao nível da

¹¹⁶ *Repli*, no original (Agulhon; Brito, 2009:270).

¹¹⁷ Exploradas por Agulhon; Brito, 2009:267-269

escolaridade “pré-universitária”; (ii) familiaridade imaginada ou concreta com o estrangeiro, através de um passado migratório ou contacto com uma cultura de outro país, da descendência de uma outra nacionalidade, ou até da intimidade recente com o estrangeiro, consequência de uma curta estadia no estrangeiro. O “discurso” dos pais ou ascendentes que tenham vivido no estrangeiro pode alimentar o imaginário dos mais novos, influenciando-os a estudar no estrangeiro. Tratando-se de uma “representação extremamente idealizada” inculcada pela presença de familiares ou membros de uma rede social no estrangeiro; (iii) a familiaridade com os estudos no estrangeiro que exercem as relações históricas entre os países, e que podem influenciar a perceção dos estudos neste ou naquele país (Agulhon; Brito, 2009:266-269).

8. Metodologia

8.1. Objetivos

Neste trabalho, propõe-se uma análise da mobilidade internacional estudantil, no caso específico da Universidade do Porto, através de uma abordagem do ponto de vista sociocultural, com o objetivo de precisar quem são estes estudantes, no sentido de não os considerar apenas enquanto objeto dos estudos estatísticos divulgados periodicamente a nível institucional, mas de determinar quais são as suas características, os motivos que os movem a escolher a Universidade como destino de mobilidade, e quais as expectativas relativamente à U. Porto.

Assim, pretende-se descobrir em que medida os estudantes que experienciaram um período de mobilidade na Universidade do Porto sentem que este os afetou e transformou em termos pessoais/individuais e em termos de planos para o futuro, e migrações futuras. Neste sentido, o inquérito foi também concebido para testar esses dois conjuntos de hipóteses formuladas previamente: primeiro que a experiência de formação pode ser encarada como etapa prévia de uma tentativa de imigração; ou que existe uma relação entre a mobilidade estudantil e um subsequente comportamento migratório; e em segundo lugar que esta experiência promove o desenvolvimento de uma identidade mais diversificada, de uma abertura internacional que se opera através da transformação individual despoletada pela familiaridade com o estrangeiro.

Os objetivos específicos estabelecidos para este trabalho e vertidos para o inquérito aplicado ao universo selecionado são¹¹⁸:

- a) Fazer o diagnóstico da adaptação cultural dos estudantes estrangeiros relativamente a diferentes dimensões¹¹⁹;
- b) Identificar quais os países de origem destes estudantes, e discriminar os países que mais optam pela Universidade do Porto como destino de mobilidade;
- c) Identificar os níveis de estudo e quais as áreas de investigação/formação que os estudantes escolhem;

¹¹⁸ Ver anexo I.

¹¹⁹ Tendo por base a autoavaliação dos estudantes do seu grau de integração/interação face a diferentes elementos cf. ponto 8.4 deste trabalho.

- d) Determinar que papel desempenha a diferenciação de género na mobilidade internacional na U.Porto;
- e) Averiguar a capacidade de acolhimento por parte de compatriotas em comunidades étnicas já estabelecidas;
- f) Fazer o diagnóstico do acolhimento e orientação prestados na U.Porto a estes estudantes¹²⁰;
- g) Determinar a duração média dos períodos de estudos dos estudantes estrangeiros;
- h) Determinar quais os fatores motivadores das suas escolhas e as expectativas relativamente às diferentes dimensões (país/cidade e universidade);
- i) Averiguar qual o lugar que a U.Porto ocupa em termos de prioridades das Universidades escolhidas (1ª, 2ª, 3ª opção);
- j) Averiguar quais as perspetivas para o futuro, no sentido de determinar em que medida influencia o período de mobilidade, um futuro comportamento migratório por parte dos estudantes.

¹²⁰ Através da reflexão enquanto estagiária e da avaliação e da opinião dos estudantes relativamente ao acompanhamento e às atividades promovidas pela U.Porto/SRI.

8.2. Exploração:

As leituras exploratórias, já apresentadas, englobam abordagens bastantes diversificadas, no entanto, permitiram, raciocinando por analogia, encontrar algumas pistas interessantes de reflexão¹²¹. Paralelamente realizaram-se algumas entrevistas exploratórias junto de alguns estudantes de mobilidade. Estas entrevistas “semi-directivas”¹²² e informais, orientavam-se através de duas perguntas:

- a) Quais os fatores considerados atrativos na cidade e na Universidade durante o período de estudos?
- b) Quais são os seus planos para o futuro?

A reunião das respostas obtidas facultou a seguinte informação, na sua formulação mais frequente:

- a) Contributos atrativos na vida na Cidade e da Universidade Porto:
 - Grande número de estudantes estrangeiros;
 - Vida social (da cidade em si, fora do universo académico: oferta cultural; segurança; independência; baixo custo de vida);
 - Vida universitária (rotina e métodos de ensino e de trabalho na U.Porto);
 - Vida noturna (aquela que é característica da cidade: atividades no centro, bares do Porto etc...; e a que é própria deste grupo específico: feita para e pelos estudantes estrangeiros especificamente);
 - Informalidade das relações;
 - Condições geográficas (da cidade: rio, oceano, clima...);
 - Vida dos estudantes estrangeiros (em grupo: atividades específicas organizadas para estes estudantes pela U.Porto e pela ESN);
 - Tradições portuguesas experienciadas.

¹²¹ Ver procedimentos exploratórios, Campenhoudt e Quivy (1998:49-86)

¹²² Campenhoudt e Quivy (1998:74)

b) Planos a realizar após o período de mobilidade na U.Porto:

- Continuar os estudos na U.Porto;
- Trabalhar no Porto;
- Voltar ao país de origem;
- Acabar os estudos na Universidade de origem;
- Ficar em Portugal;
- Estudar ou trabalhar num terceiro país (que não Portugal, nem o seu país origem).

Nesta análise, é importante considerar os estudantes como atores que têm um projeto (de estudos e de “futuro”, isto é, aspirações pessoais e profissionais), e que dispõem de autonomia, sendo também influenciados por fatores individuais (traços psicológicos) e influências socioculturais, mas que ao mesmo tempo não sofrem necessariamente de forma passiva estes condicionamentos internos ou externos¹²³.

¹²³ Fatores condicionadores e individuais; ver Campenhoudt e Quivy (1998:257)

8.3.Observação

Numa primeira fase é necessário caraterizar o instrumento de observação e amostra para em seguida apresentar os resultados e as respetivas conclusões.

O questionário, bilíngue (em Português e em Inglês), foi aplicado em duas fases: Maio e Julho de 2011, e dirigido a uma amostra de estudantes de mobilidade que frequentaram a U.Porto durante o ano académico de 2011 (300 estudantes). Numa primeira fase, contemplou, os estudantes cujo período de estudos se realizou durante o primeiro semestre e, numa segunda fase, os estudantes que escolheram frequentar a U.Porto durante o segundo semestre ou durante o ano académico completo de 2010/2011;

Este inquérito foi enviado por *e-mail*, utilizando um *software* de distribuição de inquéritos *online*, sendo que no final a base de dados continha 110 respostas completas.

O questionário foi desenvolvido através da adaptação de questionários já existentes, distribuídos anteriormente aos estudantes no final do seu período de mobilidade na U.Porto, essencialmente com o objetivo de avaliação (interna) da qualidade dos serviços prestados na U.Porto a este público-alvo. Estes foram refinados e conjugados com a necessidade de acrescentar outros aspetos de interesse para corresponder e concretizar as metas propostas no projeto de estágio, e depois de ser transcrita a análise de algumas entrevistas exploratórias conduzidas a estudantes e investigadores de diversas nacionalidades, durante o período de estágio (Fevereiro e Março de 2011). Foi adicionalmente conduzido um teste piloto (em Abril de 2011), com estudantes de mobilidade de diferentes nacionalidades (Alemanha, Bulgária, Eslovénia, Espanha e Polónia), que realizaram um período de estágio no Serviço de Relações Internacionais ou no Serviço de Cooperação com Países Lusófonos e Latino Americanos da Reitoria da Universidade do Porto, ao abrigo do programa Erasmus Estágios ou Becas - Faro.

8.4. Apresentação e análise dos resultados

O instrumento foi dividido em 10 partes principais, com blocos de questões sob cada uma destas partes: informação geral; escolha da U.Porto; na U.Porto; Serviço de Relações Internacionais – Reitoria da U.Porto; a Faculdade; alojamento; preparação linguística; integração; dificuldades e problemas; avaliação geral do período de mobilidade. Usarei estas secções para apresentar os resultados do inquérito, na análise que se segue. Todas as escalas foram testadas do ponto de vista da validade, e após o pré teste e provaram ser consistentes (4 a 5 para todas as escalas). A conceção do questionário foi feita cuidadosa e minuciosa, já que vários autores sugerem que a conceção de um inquérito *online* pode afetar a taxa de resposta, nomeadamente diminuir a mesma e até a qualidade das respostas. O mesmo foi ainda submetido à consideração e revisão da responsável pela Unidade de Mobilidade IN, Teresa Medeiros, da Orientadora Externa, Cristina Ferreira e do Orientador, Manuel Loff.

O tempo médio do preenchimento do inquérito variou entre quinze e vinte e cinco minutos, sendo que os participantes têm a oportunidade de rever as suas respostas, retrocedendo através das secções, antes de submeter o inquérito.

No que respeita à taxa de respostas do questionário, obtiveram-se no total 110 respostas validadas, o que representa 37 por cento do coletivo (cerca de um terço do total do universo deste inquérito), confirmando-se que esta taxa, abaixo dos 50 %, parece ser típica no que respeita a inquéritos *online*. Uma das explicações pode prender-se com o facto de não se terem oferecido incentivos aos estudantes. No entanto, esta opção justifica-se por se considerar que para além dos incentivos não serem tão eficazes em inquéritos *online* quanto em *offline*, a oferta de incentivos em inquéritos disponibilizados através da *internet*, pode afetar a qualidade dos dados das respostas¹²⁴. Outra possível explicação prende-se com o facto de o envio dos inquéritos ter ocorrido no final do semestre ou ano académico, e que a taxa de respostas tenha sido afetada por ter coincidido com um período em que os estudantes estão ocupados a estudar, ou a lidar com questões de reconhecimento académico da mobilidade realizada recentemente, ou mesmo já em período de férias. Uma vez que o preenchimento do inquérito implica acesso à internet, a indisponibilidade de responder ao inquérito, pode também estar relacionada com a impossibilidade de aceder a esse recurso.

¹²⁴ Campenhoudt e Quivy (1998:188)

I. Informação Geral

Nesta secção, o objetivo era apurar informação sobre o perfil dos inquiridos, origem geográfica e área de estudos.

A tabela 4 mostra alguns dados chave do inquérito aplicar, a taxa de resposta e as características dos respondentes. Uma análise da distribuição de género revela que 72 por cento dos respondentes eram do sexo feminino (80), e 28 por cento do sexo masculino (30) (rácio 2:1). Esta predominância de respondentes do sexo feminino reflete aproximadamente a distribuição por género dos estudantes de mobilidade na U.Porto (64% Feminino 36% Masculino), em geral. Não foram encontradas diferenças significativas na idade dos respondentes, média de idades ficou, previsivelmente, perto dos (23,6).

Tabela 6. Inquéritos por questionário aos estudantes de mobilidade internacional na U.Porto: inquérito e características dos respondentes.

<i>Caraterísticas da Amostra</i>	<i>Estudantes</i>
Total dos inquiridos	300
Total dos respondentes	110
Taxa de resposta (%)	36,6
Rácio feminino: masculino	72:28
Média de idades (%)	23,6

Quanto ao contexto académico existe uma conformidade substancial entre as áreas de estudos e as faculdades escolhidas na U.Porto, sendo as áreas de estudo dos estudantes na sua Universidade de origem são: Ciências da Educação, Formação de Professores e Psicologia (11%); Belas artes, Design e Produção audiovisual (7%); Línguas Estrangeiras e Literatura Comparada e Tradução (15%); História, História da Arte e Arqueologia (2%); Ciência Política e Relações Internacionais (8%); Jornalismo e Ciências da Comunicação (3%); Economia, Marketing, Gestão e Administração (5%); Ciências, Matemática e Computação (3%); Biologia, Ecologia e Ciências Ambientais (2%); Engenharia mecânica e metalúrgica (1%); Engenharia Civil (5%); Engenharia Eletrónica e computação (5%); Engenharia de Transportes (1%); Arquitetura e Planeamento Urbano (12%); Veterinária (1%); Medicina (13%); Farmácia (2%) e Desporto (4%).

Existe portanto, uma grande concentração de estudantes cuja formação base, na Universidade de Origem, será na área das Ciências Sociais (28%), sendo que, como já seria expectável 23% destes estudantes estão envolvidos em programas/cursos de Línguas, Literaturas, Tradução e Relações Internacionais. A par desta, as áreas de estudo que se destacam são as Ciências da Saúde com 16% do total de estudantes; Engenharia com 12%; e a Psicologia e Arquitetura partilham a fatia de 11% dos estudantes.

Quanto à origem geográfica dos estudantes estes provêm na sua maioria de Espanha (21%); Itália (19%); Polónia (10%); Roménia (7%); Portugal (6%) Eslováquia (6%) Turquia (5%); e em menor número, da Alemanha, República Checa, Bulgária, Reino Unido, França e Grécia (3%); Letónia (2%); Áustria; Bélgica; Finlândia e Holanda (1%). Destacam-se ainda Chile e Cabo Verde (1%) países¹²⁵ da área de atuação do SCPLLA. Quando aplicado o critério da instituição de ensino, não se verificam grandes variações: Espanha (22%); Itália (18%); República Checa (12%); Polónia (8%); Roménia (7%); Alemanha (5%); Turquia (5%); França (4%); Grécia (3%); Reino Unido (3%); Áustria (2%); Holanda (2%); Lituânia (2%); Hungria (2%); Bélgica (1%); Dinamarca (1%); Finlândia (1%); Letónia (1%) e Eslováquia (1%). Para finalizar importa mencionar o facto de 19% dos estudantes possuírem dupla nacionalidade.

Trata-se de uma amostra relativamente significativa, talvez não tanto no plano numérico, mas em termos da diversidade da população. Estes dados traduzem a representatividade da amostra¹²⁶.

A diferenciação entre o País da Universidade de origem e o País de nacionalidade é pertinente, no sentido em que expressa casos de estudantes cuja Universidade de origem, já não se localiza no país de origem¹²⁷. O que traduz duas possibilidades: a U.Porto pode ser já o segundo destino de mobilidade para efeitos académicos traduzindo um prévio “contacto internacional”; ou este tipo de contacto faz-se através de contextos familiares e/ou escolares,

¹²⁵ Quando aplicado o critério de País da Universidade Parceira.

¹²⁶ Cf. Tabela 1. e 2, total de estudantes por país de nacionalidade e país de instituição de envio.

¹²⁷ E, no sentido de distinguir e aprofundar esta análise, uma vez que os dados estatísticos divulgados institucionalmente, utilizam, ao mencionar os países que mais estudantes enviam, o critério de país da instituição de envio, o que pode muito frequentemente não coincidir com a nacionalidade dos estudantes; este facto prende-se em grande parte com o critério de elegibilidade dos programas de intercâmbio que não é a nacionalidade, mas sim a Universidade em que os estudantes estão inscritos.

o que prova, por sua vez, que estes indivíduos têm mais potencial ou propensão em atribuir relevância pessoal e/ou profissional à experiência de mobilidade.

II. Escolha da U.Porto

Os fatores os que se relacionados com destino da mobilidade¹²⁸ representam as forças positivas que atraem os estudantes, neste caso fatores relacionados com a Universidade e a cidade e o País, passíveis de despertar o interesse dos estudantes: A língua apresenta-se como um elemento muito importante, 58% dos estudantes (63/110), apontam a língua portuguesa como um fator motivador da escolha da U.Porto como destino de mobilidade, uma vez que apenas 15% dos estudantes inquiridos (17 dos 57 estudantes inquiridos, que não necessitam de preparação linguística¹²⁹) tinha já conhecimentos linguísticos suficientes, e apenas 8% (9 estudantes dos 57 que não necessitam preparação linguística) possuem a mesma língua mãe. Assim, 39% destes estudantes escolheu a U.Porto por razões linguísticas que não se prendem com o domínio da língua portuguesa. A língua representa, no entanto, a quarta motivação para a escolha da U.Porto; a Cidade (81%); o País (78%); e a Cultura Portuguesa (72%) são apresentados como principais razões para escolher a Universidade do Porto enquanto destino de mobilidade. Os outros aspetos apresentados (19%) relacionam-se com a qualidade de ensino, com uma área de estudos em particular, e ainda com a reputação da Universidade. Quando questionados sobre outros motivos, os estudantes destacam, relacionados com a cidade: o clima, proximidade do oceano, e a existência de condições favoráveis à prática de *surf*; e relacionados na Universidade: a reputação de uma faculdade em específico nomeadamente a Faculdade de Arquitetura e a Faculdade de Engenharia, a reputação da Universidade na tradição como destino de mobilidade Erasmus; e o facto relevante de a Universidade do Porto ser a única Universidade Portuguesa com Acordo estabelecido com a Universidade de origem. A partir desta análise, importa retirar que as motivações relacionadas com aspetos culturais, do país e da cidade se sobrepõem às razões académicas.

Em termos das prioridades na escolha da Universidade de acolhimento¹³⁰, 77% dos estudantes escolheram a Universidade do Porto como a sua primeira opção, enquanto apenas

¹²⁸ Ver tabela 5.

¹²⁹ Cf. Secção V desta análise – Preparação Linguística.

¹³⁰ Ver Tabela 6.

16% listaram a U.Porto em segundo lugar nas suas prioridades. Assim podemos afirmar que a U.Porto foi primeira opção para quase quatro em cada cinco estudantes. Estes dados refletem, a forte atratividade que esta exerce junto dos estudantes.

Tabela 7. Fatores motivadores na escolha da U.Porto

Razões para a Escolha da U.Porto	Total das Respostas (+) por critério	
	Nº	%
Reputação da U.Porto	49/110	45%
Qualidade de Ensino	54/110	49%
Recomendação de Professor	38/110	35%
Área de Estudos ou Investigação Específica	54/110	49%
Recomendação de Colegas	47/110	43%
A Língua Portuguesa	64/110	58%
Cultura Portuguesa	79/110	72%
O País (nível de vida, clima...)	85/110	78%
A Cidade	89/110	81%
Proximidade Geográfica	37/110	34%
Outros	21/110	19%

Tabela 8. Lugar que a U.Porto ocupa em termos de prioridades

<i>A U.Porto foi a:</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
1ª opção	85	77%
2ª opção	17	16%
3ª opção	8	7%

III. Na U.Porto

No que toca às escolas da U.Porto escolhidas pelos estudantes (e outras instituições de acolhimento nos casos de estágios que não se realizam numa Faculdade da U.Porto), a distribuição faz-se da seguinte maneira: FAUP (12%), FBAUP (8%); FCUP (3%); FCNAUP (1%);FADEUP (2%); FDUP (2%); FEP (8%); FEUP (12%); FFUP (3%); FLUP (22%);FMUP (7%); FMDUP (1%); FPCEUP (10%); ICBAS (6%); as outras unidades de acolhimento representadas nesta amostra foram o SRI e a Biblioteca da FLUP (3%).

Assim, as Faculdades da U.Porto mais escolhidas pelos estudantes de mobilidade foram por esta ordem a Faculdade de Letras, a Faculdade de Arquitetura e a Faculdade de Engenharia as quais, em conjunto, receberam 47% do total de estudantes de mobilidade. Esta distribuição da amostra por Faculdades na U.Porto é consistente com a distribuição do total de estudantes de mobilidade pelas diferentes Unidades Orgânicas U.Porto. As Faculdades menos escolhidas foram Medicina Dentária e Nutrição, facto igualmente representativo da distribuição total dos estudantes por estas Faculdades. Quanto à distribuição de Estudantes de Mobilidade, no ano académico de 2010/2010 por Grau na U.Porto, conforme apresentado na tabela 7, 80 % dos estudantes encontraram-se na U.Porto a frequentar um curso de licenciatura (58%), ou um curso de mestrado (22%). Uma menor parte frequentou um programa de mestrado integrado (17%), e apenas 3% dos estudantes frequentaram na U.Porto um curso de doutoramento. Já o período de estudos na U.Porto realiza-se na maior parte dos casos durante o ano académico completo (45%); 24% dos estudantes frequentam a Universidade apenas durante o primeiro semestre, ao passo que 28% escolhem fazê-lo apenas durante o segundo semestre, apenas 5% realiza um período de estudos com a duração de três meses, o que corresponde habitualmente a um período de estágio. Posto isto,

poderíamos calcular o período médio de estudos dos estudantes de mobilidade na U.Porto entre 7 e 8 meses (7,5).

Tabela 9. Distribuição de Estudantes de Mobilidade por Grau

<i>Grau</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
Licenciatura	64	58%
Mestrado Integrado	19	17%
Mestrado	24	22%
Doutoramento	3	3%

Tabela 10. Duração do Período de estudos na U.Porto

<i>Período Estudos na U.Porto</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
		em
Ano Académico	49	45%
1 ° Semestre	26	24%
2 ° Semestre	30	27%
Trimestre	5	5%

IV. Serviço de Relações Internacionais - Reitoria

Um dos objetivos deste trabalho prende-se com o diagnóstico sobre o acolhimento e orientação prestados aos estudantes de mobilidade internacional, na U.Porto. Nas tabelas 11 e 12, apresentadas abaixo, podemos encontrar informação recolhida, junto dos estudantes, acerca deste aspeto. As pontuações apresentadas são médias calculadas a partir da opinião dos estudantes acerca de cada critério, numa escala de 1 a 4 pontos. Os três aspetos avaliados no que respeita ao atendimento (apoio prestado, eficiência demonstrada; simpatia e disponibilidade manifestada) apresentam resultados positivos (situando-se nos 3 valores). Os itens simpatia, disponibilidade e acolhimento são os que têm melhor avaliação e mais influenciando uma boa perceção da Universidade do Porto. Relativamente à reunião de

registo na U.Porto, os estudantes também se manifestam satisfeitos, o acolhimento atinge (numa escala de 1 a 4) o valor de 3,7 em termos de pontuação, o que traduz para este aspeto a atribuição da pontuação máxima por parte de quase todos os respondentes, seguem-se por ordem: o *kit* de boas vindas oferecido, a sessão de informação apresentada, e a orientação oferecida durante a mesma. Estes dados traduzem a eficácia do formato da reunião concebido pelo SRI e da informação disponibilizada enquanto estratégia de receção inicial dos estudantes de mobilidade internacional. Todavia, existem aspetos, indicados pelos estudantes na secção de comentários para o efeito, que poderiam ser abordados ou melhorados nesta sessão, tais como: mais informação sobre alojamento; pontualidade; alargamento do número de estudantes na sessão; e mais informação cultural.

Tabela 11. Avaliação do atendimento personalizado prestado pelo SRI

Atendimento SRI.U.Porto	
(pontuações médias dos respondentes numa escala de 4 pontos, onde 1=mau; 2=razoável; 3= bom; 4= muito bom)	
Apoio	3.0
Eficiência	3.0
Simpatia e disponibilidade	3.2

Tabela 12. Avaliação da Reunião de Registo no SRI

Reunião de Registo	
(pontuações médias dos respondentes numa escala de 4 pontos, onde 1=mau; 2=razoável; 3= bom; 4= muito bom)	
Acolhimento	3.7
Sessão Apresentada – Suporte <i>Slideshow</i>	3.3
Orientação	2.9
<i>Kit</i> de Boas Vindas	3.4

A Tabela 13 mostra a avaliação das atividades culturais propostas pela Universidade do Porto e entidades associadas aos estudantes estrangeiros. Cerca de 8 em cada 10 estudantes estrangeiros compareceram à Sessão de Boas Vindas e gostou da experiência. Quatro em cada 10 estudantes participaram do Jantar de Natal, o que não deixa de ser expressivo considerando que 3 em cada 10 não se encontram no Porto nesta data. As visitas guiadas apresentam uma taxa de presença muito similar ao do Jantar de Natal. Todas estas atividades tiveram uma avaliação entre Boa e Muito Boa.

Tabela 13. Avaliação das atividades culturais.

Atividades Culturais	
(pontuações médias dos respondentes numa escala de 4 pontos, onde 1=mau; 2=razoável; 3=bom; 4=muito bom)	
Sessão de Boas Vindas (n=91; 19 não participaram)	3.2
Jantar de Natal (n= 44; 66 não participaram)	3.2
Visitas Guiadas CMP (n=49; 61 não participaram)	3.0

V. Preparação Linguística

Embora a Universidade do Porto não coloque nas condições de candidatura requisitos linguísticos em termos de conhecimentos da Língua Portuguesa, a preparação linguística é recomendada aos estudantes antes e/ou durante o período de estudos, para habilitar os estudantes a frequentar aulas ministradas em Português. Neste sentido, os cursos de Português organizados pela U.Porto são divulgados juntos dos estudantes de mobilidade¹³¹. Por estas razões, no âmbito deste trabalho, torna-se extremamente pertinente averiguar a frequência destes ou outros cursos, bem como das competências linguísticas adquiridas pelos estudantes dos estudantes de mobilidade internacional.

A tabela 14 mostra a Frequência aos Cursos de Português Língua Estrangeira (PLE) por parte dos estudantes estrangeiros inquiridos. Vemos que dois em cada cinco estudantes frequentaram um curso de Português antes do período de estudos, facto que estará

¹³¹ Cf. Parte I, ponto 2.2.3.

provavelmente relacionado com a oferta dos cursos *Erasmus Intensive Language Course* (EILC), antes do início das mobilidades. Ao passo que, três em cada cinco, não julgaram necessária esta preparação, talvez por possuírem um domínio suficiente da Língua Portuguesa. Já durante o período de estudos, cerca de metade dos estudantes frequentou um curso de Português - o que nos dá uma ideia aproximada do número de estudantes que se sentem à vontade frequentando aulas e conferências nesta língua. Três em cada dez consideram que tem preparação linguística suficiente e não precisam de um curso como este¹³².

A falta de recursos para frequentar um curso de língua apresenta-se para três em cada dez estudantes que indicam não poder pagar por um curso como este; um em cada quatro tem outros motivos para não frequentar estes cursos.

Segundo a tabela 16, dos estudantes que preferiram frequentar os Cursos de Português Língua Estrangeira (PLE), nove em cada dez consideram vantajosa para o futuro a aprendizagem da Língua Portuguesa. A autoavaliação do nível de conhecimento da Língua Portuguesa no final do período da mobilidade atinge um nível bastante positivo em cerca de 3 valores numa escala de 4 pontos.

Tabela 14. Frequência de Cursos de Português Língua Estrangeira (PLE)

Frequentou curso PLE antes do período de estudos	Frequência	Percentagem
Sim	45	41%
Não	65	59%
Frequentou curso PLE durante o período de estudos	Frequência	Percentagem
Sim	53	48%
Não	57	52%

¹³² Cf. tabela 15

Tabela 15. Razões apresentadas para não frequentar um Curso de Língua Portuguesa

Se não frequentou qual/quais foi/foram as razões	Total das Respostas (+) por critério	
	Nº	%
Mesma Língua Mãe	9/57	16%
Conhecimento suficiente da Língua Portuguesa	17/57	30%
Dificuldades financeiras para frequentar os cursos disponíveis	17/57	30%
Outro	14/57	25%

Tabela 16. Avaliação do curso PLE U.Porto, do nível de língua em retrospectiva, e das vantagens desta aprendizagem linguística.

Preparação Linguística			
(pontuações médias dos respondentes numa escala de 4 pontos, onde 1=mau; 2=razoável; 3=bom; 4=muito bom)			
Avaliação do Curso de Língua Portuguesa organizado pela U.Porto			3.0
Classificação do nível de conhecimento da Língua Portuguesa no final do período da mobilidade			2.7
Considera vantajosa a aprendizagem da língua portuguesa			
para o futuro?		Frequência	Percentagem
Sim		100	91%
Não		10	9%

VI. Integração

Quando questionados acerca do seu nível de integração / interação durante o seu período de mobilidade no que respeita a diferentes dimensões, os estudantes autoavaliam a sua adaptação como tendo atingido um grau bastante positivo. Numa escala de um a cinco, a adaptação cultural e social dos estudantes atinge uma pontuação de 4.2. Também se destaca a adaptação relativamente às questões académicas, dos métodos de ensino e de trabalho, na Faculdade e na Universidade (3.8). A pontuação menos elevada diz respeito à interação com colegas Portugueses.

Tabela 17. Grau de integração relativamente a diferentes dimensões

Integração/Interação	
Cultural/Social	4.2
C/ colegas Portugueses	3.4
Na Fac/Instituição de acolhimento	3.6
Na Universidade	3.6
Questões académicas (método de ensino/trabalho)	3.8

A tabela 18 ilustra alguns fatores, da Universidade e da cidade do Porto, que atuam como atrativos, junto dos estudantes inquiridos. Dentro desses, é interessante notar que os mais ligados a características específicas da cultura portuguesa, incluindo a língua e o ambiente do país ou da cidade do Porto, têm um peso maior que fatores mais objetivos, ou ligados à vida escolar, no plano académico. Estes dados complementam a análise da experiência de mobilidade enquanto fenómeno cultural e permitem verificar que, os atributos mais atrativos da vida cultural da cidade e da Universidade do Porto são a situação geográfica e a vida social (mencionadas por cerca de quatro entre cada cinco estudantes), o cosmopolitismo da sua população estudantil, a vida académica e a vida noturna (mencionados por cerca de dois entre cada três estudantes), tendo ainda a informalidade das relações atraído um a cada três estudantes. Neste sentido a experiência de mobilidade destaca-se no plano cultural, sendo que a Universidade e a cidade funcionam, assim, enquanto pólo de atração cultural.

Tabela 18. Contributos atrativos da Cidade e da Universidade do Porto

Nível de Integração/Interação		
No seguimento da experiência de mobilidade quais os contributos que considera / considerou atrativos na vida na Cidade e da Universidade Porto	Total das Respostas (+) por critério	
	Nº	%
Grande número de estudantes estrangeiros	68/110	62%
Vida Social	86/110	78%
Vida Universitária	63/110	57%
Vida Noturna	70/110	64%
Formalidade das Relações	18/110	16%
Informalidade das Relações	37/110	34%
Condições geográficas (rio, oceano, clima...)	87/110	79%
Vida dos estudantes estrangeiros (grupo Erasmus...)	73/110	66%
Tradições portuguesas que experienciou	87/110	79%
Outro	10/110	9%

No que toca à interação e socialização com os outros estudantes, ilustrada pela tabela 19, constatamos que as relações entre os estudantes estrangeiros com os colegas Portugueses serão mais superficiais e realizadas talvez mais em ambiente escolar e académico. Apenas 35% aponta estudantes Portugueses como parte do seu grupo de socialização, ao passo que 37% assinalam um conjunto de estudantes Portugueses e de outros países, importa ainda mencionar um conjunto de 30% de estudantes que indicam ter no seu grupo, amigos portugueses não estudantes. Não traz surpresas o facto de as relações destes estudantes se travarem dentro do grupo de estudantes estrangeiros: 60% indicam socializar com colegas do mesmo país de origem e 68% com estudantes estrangeiros de outros países. É interessante notar igualmente as relações “extraescolares” travadas por este universo: 30% menciona amigos portugueses não estudantes e amigos não estudantes do seu país de origem 7%. Os restantes 4% (outros) poderão traduzir a existência de familiares na cidade.

Tabela 19. Grupos de socialização dos estudantes de mobilidade

Nível de Integração/Interação		
O grupo de pessoas com quem socializa e interage ou socializava e interagia no dia-a-dia era / é constituído por:	Total das Respostas (+) por critério	
	Nº	%
Estudantes Portugueses	38/110	35%
Estudantes do seu País de origem	66/110	60%
Estudantes de mobilidade de outros países	75/110	68%
Estudantes Portugueses e de outros países	40/110	36%
Amigos Portugueses não estudantes	33/110	30%
Amigos não estudantes do seu País de origem	7/110	6%
Outros	4/110	4%

Conforme podemos constatar através da tabela 20, verifica-se uma capacidade de acolhimento por parte de compatriotas em comunidades étnicas já estabelecidas, podemos calcular um índice de 32%, através da frequência de instituições e entidades criadas ou geridas por cidadãos da nacionalidade dos estudantes inquiridos. Esta opera-se na maior parte dos casos ao nível do comércio, mas também através de instituições religiosas e associações.

Tabela 20. Acolhimento por compatriotas em comunidades étnicas já estabelecidas.

Nível de Integração/Interação		
Frequentou/a regularmente instituições / entidades criadas ou geridas por cidadãos da sua nacionalidade?	Total das Respostas (+) por critério	
	Nº	%
Instituições religiosas	5/110	5%
Comércio (mercearia/mercado; restaurante; bar; café...)	23/110	21%
Associações	5/110	5%
Outro	2/110	2%
Total	35/110	32%

VII. Dificuldades e Problemas

No caso de terem enfrentado problemas, ou não tendo enfrentado os estudantes dirigir-se-iam, em primeiro lugar aos amigos, em segundo lugar à Faculdade, e em terceiro ao SRI e à sua família¹³³. Assim, estes dados revelam que apenas um terço dos estudantes estrangeiros recorre ao Serviço de Relações Internacionais em caso de dificuldades e problemas. Estas dificuldades mais sentidas pelos estudantes estão relacionadas com questões como alojamento, dificuldades académicas, linguísticas e financeiras¹³⁴. O facto de a procura de um alojamento na chegada constituir um dos principais problemas dos estudantes que frequentam a U.Porto explica-se facilmente pela falta de vagas oferecidas em Residência Universitária aos estudantes estrangeiros, visto que os estudantes bolseiros da U.Porto beneficiam de uma prioridade no acesso a estas vagas. Este facto traduz um problema ao nível da Universidade, e sobre o qual esta pode atuar, no sentido de encontrar uma solução, equilibrando e facilitando o acesso a estudantes regulares portugueses ou estrangeiros ou de mobilidade ao alojamento em residência, o que passaria provavelmente pela construção de mais espaços para este efeito.

¹³³ CF. tabela 21.

¹³⁴ Cf. tabela 22.

Tabela 21. Se enfrentou problemas, a quem recorreu em primeiro lugar ou não tendo enfrentado a quem recorreria

Dificuldades e Problemas		
Se enfrentou problemas, a quem recorreu em primeiro lugar ou não tendo enfrentado a quem recorreria?	Total das Respostas (+) por critério	
	Nº	%
Serviço de Relações Internacionais	31/110	28%
Faculdade	49/110	45%
ESN	20/110	18%
Amigos	82/110	75%
Família	31/110	28%
Outro	5/110	5%

Tabela 22. Principais dificuldades enfrentadas

Dificuldades e Problemas		
Principais dificuldades enfrentadas	Total das Respostas (+) por critério	
	Nº	%
Académicas	39/110	35%
Alojamento	48/110	44%
Financeiras	30/110	27%
Falta de Apoio	8/110	7%
Alimentar	8/110	7%
Necessidades Religiosas	4/110	4%
Choque Cultural	8/110	7%
Língua	35/110	32%
Integração	19/110	17%
Pessoais/Familiares	18/110	16%

VIII- Avaliação Geral do Período de Mobilidade

Em termos de uma avaliação geral do período de mobilidade relativamente a diferentes aspetos da Universidade e da cidade do Porto, os estudantes inquiridos destacam os transportes públicos, o SRI, a ESN, a Faculdade ou Instituição de Acolhimento e as atividades culturais. Em termos das competências formais e informais desenvolvidas, os estudantes destacam a autonomia pessoal (tomada de decisões, autoconfiança, etc.) e o desenvolvimento de competências interculturais¹³⁵.

Tabela 23. Avaliação Geral do Período de Mobilidade

Avaliação Geral do Período de Mobilidade	
(pontuações médias dos respondentes numa escala de 4 pontos, onde 1 = Insuficiente; 2 = razoável; 3 = bom; 4 = muito bom)	
Qualidade do Ensino / Investigação (n=108; 2 não frequentaram/utilizaram)	2.9
Faculdade ou instituição de acolhimento	3.1
SRI U.Porto	3.2
Erasmus <i>Student Network</i> - ESN Porto (n=98; 12 não frequentaram/utilizaram)	3.2
Atividades Culturais U.Porto (n=93; 17 não frequentaram/utilizaram)	3.1
Alojamento U.Porto (n=68; 42 não frequentaram/utilizaram)	2.7
Cantinas U.Porto (n=103; 7 não frequentaram/utilizaram)	2.8
Serviços Médicos U.Porto (n=103; 7 não frequentaram/utilizaram)	2.8
Recintos Desportivos U.Porto (n=42; 69 não frequentaram/utilizaram)	2.7
Transportes Públicos da Cidade	3.3

¹³⁵ Cf. tabela 24.

Tabela 24. Avaliação da experiência de mobilidade em termos das competências formais e informais desenvolvidas

Como avaliaria a sua experiência pessoal durante a mobilidade em termos das competências formais e informais desenvolvidas?	
(pontuações médias dos respondentes numa escala de 4 pontos, onde 1 = Insuficiente; 2 = razoável; 3 = bom; 4 = muito bom)	
Capacidade de trabalho / estudo em ambiente internacional	3.2
Desenvolvimento de novas competências interculturais	3.4
Desenvolvimento de novas competências linguísticas	3.3
Desenvolvimento de novas competências profissionais	3.0
Autonomia pessoal (tomada de decisões, autoconfiança, etc.)	3.6

No que toca a determinar os planos para o futuro, bem como o subsequente comportamento migratório, é interessante verificar através dos dados apresentados na tabela 25, que as intenções futuras de mobilidade ou migração se calculam em 43%, um valor muito expressivo, embora estas possam não resultar necessariamente em comportamentos reais, e portanto poderão existir discrepâncias entre as intenções e o comportamento real.

Tabela 25. Planos para o futuro, no seguimento da experiência na U.Porto

Quais são os seus planos para o futuro?	Total das Respostas (+) por critério	
	Nº	%
Continuar os estudos na U.Porto	5/110	5%
Trabalhar no Porto	14/110	13%
Voltar ao País de origem	30/110	27%
Acabar os estudos na Universidade origem	90/110	82%
Ficar em Portugal	11/110	10%
Outros	16/110	15%

Quando questionados, numa das perguntas que finaliza o inquérito aplicado “Baseando-se na sua experiência

recomendaria a U.Porto a colegas seus?”, 93% dos estudantes, uma maioria expressiva respondeu que recomendaria a Universidade aos seus colegas enquanto destino de mobilidade. Por outro lado 7% dos estudantes não recomendariam esta experiência a outro estudante, o que significa que estão bastante insatisfeitos com a sua experiência na U.Porto, e que este grupo embora minoritário enfrentou consideravelmente mais dificuldades do que os colegas que efetivamente recomendariam a Universidade do Porto, o que indica igualmente que existem estudantes que necessitariam de beneficiar de mais acompanhamento durante o período de mobilidade, ou de assistência específica para superar o(s) problema(s) enfrentado(s). Em termos de correspondência com as expectativas, basta apenas destacar que 91% dos inquiridos declara, no final do período de estudos, que este excedeu (metade dos estudantes) ou correspondeu às suas expectativas iniciais¹³⁶.

Tabela 26. Recomendação da U.Porto a colegas como destino de mobilidade

Recomendaria a U.Porto a colegas seus?	Frequência	Percentagem
Sim	102	93%
Não	8	7%

Tabela 27.

Avaliação Geral do Período de Mobilidade		
Em que medida a experiência de mobilidade correspondeu às suas expectativas?	Frequência	Percentagem
Excedeu	55	50%
Correspondeu	45	41%
Abaixo do Esperado	10	9%

¹³⁶ Cf. tabelas 26 e 27.

9. Síntese

Uma vez apresentados os resultados obtidos através do inquérito aplicado, impõe-se agora uma síntese dessa informação. Esta encontra-se organizada de forma a responder aos objetivos fixados no projeto de estágio e anteriormente¹³⁷.

Os países de origem¹³⁸ dos estudantes que mais optam pela Universidade do Porto como destino de mobilidade são, ordenadamente, a Espanha, a Itália, a Polónia, a República Checa, a Alemanha e a Turquia, na sua grande maioria no âmbito do programa Erasmus, uma vez que 90% dos estudantes realizam um período de estudos na U.Porto ao abrigo deste programa. No entanto, destacam-se ainda mobilidades, ao abrigo de Acordos de Cooperação, ou de alunos visitantes¹³⁹, de Universidades¹⁴⁰ dos Estados Unidos da América (EUA), da Tailândia, de Israel¹⁴¹, do Canadá, da Índia, do Japão e de Taiwan.

Os graus¹⁴² de ensino mais escolhidos são a licenciatura, o mestrado ou mestrado integrado. Em termos das áreas de investigação e formação¹⁴³ destacam-se as Ciências Sociais, as Ciências da Saúde, Engenharia e Construção, Arquitetura e Planeamento, e as Ciências da Educação e Formação de Professores¹⁴⁴. A duração média dos períodos de estudos dos estudantes estrangeiros na U.Porto calcula-se em 7,5 meses, sendo que 45% escolheram frequentar a U.Porto durante um ano académico, 50% distribuem-se pelo primeiro (24%) e segundo semestre (26%) de forma semelhante, e 5% dos estudantes realizaram o seu período de estudos apenas durante um trimestre.

¹³⁷ No ponto 8.1.

¹³⁸ Do ponto de vista institucional: países das Universidades de Origem.

¹³⁹ *Freemovers*.

¹⁴⁰ Cf. Tabela 3.

¹⁴¹ Duas Mobilidades resultantes do Acordo de Cooperação recente (assinado já em 2011) com a Bezalel Academy of Arts and Design Jerusalem.

¹⁴² Na U.Porto.

¹⁴³ Áreas de estudo segundo *International Standard Classification for Education* (ISCED)

¹⁴⁴ Em termos absolutos do total dos estudantes de mobilidade que frequentaram a U.Porto, e também dos estudantes que responderam ao inquérito realizado.

Os fatores motivadores da escolha da U.Porto¹⁴⁵, que de resto ocupa, em termos de prioridades das Universidades escolhidas, o primeiro lugar em 77% dos casos, prendem-se com diferentes dimensões: a cidade (81%), o País (78%); a Cultura Portuguesa (72%); a Língua Portuguesa (59%); e só depois com aspetos particularmente relacionados com a Universidade do Porto, enquanto instituição: a qualidade de ensino e a reputação da U.Porto (49%), a recomendação dos colegas (43%), este é um aspeto muito relevante, uma vez, que 93% dos estudantes recomendam a U.Porto no final do seu período de estudos, a recomendação de um professor (35%) não tem um peso substancial na decisão, mas é um valor expressivo, uma vez que revela as relações que os professores das Universidades Parceiras mantêm com a U.Porto, muito provavelmente, através dos professores desta instituição; a proximidade geográfica desempenha, ainda, um papel relativamente importante (34%).

Em termos da diferenciação de género na mobilidade internacional na U.Porto, concluímos que mais de metade dos estudantes de mobilidade na U.Porto é do sexo feminino¹⁴⁶, portanto, a partir deste estudo de caso poder-se-ia concluir que os estudantes do sexo feminino são mais móveis do que os estudantes do sexo masculino. Porém, antes de se partir para esta afirmação será necessário ter em conta a distribuição de género proporcional, em termos do total de estudantes inscritos no ensino superior. Uma vez que, “a rápida expansão do ensino superior foi alimentada pela participação crescente das mulheres” (UIS, 2009:10). E que, no geral, o número de mulheres inscritas em Instituições de Ensino Superior cresceu quase duas vezes mais que o número de homens. Enquanto, o número de estudantes do sexo masculino quadruplicou de 17,7 para 75,1 milhões entre 1970 e 2007, o número de estudantes do sexo feminino aumentou seis vezes de 10,8 para 77,4 milhões, no mesmo período de tempo (UIS, 2009:16)¹⁴⁷. Uma análise dos resultados ainda de acordo com o género mostra que existem duas razões para a escolha da U.Porto que claramente diferem entre homens e mulheres. Uma maior proporção de mulheres (73,6% dos respondentes do sexo feminino) do que de homens (42,8% dos respondentes do sexo

¹⁴⁵ Que funcionam igualmente como indicadores das expectativas relativamente ao país, e à U.Porto.

¹⁴⁶ 72% dos respondentes são do sexo feminino, o que se revela um dado consistente com a distribuição de género em termos absolutos (do total de estudantes de mobilidade 60.4% do sexo feminino, Cf. programas de ensino, formação e investigação).

¹⁴⁷ Sobre a dimensão do género na participação no ensino superior ver UIS, 2009:10-17.

masculino) listou a língua como fator motivador da escolha do destino de mobilidade. No entanto, para uma proporção mais elevada dos respondentes do sexo masculino (72% vs. 51%) a reputação da U.Porto constitui um fator mais importante¹⁴⁸.

Tendo em conta a autoavaliação que os estudantes fazem da sua adaptação ou integração durante o período de estudos relativamente a diferentes dimensões, podemos afirmar que esta atinge um grau bastante positivo¹⁴⁹, destaca-se no geral a adaptação cultural e social dos estudantes, e também uma boa adaptação relativamente às questões académicas, dos métodos de ensino e de trabalho, na Faculdade e na Universidade. A pontuação menos elevada diz respeito à interação com colegas Portugueses.

Os fatores identificados como mais atrativos na vida na Cidade e da Universidade Porto são: (i) as condições geográficas da cidade (79% dos respondentes destacam o clima, a proximidade com o rio), tendo ainda recolhido comentários no espaço dedicado à enumeração de “outros contributos” relacionados com as condições favoráveis à prática desportiva em geral, e à prática de *surf* em particular; (ii) a aprendizagem cultural e as tradições portuguesas experienciadas (79%); (iii) a vida social (78%), a da cidade em si, e, neste tópico destacam a aprendizagem cultural vivida, a independência, a segurança de que disfrutaram no Porto, um baixo custo de vida, realçam ainda atrativos culturais, como monumentos e outros elementos arquitetónicos, a oferta cultural na cidade, destacando igualmente as atividades culturais promovidas por algumas entidades como a Casa da Música e a Fundação Serralves; (iv) a vida dos estudantes estrangeiros em grupo (66%), particularmente, as atividades específicas organizadas para e até por estes estudantes exprimem a importância que os próprios atribuem no seu relacionamento entre pares, sendo este o grupo que querem integrar, e onde se esforçam por se sentir integrados; (v) o número elevado de estudantes estrangeiros, 62% dos estudantes destaca este aspeto, o que traduz a reputação que a cidade e a universidade têm vindo a ganhar, na tradição de receção de um grande número de estudantes estrangeiros, também como resultado de todos estes contributos enumerados como atrativos na cidade e na Universidade, fazendo com que, em conjunto, a Universidade e a cidade do Porto funcionem como um pólo de atração cultural de estudantes, uma dinâmica criada também pela recomendação destes estudantes a outros

¹⁴⁸ Cf. Tabela 4 e Tabela 5.

¹⁴⁹ Numa escala de 1 a 5, a pontuação mais baixa (das cinco dimensões apresentadas) é de 3.4.

estudantes (93% recomendaria a U.Porto a colegas seus), influenciando cada vez mais a escolha da U.Porto como destino de mobilidade; (vi) a vida noturna 64% dos estudantes destaca este ambiente na cidade, que por sua vez surge já muito marcado pela presença destes estudantes no Porto, mas a também do grupo de estudantes estrangeiros em específico, uma vez que esta ganha já reconhecimento entre os estudantes que escolhem este destino de mobilidade e o recomendam aos seus colegas, (este é um aspeto muito relevante, uma vez que 43% dos estudantes afirmam que a recomendação de amigos ou colegas pesou na escolha do destino de mobilidade); Neste aspeto é necessário ter em consideração as atividades organizadas pela ESN, que fazem com que esta associação desempenhe um papel relevante no que toca à definição e escolha dos locais que estes estudantes frequentam fora da Universidade, moldando de certa forma esta vida social a que estes estudantes se referem como fator atrativo, e da qual eles próprios fazem parte; (vii) a vida universitária e académica 57% dos respondentes, indicam fatores ligados à Universidade e ao método de ensino e de trabalho com os quais parecem estar satisfeitos¹⁵⁰, e embora não surjam no topo da lista de contributos atrativos, mais de metade dos estudantes os aponta como tal, ou por se aproximarem com os métodos utilizados na sua Universidade de Origem, de tal forma que, já se encontram familiarizados com os mesmos, ou pelo contrário por se distanciarem das práticas com as quais se encontram familiarizados, mas de uma forma positiva; (viii) a informalidade das relações (34% destacam vs. 16% formalidade das relações), contributo com menos peso na atratividade, mas que reveste-se de importância pelas diferentes interpretações culturais, para a maioria dos estudantes o ambiente que frequentaram é menos formal que aquele de onde vêm, ao passo que um menor grupo destaca a formalidade das relações comparativamente com a sua cultura de origem.

A possível capacidade de acolhimento por parte de compatriotas em comunidades étnicas já estabelecidas confirma-se, estando calculada em 32%, quando medida através da frequência de instituições e entidades criadas ou geridas por cidadãos da nacionalidade dos estudantes inquiridos. Esta opera-se na maior parte dos casos ao nível do comércio, mas também através de instituições religiosas e associações. Neste aspeto, importa também fazer alusão aos resultados das respostas ao nível da composição dos grupos de socialização e interação dos estudantes, onde 60% dos inquiridos refere que o seu grupo de amigos é constituído por estudantes do seu país de origem, e ainda 6% indicam que este é composto

¹⁵⁰ Ver parágrafo/ ponto anterior.

por amigos não estudantes, do seu país de origem. O grupo de pessoas com quem os estudantes interagem no seu dia-a-dia, durante o período de mobilidade, é naturalmente, também constituído por uma maioria de estudantes de mobilidade de vários países.

A apreciação geral que os estudantes inquiridos fazem do acolhimento e orientação prestado na U.Porto, ao nível do SRI é positiva: 86% dos estudantes avaliam os serviços prestados como muito bons (41%) ou bons (45%), 11% classificam-nos como apenas razoáveis, e 4% como maus.

Em termos das dificuldades sentidas durante o período de estudos, confirma-se, como mencionado anteriormente, o papel preponderante da língua em dois sentidos, ao simultaneamente, estimular a mobilidade estudantil e agir como barreira: 32% dos estudantes indicam a língua como uma das principais dificuldades enfrentadas, ao passo que 45% consideram ter desenvolvido competências linguísticas a um nível muito bom. Contudo, este não é o maior problema. Ao contrário do que se esperava, as dificuldades financeiras podem constituir um obstáculo na promoção da mobilidade, mas este não foi o problema mais sentido pelos estudantes que realizaram um período de estudos na U.Porto. As principais dificuldades enfrentadas estão relacionadas com o alojamento (44%); questões académicas (35%); linguísticas (32%) e financeiras (27%).

No geral, os estudantes de mobilidade fazem uma apreciação e um balanço positivo do seu período no estrangeiro: 90% dos estudantes afirmam que esta experiência correspondeu (40%) ou superou (50%) as suas expectativas, avaliando-a como muito positiva; 98% sentem que, esta experiência os transformou em termos pessoais, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia pessoal, tomada de decisões e autoconfiança; e 90% consideram-na potenciadora de competências académicas e profissionais num ambiente internacional.

Esta última dimensão relaciona-se intimamente com a hipótese que previa uma propensão para futuros comportamentos migratórios a um nível pessoal e/ou profissional, sendo que esta se confirma pelo menos ao nível das intenções: 18% pretendem continuar no Porto, em atividades profissionais (13%) ou académicas (5%); 10% demonstram intenções de continuar em Portugal, e uma fatia 15% dos estudantes têm planos que não passam por ficar em Portugal nem por voltar ao seu país de origem, pretendendo estudar ou trabalhar

num terceiro país. Assim, podemos calcular um índice de potencial migratório em 43%, uma percentagem bastante elevada¹⁵¹, sendo que os que mencionam que pretendem terminar os estudos correntes na Universidade de Origem não colocam de parte este comportamento, no futuro. É igualmente, importante mencionar que, no atual contexto de crise económica, esta predisposição para uma futura mobilidade profissional pode ser encarada por estes jovens, que terminam a sua formação ao nível superior, como uma solução face ao desemprego. Estas intenções, quando cruzadas com as razões apresentadas para estudar a Língua Portuguesa, ganham expressividade, uma vez que 14% dos estudantes referiram que a importância do estudo da língua se prende com objetivos futuros de residir em Portugal por motivos profissionais, académicos e pessoais; ao passo que 16% dos estudantes revelam que objetivo de aprender Português está ligado a planos de mobilidade futura no Brasil, o que demonstra que embora esta mobilidade possa ter um efeito “catalisador” em termos de migração futura, algumas intenções serão prévias à realização do período de estudos.

Relativamente às expectativas individuais relativamente a esta experiência, 91% dos inquiridos admite tê-las superado (50%) ou atingido (41%), o que é naturalmente consistente com a decisão de recomendar a U.Porto a colegas, 93% afirma que o faria, contra 7% que não recomendariam esta experiência, dado que não se encontra longe dos 9% cujas expectativas não corresponderam à experiência real. Podemos ainda encontrar uma correspondência entre as expectativas fixadas pelos estudantes e a avaliação geral que fazem da sua integração, conforme já havia sido mencionado anteriormente: os estudantes cuja experiência não corresponde às suas expectativas iniciais, não beneficiaram de um grau de integração satisfatório, em termos de adaptação, relativamente a questões académicas (13% autoavaliam-na como insuficiente [9%], ou fraca [4%]), e na Universidade (17% autoavaliam a integração na Universidade como insuficiente [14%] ou fraca [3%]). Por sua vez, o nível de integração na Faculdade (59%) e na Universidade (60%) também está relacionado com o nível de integração nos métodos de ensino e trabalho utilizados na Universidade (69%), influenciando o sucesso académico.

¹⁵¹ Ainda que este índice traduza apenas intenções, daí ter sido denominado de potencial, e que o comportamento migratório real se possa verificar inferior.

Conclusão

Com esta conclusão, pretende-se uma síntese de toda a reflexão.

Conforme explicado no capítulo dedicado às tarefas levadas a cabo durante o estágio, ao longo do trabalho desenvolvido pude participar nas atividades decorrentes do funcionamento regular da Unidade de Mobilidade *Incoming*, e do Serviço de Relações Internacionais da Universidade do Porto, tive ainda a oportunidade de prestar contributos originais enquadrado no projeto de estágio curricular, tendo ainda participado em atividades extraordinárias que me foram atribuídas ou que surgiram no decorrer do meu trabalho, quer por necessidades resultantes da criação de novos procedimentos, quer por se tratar de eventos excecionais ao nível institucional, que pela sua componente ou vertente “internacional” contaram com a participação do SRI na sua organização e preparação.

Neste sentido, as atividades previstas bem como aquelas decorrentes do desenrolar do estágio foram, no meu entender, concretizadas com sucesso, assim como o projeto inicialmente definido. No desenvolvimento das atividades e paralela elaboração desta reflexão, as maiores dificuldades que se fizeram sentir prenderam-se com razões de ordem técnica e metodológica, na concretização dos objetivos através da realização do inquérito, pela complexidade e rigor que este tipo de investigação requer no desenvolvimento do trabalho exploratório, recolha, tratamento e análise dos dados. No entanto, com uma forte dedicação, no sentido de concretizar os objetivos propostos, e tendo em conta que não existem “vias metodológicas precisas e irrevogáveis”¹⁵², foi possível levar a cabo este “dispositivo de pesquisa”¹⁵³, na qualidade de “principiante” fortemente motivada pelo interesse gerado pela temática. Por estas razões não foi possível (no âmbito deste projeto) talvez elaborar um aprofundamento exaustivo que esta problemática merecia, tendo elaborado alguns aspetos mais do que outros, mas tentando abordar todos os levantados por esta problemática de um modo geral para poder tirar várias conclusões.

¹⁵² Campenhoudt; Quivy, 1998:21).

¹⁵³ Este foi adaptado concretamente a este projeto, mas tentando da melhor forma seguir as etapas apresentadas, e aplicar as recomendações propostas no “Manual de investigação em Ciências Sociais” (Campenhoudt; Quivy:1998), para a aplicação do procedimento, análise da informação recolhida e conclusões a apresentar.

Não foram aprofundadas possíveis diferenças entre países neste trabalho, no entanto esta análise é necessária para um entendimento completo deste fenómeno. Poder-se-ia ainda, ter trabalhado contra uma amostra de um outro universo “não-móvel” para uma análise comparativa mais aprofundada das diferenças entre os grupos de estudantes, ou ter aplicado o inquérito a estudantes que efetuaram mobilidade na U.Porto em anos académicos anteriores (entre 2005 e 2008) para avaliar mais aprofundadamente o impacto da experiência de mobilidade no futuro profissional e pessoal dos indivíduos, e no comportamento migratório real dos estudantes de mobilidade. Importa, neste aspeto salientar o facto de ter trabalhado com dados do presente ano académico, por este estudo se concentrar principalmente em elementos relativos à mobilidade durante o período de estudos, o que apresentou alguma dificuldade no que respeita ao tratamento dos dados.

O balanço que faço da minha experiência enquanto estagiária é claramente positivo, no que toca a competências profissionais e científicas, bem como humanas. Como já referido, considero que foi possível concretizar o projeto inicial, elaborando um enquadramento teórico e contextualização, e apresentando a metodologia de implementação da forma mais clara possível. No desenrolar do estágio, e no decorrer da pesquisa e redação do presente trabalho, o modo de encarar o tema foi evoluindo, bem como a perceção do funcionamento da instituição. Enfrentei algumas dúvidas e dificuldades mas as atividades e tarefas desenvolvidas ao longo do estágio desenrolaram-se com tranquilidade, apesar da intensidade e volume de trabalho que estas exigiram por coincidirem na grande parte das vezes com outras atividades ou tarefas administrativas ligadas à mobilidade IN, e por compreenderem sempre a sua concretização em articulação com outros elementos dentro da instituição, pressupondo sempre o cumprimento de prazos rígidos. As minhas opiniões sobre o trabalho a desenvolver foram sempre ouvidas e tidas em consideração por parte dos responsáveis, sendo que participei em quase todas as reuniões relativas à definição de objetivos e estratégias funcionamento da unidade de gestão de mobilidade IN, reuniões em que cada um dos participantes dá ideias sobre o assunto em debate. Posso ainda destacar como um fator importante, o facto de ter beneficiado de bom ambiente de trabalho.

O que se pretende com este trabalho é um pequeno estudo de caso do impacto da mobilidade internacional, na instituição e especificamente a um nível mais individual e relacionado com a experiência dos estudantes, em si. Este é apenas um modesto contributo, porém, se todas as instituições levarem a cabo estudos de caso sobre impacto da mobilidade

na sua instituição e nos seus estudantes, bem como no pessoal docente e no não docente, elaborando inquéritos institucionais (suscetíveis de análise científica), e disponibilizando esses resultados, poder-se ia tirar partido de um estudo bastante significativo, e passível de se tornar objeto de uma análise comparativa. É, neste sentido, necessário que as Instituições de Ensino Superior, enquanto atores internacionais e produtores de ciência, se responsabilizem não só pela divulgação de estatística, mas também pela explicação desses dados, para além da preocupação relativa ao posicionamento nos *rankings*, e ao alcance de números estratégicos.

A dinâmica criada pelo programa LLP-Erasmus funciona produzindo um efeito de contágio, influenciando a criação de outros "programas clone" de intercâmbio funcionando sob a utilização de regras análogas, e que todo este sistema promovido pela União Europeia acaba por estimular. No entanto, se por outro lado, esta dinâmica faz cada vez mais parte da vida universitária, na medida em que todos os estudantes têm a hipótese de considerar esta possibilidade como parte da sua passagem na universidade, ou seja, a oportunidade de escolher se pretendem ou não, viver ou não uma experiência de mobilidade no estrangeiro, começa a fazer parte do percurso académico dos estudantes; por outro lado, o acesso a uma experiência de mobilidade deveria ser alargado: neste momento, demasiados estudantes estão "socialmente excluídos" das oportunidades de mobilidade por razões de ordem financeira, contexto familiar ou limitações linguísticas. Existem obviamente outras barreiras à mobilidade, nomeadamente dificuldades no reconhecimento académico, transferências de créditos e equivalência de unidades curriculares¹⁵⁴. No entanto, mais do que nunca existe a oportunidade ao abrigo desta dinâmica para combater a realidade antiga que associa um período de estudos no estrangeiro, a uma oportunidade exclusiva das "elites" que podem suportar os custos desta experiência. Para que se aumente consideravelmente o volume de mobilidade¹⁵⁵ será necessário um aumento considerável do financiamento e das oportunidades de bolsa, responsabilidade que deve ser assumida pelos atores envolvidos nos esquemas de mobilidade estudantil, o financiamento deve ser aumentado e diversificado em termos das suas fontes, através de novas mobilizações, e estabelecimento de novas parcerias. Apenas assim se poderão evidenciar os benefícios da experiência de mobilidade, e combater

¹⁵⁴ Não me detenho muito sobre este assunto ao longo do trabalho, pois é um aspeto que se faz mais sentir ao nível do trabalho das Universidades parceiras, ou seja no sentido *Outgoing*, na U.Porto.

¹⁵⁵ Visão que faz parte dos objetivos estratégicos dos atores envolvidos na mobilidade.

barreiras já há muito identificadas, tornando esta experiência, cada vez mais, uma oportunidade para todos.

A mobilidade internacional estudantil é portanto um fenómeno que, cada vez mais, se reveste de importância, merecendo ser objeto de estudo, mais frequentemente, podendo ser abordado diversificadamente e no âmbito de diferentes áreas de estudos¹⁵⁶.

Podemos ainda concluir que conforme formulado provisoriamente, esta experiência de mobilidade, neste caso na U.Porto pode operar uma transformação ao nível individual dos estudantes. O nível de proximidade com a cultura determina modos de integração específicos, porém estes estudantes parecem ter uma característica comum importante: o projeto de estudos (que passa pela mobilidade, e pela mobilidade no Porto) e a integração ou vontade de integração no conjunto dos estudantes de mobilidade (entre os pares). A participação na experiência de mobilidade pode mudar as suas perceções, os planos de trabalho no estrangeiro, ou de ter trabalhos internacionais. Para analisar com rigor a ligação entre a realização de um período de mobilidade e um futuro comportamento migratório seria necessário uma análise comparativa com uma secção de estudantes “não móvel”, e um estudo posterior no sentido de determinar os comportamentos reais.

Assim, este trabalho, e os seus resultados constituem uma modesta tentativa de captar alguns elementos da experiência dos estudantes de mobilidade internacional na Universidade do Porto.

A Universidade do Porto desempenha enquanto instituição de acolhimento um papel importante, “moldando” a interação entre os “migrantes” e a sociedade recetora, promovendo um sentimento de pertença à Universidade, à cidade e ao grupo de estudantes estrangeiros. Assim, podemos concluir que os resultados em termos da promoção da qualidade de vida destes estudantes no Porto são positivos, funcionando em articulação com a cidade como um pólo de atração para os estudantes estrangeiros, pelos elementos mencionados anteriormente.

O saber e a investigação são considerados cada vez mais pelos estados, como instrumentos fortes da cooperação internacional (Agulhon; Brito, 2009:256). O SRI desempenha um papel deveras importante na informação e apoio aos estudantes de mobilidade internacional, pela valorização que presta a esse mesmo papel e ao apoio a estes estudantes,

¹⁵⁶ Antropologia Cultural, Sociologia da educação, Geografia da população, etc....

numa altura em que cada vez mais estes serviços dentro das Universidades ganham importância competitiva: “as universidades criam e reorganizam os seus Serviços de relações internacionais, envolvendo-se em acordos e protocolos com universidades estrangeiras cotadas”, tendendo, por outro lado, a negligenciar os estudantes, “perpetuando clivagens profundas entre as formas de acolhimento e acompanhamento dos estudantes” (Agulhon; Brito, 2009:255). Neste sentido, é necessário (e também este trabalho pretende esse resultado) chamar a atenção para o acolhimento e orientação dos estudantes e a preocupação com o seu bem-estar, uma vez que este deve ser prioritário relativamente a todos os objetivos estratégicos e competitivos das instituições.

Existem ainda várias ações a explorar, nomeadamente a formação de professores e restante pessoal para gerir a diversidade, no sentido de ganhar competências interculturais, e de combater a existência de preconceitos e estereótipos, não aqueles profissionais que exercem cargos na área das relações internacionais, mas de todas as áreas. O recrutamento de professores estrangeiros pode ser útil para encorajar a aprendizagem em turmas com uma concentração de migrantes, funcionando como meio de maior abertura dos sistemas nacionais de ensino a outras culturas europeias e não-europeias.

Torna-se ainda imperativo, neste aspeto, referir a diferenciação (na U.Porto) da categoria do estudante estrangeiro, no que toca a oferecer serviços de apoio ao estudante de mobilidade (período de estudos 3 a 12 meses) e ao estudante regular que realiza um período de estudos superior a um ano para obtenção de um grau. Sem pretender sugerir uma espécie de comportamento discriminatório da Universidade, uma vez que os estudantes que se candidatam a um curso de grau na U.Porto são todos regulares, é necessário tomar uma posição no sentido de disponibilizar dentro dos serviços oferecidos aos estudantes regulares (serviços académicos e pós graduações entre outros) informações, também em outras línguas, sobre questões relacionadas com a vida no país, na cidade e na U.Porto, sobre a candidatura a um curso na U.Porto e sobre todas restantes burocracias que com as quais os estudantes Portugueses podem já estar familiarizados.

Neste contexto, existe a necessidade premente de habilitar o pessoal não docente com competências linguísticas para comunicar com este público.

Uma alternativa seria alargar os serviços disponibilizados aos estudantes de mobilidade a todos os estudantes estrangeiros, aumentando, reformulando e otimizando estes

recursos. Pude concluir esta necessidade no desempenho das minhas funções, enquanto estagiária, pelos pedidos de informação e apoio que surgiram da parte destes estudantes - que pretendiam frequentar ou se encontravam já a frequentar um curso na U.Porto - a que o SRI não pode dar resposta (ainda que se verifique um esforço nesse sentido), não existindo uma alternativa viável para onde encaminhar estes estudantes, logo à partida pela barreira da língua, existente nos Serviços competentes.

Trata-se de uma transformação estrutural na U.Porto, no que toca à internacionalização, sendo as Relações Internacionais uma área transversal face à constante interação e interdependência das entidades envolvidas na actuação neste âmbito, e que obriga à definição de estratégias e medidas que devem acompanhar as rápidas transformações que se fazem sentir, neste caso, no campo da educação, atravessada pelo plano internacional.

Trata-se de sistemas necessários para a Universidade (bem como para outros níveis de ensino) se adaptar à crescente diversidade do corpo estudantil (não só ao abrigo de programas de mobilidade), para assegurar educação de alta qualidade para todos, e para capitalizar o potencial desta diversidade. As medidas tomadas numa fase inicial são benéficas. Existindo uma proporção crescente de estudantes de contextos familiares migratórios e visando a presença de outros estudantes estrangeiros na U.Porto, algumas atividades atualmente limitadas à participação dos estudantes estrangeiros, nomeadamente as que não envolvem custos acrescidos por número de participantes poderiam ser divulgadas também aos restantes estudantes da U.Porto. Falo, para além dos programas de tutores e *buddies* organizados pelas faculdades e ESN, de estimular o convívio e receção por parte da restante académica da U.Porto da qual estes estudantes poderiam e deveriam fazer parte. Assim, potenciar cada vez mais a mobilidade internacional, proporciona o desenvolvimento de uma perspetiva cosmopolita e multilingue entre a comunidade académica, constituindo simultaneamente uma vantagem competitiva para essa comunidade. Ainda que, por um lado, encarar a língua inglesa como “língua global”, limite a experiência de aprendizagem intercultural que um período de estudos ou estágio no estrangeiro, acompanhado pelo desenvolvimento de competências linguísticas, pode conferir; por outro lado, o espaço de ensino exclusivamente em português é impeditivo dessa mesma experiência de aprendizagem constituindo uma das maiores dificuldades.

A experiência de mobilidade é importante para o desenvolvimento pessoal, (98% dos estudantes que responderam ao inquérito anteriormente apresentado, sentem que, em termos pessoais, esta experiência foi relevante para o desenvolvimento da autonomia pessoal, tomada de decisões e autoconfiança) incentivando ou enfatizando competências, e assim a empregabilidade no futuro individual (90% consideram-na potenciadora de competências académicas e profissionais). Esta experiência reduz barreiras entre pessoas e grupos, criando “formas modernas de cosmopolitismo”¹⁵⁷. Desta forma, numa sociedade cada vez mais multicultural, qualquer tipo de mobilidade, realizada em qualquer nível de estudos, deve ser encarada como uma experiência crítica, e por isso incentivada, na medida em que promove uma aprendizagem linguística e intercultural benéfica para estudantes de todas as idades. Este elemento é central no desenvolvimento de uma estratégia para expandir as oportunidades de aprender uma segunda ou terceira língua. Esta é uma questão transversal a todo o sistema de ensino, uma vez que requer melhores condições e um reforço do ensino linguístico a todos os níveis de ensino, e maior atenção na componente linguística no que toca a organização de ações de mobilidade.

Podemos ainda concluir que, paralelamente à questão da aprendizagem académica, as trocas culturais estão no centro da discussão em torno da mobilidade estudantil, beneficiando de uma prioridade relativamente à experiência académica, e que a experiência de mobilidade internacional é uma oportunidade que também cria oportunidades.

¹⁵⁷ Agulhon; Brito, 2009:263

Referências Bibliográficas¹⁵⁸

Xavier de Brito, Angela ; Agulhon, Catherine (eds.), (2009), *Les Étudiants Étrangers à Paris : Entre Affiliation et Repli*, Paris: L'Harmattan;

Altbach, Philip; Teichler, Ulrich (2001), "Internationalization and Exchanges in a Globalized University", in *Journal of Studies in International Education*, Vol. 5, No.1

Böhm, Davis; Meares and Pearce, (2002), *Global Student Mobility 2025, Forecasts of the Global Demand for International Higher Education*, disponível em: http://www.aiec.idp.com/PDF/Bohm_2025Media_p.pdf [28 de Maio de 2010]

Campanhoudt, Luc Van; Quivy, Raymond, (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, trad. João Marques, M^a Amélia Mendes, M^a Carvalho, 4.^a ed., Lisboa, Gradiva

Comissão Europeia, (2010), *The Lifelong Learning Programme: Education and Training Opportunities for All*, disponível em: http://ec.europa.eu/education/lifelong-learning-programme/doc78_en.htm [11 de Junho de 2010]

Comissão Europeia, Direção Geral da Imprensa e Comunicação, (2003), *É a nossa Europa : Viver, Aprender e Trabalhar em Qualquer País da UE*, Luxemburgo, Serviço de Publicações Oficiais das Comunidades Europeias

Comissão Europeia, Direção Geral da Imprensa e Comunicação, (2001), *Passaporte para a Mobilidade : Aprender de Outro Modo, Formar-se Noutra Lugar*, Luxemburgo, Serviço de Publicações Oficiais das Comunidades Europeias

Council of Europe, (1984), *Third Conference on European Academic Mobility*, Rome, Istituto per la Cooperazione Universitaria

¹⁵⁸ Todas as citações de obras de língua original não Portuguesa, são traduções livres da responsabilidade da autora deste trabalho.

Crossley, Michael; Watson, Keith, (2004), *Comparative and International Research in Education: Globalisation, Context and Difference*, Oxon, Routledge Falmer

Ertl, Hubert, (2003), *Knowledge Production in an International Research and Training Network: Methodological and Conceptual Considerations*, Lisboa: Educa

Falcucci, Franca (1984), *University as a Community Unit which Recognizes no Frontiers*, In Council of Europe, Third Conference on European Academic Mobility, Rome: Istituto per la Cooperazione Universitaria;

Garam, Irma, (2005), *Study on the Relevance of International Student Mobility to Work and Employment: Finish Employers' Views on Benefits of Studying and Work Placements Abroad*, Center for International Mobility (CIMO);

Gargano, Terra (2009), “(Re) conceptualizing International Student Mobility: The Potential of Transnational Social Fields”, (331-346), *Journal of Studies in International Education*, Vol. 13, No. 3;

Giddens, Anthony, (1992), *As Consequências da Modernidade*, trad. Fernando Machado e M^a Manuela Rocha, Oeiras: Celta Editora;

Inda, Jonathan Xavier; Rosaldo, Renato, (eds.) (2002), *The Anthropology of Globalization: a Reader*, Malden, MA, Oxford, Victoria: Blackwell Publishing;

King, Russel, Ruiz-Gelices, Enric, (2003), “International Student Migration and the European “Year Abroad”: Effects on European Identity and Subsequent Migration Behavior”, (229-252), *International Journal of Population Geography*, No. 9

Nóvoa, António, (1998), *Modèles d'Analyse en Éducation Comparée: le Champ et la Carte*, (51-84), In António Nóvoa, *Histoire & Comparaison, (Essais sur l'Éducation)*, Lisboa : Educa

OECD, (2002), *International Mobility of the Highly Skilled*, Paris, OECD Publications;

Pépin, Luce (2006), *Histoire de la Coopération Européenne dans le Domaine de l'Éducation et de la Formation*, Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias

Reitoria da Universidade do Porto, (2010a), *Cooperação Internacional*, disponível em:

http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?p_pagina=1001673 [20 de Maio de 2010]

Reitoria da Universidade do Porto, (2010b), *A Universidade do Porto em Números*, disponível em: http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?p_pagina=122350A [28 de Maio de 2010]

Reitoria da Universidade do Porto, (2010c), *Programas de Mobilidade para Estudantes*, disponível em: http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?p_pagina=1001493 [20 de Maio de 2010]

Reitoria da Universidade do Porto, (2010d), *Redes*, disponível em:

http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?p_pagina=1001505 [20 de Maio de 2010]

Reitoria da Universidade do Porto, (2010e), *Relações Internacionais*, disponível em:

http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?p_pagina=1001499 [20 de Maio de 2010]

Reitoria da Universidade do Porto (2010 f), *Serviços*, disponível em:

http://sigarra.up.pt/reitoria/unidades_geral.lista_nivel?p_nivel_id=10 [20 de Maio de 2010]

Unesco Institute of Statistics (UIS), *Global Education Digest 2009*, UIS Publication, disponível em:

http://www.uis.unesco.org/template/pdf/ged/2009/GED_2009_EN.pdf [25 de Maio de 2010]

Universidade do Porto, (2009a), *Relatório de Internacionalização (RI.0809): Ano Letivo de 2008/2009*, disponível em:

http://sigarra.up.pt/up/conteudos_geral.conteudos_ver?pct_pag_id=1001679&pct_parametro=s=p_pagina=1001679&pct_disciplina=&pct_grupo=1729#1729 [20 de Maio de 2010]

Universidade do Porto, (2009b), *ESN – Porto Receção e Acompanhamento dos Estudantes de Mobilidade*, disponível em:

http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?p_pagina=122281 [21 de Agosto de 2011]

Universidade do Porto, (2008), *Relatório de Internacionalização (RI.0708): Ano Letivo de 2007/2008*, disponível em:

http://sigarra.up.pt/up/conteudos_geral.conteudos_ver?pct_pag_id=1001679&pct_parametro=s=p_pagina=1001679&pct_disciplina=&pct_grupo=1729#1729 [25 de Maio de 2010]

Tremblay, Karine, (2002), *Student Mobility between and towards OECD Countries: A Comparative Analysis* (39-64) In OECD (2002), *International Mobility of the Highly Skilled*, Paris, OECD Publications

Teicheler, Ulrich, (1996), “Students Mobility in the Framework of Erasmus: Findings of an evaluation study”, In *European Journal of Education*, Vol. 31, No.2, p.153, Londres: Blackwell Publishing

Lista de Abreviaturas e Siglas

AN- Agência Nacional
BRASUP- Comunidade de Estudantes Brasileiros no Porto
CMP- Câmara Municipal do Porto
CPLP- Comunidade de Países de Língua Portuguesa
EGP-Escola de Gestão da Universidade do Porto
EILC- *Erasmus Intensive Language Course*
ESN- *Erasmus Student Network*
FADEUP- Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
FADEUP- Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
FAUP- Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
FBAUP- Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
FCNAUP- Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto
FCT-Fundação para a Ciência e Tecnologia
FCUP- Faculdade de Ciências Universidade do Porto
FDUP- Faculdade de Direito da Universidade do Porto
FEP-Faculdade de Economia da Universidade do Porto
FEUP- Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
FFUP- Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto
FLUP- Faculdade de Letras da Universidade do Porto
FMDUP- Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto
FMUP- Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
FPCEUP- Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto
I&D- Investigação e Desenvolvimento
ICBAS-Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar
IES- Instituição de Ensino Superior
IPP – Instituto Politécnico do Porto
ISCED- *International Standard Classification for Education*
LLP – *Long Life Learning*
MEI- Migração Estudantil Internacional
OCDE-Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico
PLE- Português Língua Estrangeira

PROALV- Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida

SCPLLA- Serviço de Cooperação com Países Lusófonos e Latino Americanos

SIGARRA- Sistema de Gestão Agregada de Recursos e Registos Académicos

SRI- Serviço de Relações Internacionais

U.Porto- Universidade do Porto

UCP- Universidade Católica Portuguesa

UC-Unidade Central

UE- União Europeia

UIS- *UNESCO Institute of Statistics*

UNESCO- *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*

UO- Unidade Orgânica

UPIN- Universidade do Porto Inovação

Lista de Gráficos e Figuras

- a) Figura 1. Esquema descritivo da instituição e do serviço no qual o estágio foi prestado 24
- b) Figura 2. Crescimento do Número de Alunos Inscritos no Ensino Superior 63
- c) Figura 3. Evolução do Número de Estudantes em Mobilidade (1975-2007) 66
- d) Figura 4. Distribuição de Estudantes de Mobilidade por Grau, 2007 67

Lista de Tabelas

1) Evolução da mobilidade de estudantes ao abrigo do programa Erasmus na U.Porto	18
2) Número de estudantes recebidos no SRI no ano académico de 2010/2011	19
3) Distribuição dos estudantes de mobilidade IN por Faculdade/Instituição	20
4) Mobilidade IN 2010/2011, por país	21
5) Mobilidade IN 2010/2011, por país	22
6) Inquérito e características dos respondentes	84
7) Fatores motivadores na escolha da U.Porto	87
8) Lugar que a U.Porto ocupa em termos de prioridades	88
9) Distribuição de Estudantes de Mobilidade por Grau	89
10) Duração do Período de estudos na U.Porto	89
11) Avaliação do atendimento personalizado prestado pelo SRI	90
12) Avaliação da Reunião de Registo no SRI	90
13) Avaliação das atividades culturais	91
14) Frequência de Cursos de Português Língua Estrangeira (PLE)	92
15) Razões apresentadas para não frequentar um Curso de Língua Portuguesa	93
16) Avaliação do curso PLE da U.Porto e das vantagens desta aprendizagem linguística	93
17) Grau de integração relativamente a diferentes dimensões	94
18) Contributos atrativos da Cidade e da Universidade do Porto	95
19) Grupos de socialização dos estudantes de mobilidade	96
20) Acolhimento por compatriotas em comunidades étnicas já estabelecidas	97
21) Se enfrentou problemas, a quem recorreu em primeiro lugar ou a quem recorreria	99
22) Principais dificuldades enfrentadas	100
23) Avaliação Geral do Período de Mobilidade	101
24) Avaliação da experiência de mobilidade em termos das competências desenvolvidas	102
25) Planos para o futuro, no seguimento da experiência na U.Porto	102
26) Recomendação da U.Porto a colegas como destino de mobilidade	103